

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana

MILAINE APARECIDA PICHITELI

Paisagem cotidiana e patrimônio-territorial: um olhar sobre as Feiras Livres da
cidade São Paulo

São Paulo
2023

MILAINE APARECIDA PICHITELI

Paisagem cotidiana e patrimônio-territorial: um olhar sobre as Feiras Livres da cidade São Paulo

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora Ciências - Geografia Humana.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato

São Paulo
2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Milaine Aparecida Pichitelli

Data da defesa: 24/05/23

Nome do Prof. (a) orientador (a): Francisco Capuano Scarlato

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28 de julho de 2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P592p Pichiteli, Milaine Aparecida
Paisagem cotidiana e patrimônio-territorial: um olhar sobre as Feiras Livres da cidade São Paulo / Milaine Aparecida Pichiteli; orientador Franscisco Capuano Scarlato - São Paulo, 2023.
155 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Feiras Livres. 2. Paisagem . 3. Paisagem Cotidiana. 4. Patrimônio. 5. Patrimônio-territorial. I. Scarlato, Franscisco Capuano, orient. II. Título.



ATA DE DEFESA

Aluno: 8136 - 10958713 - 1 / Página 1 de 1

Ata de defesa de Tese do(a) Senhor(a) Milaine Aparecida Pichitelli no Programa: Geografia (Geografia Humana), do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos 24 dias do mês de maio de 2023, no(a) Sala de Defesas realizou-se a Defesa da Tese do(a) Senhor(a) Milaine Aparecida Pichitelli, apresentada para a obtenção do título de Doutora intitulada:

"Paisagem cotidiana e patrimônio-territorial: um olhar sobre as Feiras Livres da cidade São Paulo"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Francisco Capuano Scarlato	Presidente	FFLCH - USP	Não Votante
Everaldo Batista da Costa	Titular	UnB(RUSP)	Aprovado
Francisco de Assis Gonçalves Junior	Titular	UFMT - Externo	Aprovado
Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde	Titular	FFLCH - USP	Aprovado

Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgadora *

A banca sugere, após rever a arguição, a publicação da tese em formato de artigo.

Eu, Regina Celi Sant Ana _____, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 24 dias do mês de maio de 2023.

Everaldo Batista da Costa

Francisco de Assis Gonçalves Junior

Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde

Francisco Capuano Scarlato
Presidente da Comissão Julgadora

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 24/05/2023 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Doutora em Ciências obtido no Programa Geografia (Geografia Humana) - Área de concentração: Geografia Humana.

Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Profa. Dra. Cláudia Amigo Pino
Presidente da Comissão de
Pós-Graduação
FFLCH-USP

Aos meus pais, Elza e Ademir Pichiteli, com
toda gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é abrir o coração e deixar o outro ali permanecer, ser grato é sentir que todo o caminho valeu a pena. Valeu a pena, porque quando se caminha na companhia de pessoas que fazem a diferença, a vida se torna mais leve, mais bonita, a felicidade é perene e o sentimento mais verdadeiro. Agradecer é um ato de amor e, por esse motivo, quero dedicar esse espaço àqueles que tanto quero bem.

Começo agradecendo aos meus pais, Elza e Ademir, por todo apoio durante essa caminhada, sempre que a situação parecia não ter saída, era para eles que eu me voltava, e em suas palavras de carinho tudo parecia possível. Em especial minha mãe, que com seu exemplo de mulher forte, sempre me incentivou a lutar e fazer meu melhor dentro de todas as adversidades.

Aos meus queridos tios Paulo e Iva, que no início dessa caminhada foram meu alicerce, me receberam em sua casa sem pedir nada em troca, me ensinaram tudo que eu precisava saber para me estabelecer na maior cidade do país, e, com seus conselhos, me ajudaram a trilhar todos os caminhos. Tio Paulo, eu tenho até hoje o bilhete que me escreveu um dia antes do processo seletivo, ele foi minha força quando achei que não conseguiria. Tia Iva, você é um dos maiores exemplos de batalha e vitória, obrigada por me ensinar através do exemplo o que é buscar pelos meus objetivos.

Agradeço ao meu companheiro de vida Rafael, por todo apoio dispendido durante todo o processo, você acreditou em mim todas as vezes em que eu não acreditava. Você me tirou de um poço sem fundo quando a luz não existia, me apoiou e me apoia todos os dias, por tudo isso, te amo.

Ao meu orientador professor Francisco Scarlato, por sua paciência nesses anos todos, sua história de vida me inspira, sua sabedoria me guia, o senhor é a Geografia em pessoa, viva e de luta, obrigada por tudo.

Aos amigos, Drielly, Kizzy, Wagner, Mumu e Tati, por todo carinho e acolhida. Alguns longe e outros perto, mas nenhum fora do meu coração, a vida é mais leve com vocês.

Ao meu psicólogo Ygor Santini Sellmer, que nos últimos anos me ajudou a sair da escuridão mais profunda que uma depressão poderia me colocar, sua escuta ativa e afetuosa me trouxe de volta a vida, com sua ajuda consegui voltar a me enxergar

enquanto profissional e enquanto pessoa, sem sua ajuda, provavelmente eu não estaria viva hoje para escrever essa tese.

“Perdendo-se no espetáculo do mundo,
buscando desaparecer no interior de si mesmo,
o narrador renova a velha e clássica equação
que faz de cada ‘paisagem’ o lugar de um
possível ‘estado de alma’.”
(Philippe Forest)

RESUMO

PICHITELI, M. A. **Paisagem cotidiana e patrimônio-territorial**: um olhar sobre as Feiras Livres da cidade São Paulo. 2023. 156 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

As feiras livres da cidade de São Paulo, enquanto paisagem cotidiana que envolve o sujeito situado, se transformam em patrimônio para os sujeitos que ela compõe, a partir de sua fruição. Nesse contexto, a presente pesquisa teve o objetivo de apresentar, baseado no ponto de vista do sujeito, o feirante, argumentação teórica sobre a construção das feiras livres enquanto patrimônio e, mais à fundo, patrimônio-territorial. A pesquisa orientou-se em uma abordagem qualitativa por meio de entrevistas com feirantes das Zonas Sul, Norte, Leste, Oeste e Central da cidade de São Paulo. Buscou-se, por meio dessas entrevistas, dar base a argumentação sobre a maneira como essas feiras se mostram para os sujeitos viventes enquanto patrimônio-territorial, conceito proposto por Costa (2016; 2017; 2018; e 2022), que no contexto da América Latina, continente assentado pelo discurso colonialista, aponta um respiro utopista, uma epistemologia situada, que aproxima o patrimônio de um ponto de vista existencial e propositivo. Por meio desse conceito foi possível concluir que as feiras livres da cidade de São Paulo se mostram dentro do circuito inferior da economia de maneira atípica, pelas relações sociais e econômicas, criadas através da junção entre o modelo do capital e as relações sociais bucólicas. E que no auge dos seus mais de 100 anos de história na grande metrópole, se mantém renovada e atuante, muito além de sua função no abastecimento da população local. Portanto, conclui-se, também, que sua fruição é o que a transforma em patrimônio-territorial do sujeito sitiado.

Palavras-chave: Feiras livres. Paisagem. Paisagem cotidiana. Patrimônio-territorial.

ABSTRACT

PICHITELI, M. A. **Daily landscape and territorial heritage**: a look at the open street market of São Paulo city. 2023. 156 f. Thesis (Doctorate) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The open street markets in the city of São Paulo, as a daily landscape that involves the situated subject, are transformed into heritage for the subjects they comprise, based on their fruition. In this context, the present research had the objective of presenting, based on the subject's point of view, the market trader, a theoretical argument about the construction of open street markets as heritage and deeper, territorial heritage. The research was guided by a qualitative approach through interviews with market traders in the South, North, East, West and Central Zones of the city of São Paulo. These interviews, were an attempt to base the argument on how these open street markets show themselves to living subjects as territorial heritage, a concept proposed by Costa (2016; 2017; 2018; and 2022), which in the context of Latin America, a continent settled by the colonialist discourse, points to a utopian breath, a situated epistemology, which approaches heritage from an existential and propositional point of view. Through this concept it was possible to conclude that the open street markets in the city of São Paulo show themselves within the lower circuit of the economy in an atypical way, due to the social and economic relations, created through the combination between the model of capital and the bucolic social relations. And that at the peak of its more than 100 years of history in the great metropolis, it remains renewed and active, far beyond its function in supplying the local population. Therefore, it is also concluded that its fruition is what transforms it into territorial heritage of the besieged subject.

Keywords: Open street markets. Landscape. Daily landscape. Territorial heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manchete do jornal Estadão de novembro de 1968.....	57
Figura 2 - Manchete do jornal Estadão de agosto de 1968.....	58
Figura 3 - Manchete do jornal Estadão de maio de 1969.....	58
Figura 4 - Manchete do jornal Estadão de novembro de 1969.....	59
Figura 5 - Manchete do jornal Estadão de novembro de 1968.....	59
Figura 6 - Manchete do jornal Estadão de novembro de 1968.....	60
Figura 7 - Feira Capão Redondo.....	65
Figura 8 - Feira Jardins.....	65
Figura 9 - Feira Parada Inglesa.....	66
Figura 10 - Feira Artur Alvim.....	66
Figura 11 - Feira Vila Madalena.....	67
Figura 12 - Feira Santa Ifigênia.....	67
Figura 13 - Trabalhador repondo mercadorias no Mercado Livre do Produtor (MLP) do Ceagesp.....	80
Figura 14 - Final de feira nos Jardins.....	83
Figura 15 - Dona Quiu, 46 anos de feira.....	92
Figura 16 - Feira Capão Redondo.....	100
Figura 17 - Feira Parada Inglesa.....	101
Figura 18 - Banca de legumes – Parada Inglesa.....	102

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de distribuição das feiras livres na cidade de São Paulo.....	51
Mapa 2 - Mapa das feiras selecionadas na cidade de São Paulo.....	68
Mapa 3 - Mapa de calor de distribuição das feiras por zona na cidade de São Paulo.....	98
Mapa 4 - Mapa de regiões, subprefeituras, distritos e bairros da cidade de São Paulo.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características dos dois circuitos da economia urbana em países subdesenvolvidos.....	61
Tabela 2 - Feiras visitadas.....	64
Tabela 3 - Fases principais da entrevista narrativa.....	70
Tabela 4 - Corpus das entrevistas.....	74
Tabela 5 - Feiras livres em São Paulo de 2003 a 2018.....	77
Tabela 6 - Conteúdo indexado (Panorama geral).....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões imanentes aos feirantes (Entrevista semiestruturada)	72
Quadro 2 - Questões imanentes a Secretaria de Abastecimento (Entrevista semiestruturada)	72
Quadro 3 - Conteúdo indexado.....	78
Quadro 4 - Conteúdo não indexado.....	78

LISTA DE SIGLAS

CEASA	Centro Estadual de Abastecimento
CEAGESP	Companhia de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MLP	Mercado Livre do Produtor
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
Rede PENSSAN e Nutricional	Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para a América do Sul
SMDET	Secretária de Desenvolvimento Econômico e Trabalho
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UPAS	Unidades de Produção Agropecuária

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1 INTRODUÇÃO	18
2 PAISAGEM E PATRIMÔNIO-TERRITORIAL.....	24
2.1 A Paisagem Cotidiana e o encontro com o ser	24
2.2 Ser e Topos.....	32
2.3 A transformação da paisagem em Patrimônio-Territorial	40
3 AS FEIRAS DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO	52
4 MÉTODOS	65
4.1 Entrevistas Narrativas	70
4.2 Análise das Entrevistas Narrativas	75
5 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES.....	77
6 CONCLUSÕES	105
7 REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	111

APRESENTAÇÃO

A geografia me trouxe até aqui, e, por meio dela, a paisagem cotidiana. As motivações para o desenvolvimento desta investigação surgiram ainda na graduação, mediante a oportunidade de desenvolver um projeto de iniciação científica. Com base na pesquisa, cujo intuito era entender como se dá a compreensão do conceito de paisagem por alunos do 6º ano do ensino fundamental II, com base na teoria Piagetiana, chegou-se a constatação de que alunos com a cognição mais desenvolvida compreendiam melhor o conceito de paisagem, por este conter um caráter abstrato. Com base nos resultados da pesquisa (PICHITELI, 2017), pensou-se em desenvolver uma proposta metodológica que propiciasse ao aluno a apropriação e o desenvolvimento desse conceito, auxiliando, também, e de forma não menos importante, em seu desenvolvimento cognitivo.

A oportunidade de desenvolver uma pesquisa de mestrado materializou esse pensamento, sendo construída e implementada uma proposta de leitura da paisagem em cooperação com duas professoras da rede pública de ensino da cidade de Maringá (PICHITELI, 2019). Foi a partir dos resultados obtidos nessa caminhada que cheguei ao patrimônio, ou melhor, à invisibilidade daquilo que não é, oficialmente, patrimônio. Ali, em contato com os sujeitos de um cotidiano espacial, pude perceber como paisagens locais vinham sendo apagadas por políticas institucionais e qual o papel da resistência popular dentro desse contexto. Esta singulariza, neste estudo, o patrimônio-territorial, que será esclarecido adiante.

1 INTRODUÇÃO

No cenário da maior metrópole brasileira, diversas forças disputam poder na produção do espaço urbanizado, e dentro do contexto de acumulação capitalista, as paisagens cotidianas compostas pelas feiras livres, tradicionais mercados de abastecimento local, se mostram enquanto representação da vivência do ser, mesmo enquanto um espaço banal, ordinário, em que a vida busca maneiras de se impor, seja pelo trabalho, pelas representações culturais ou pela busca da sobrevivência, em um meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006) cada vez mais fluído, e instituído de rapidez que confronta a necessidade de tempo da vida cotidiana. O ser que produz essas paisagens, tem uma grande influência na escala da vida e por meio de sua experiência vivida, marca a paisagem com sua cultura, saberes e fazeres, dignos de um patrimônio a ser preservado.

As paisagens cotidianas, enquanto passagem da vida habitual do ser, é marcada pela cultura e apresenta feições específicas que exprimem a relação do homem com o meio, por esse motivo, escolhemos as feiras livres como objeto de pesquisa desta tese, por entender que estas, enquanto encontro desses seres em um contexto que remonta à relação rural-urbana, marca a história no território, e apresentam uma alternativa ao projeto dominante, se desenvolvem em relação intrínseca aos territórios econômicos instituídos pela norma e constituem espaços de sociabilidade (MASCARENHAS; DOLZANE, 2008).

A paisagem cotidiana, em uma perspectiva geográfica, é compreendida para além dos elementos que a compõe, tendo em vista os fenômenos que a constroem e os sujeitos que dela se apropriam, uma associação de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. O saber-fazer localizado que é expresso por essas feiras é marca simbólica da vivência daqueles que a ocupam, assim criando uma perspectiva que transpassa as organizações sociais implícitas, dando origem a imagens únicas dos meios localizados.

Essas imagens únicas resistem a tentativa de homogeneização das paisagens, que através de formas padronizadas buscam criar no sujeito um sentimento de orientação generalizado (LINDÓN, 2012), fazendo com que o singular seja taxado como estranho no meio urbano. É inato ao pensamento do habitante da grande metrópole o sentimento de pertencer àquela cidade, mas ao mesmo tempo não

pertencer a lugar nenhum, pois devido a essa homogeneização das paisagens, todo lugar parece o mesmo lugar, o que dificulta a criação de um vínculo habitual.¹

Fora dessa lógica, o habitar do ser e seu encontro com as relações cotidianas em paisagens conhecidas, como as feiras do entorno de sua casa, são refúgio e mais do que isso, defesa da vivência e do seu modo de ser, e é nessa perspectiva que o objeto desta pesquisa aflora, na resistência que as feiras livres impõem frente ao moderno varejo, onde sobrevivem da reprodução social, como territorialidade popular (MASCARENHAS; DOLZANE, 2008). Dessa maneira entendemos as feiras livres como patrimônios-territoriais inerentes as paisagens cotidianas dos grandes centros.

Patrimônio é um conceito amplo que, enquanto suporte de memória, contribui para manter viva a cultura dos sujeitos frente às forças produtoras do espaço. O patrimônio não consiste apenas na coleta e proteção das coisas físicas dos lugares, no material, no patrimônio de pedra e cal (SMITH, 2011), e muito menos está estagnado no passado, como a lembrança de um tempo que não volta mais. Esse pensamento que ronda o senso comum, vem sendo superado através do tempo, mas foi base para a definição de patrimônio por pensadores e governos por muito tempo, o que contribui para a desvalorização de expressões populares tão presentes no cotidiano.

A Paisagem enquanto patrimônio é uma categoria recente nas chancelas dos discursos autorizados. Data de 1992, no âmbito da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a categorização da Paisagem cultural na posição de bem passível de preservação. Porém, a crítica está na maneira como essa paisagem vem sendo chancelada e o que vem sendo entendido como paisagem cultural. O que se critica não são os bens chancelados pelo discurso autorizado, mas o porquê de alguns não serem tornados patrimônio, mesmo que expressem singularidades simbólicas dos sujeitos viventes.

O conceito de patrimônio-territorial, que dá suporte as discussões deste projeto, foi proposto por Costa (2016) enquanto um utopismo patrimonial² de enfrentamento a

¹ Entende-se como vínculo habitual a cotidianidade desenvolvida pelo sujeito, ou seja, os laços que se cria com o ambiente, sua familiaridade.

² O autor propõe uma saída crítica, uma proposta alternativa localizada ao que ele chama de “epistemologia que dicotomiza sociedade e natureza, dedução e indução, a análises feitas a despeito dos processos” (COSTA, 2016, p. 2) que negligencia a história territorial latina pelo viés de seu povo tradicional. Para ele “Se a utopia rompe com a realidade presente e projeta o futuro, assume-se o utopismo como o ideal do processo social inovado e já em andamento; proposição no devir fundada

colonialidade do poder e do saber na América Latina (p. 1), é recente frente aos debates patrimoniais, entretanto, de grande relevância e necessidade no contexto de um discurso autorizado que deixa de fora a territorialidade de grupos excluídos na construção de identidade patrimonial. Para além do conceito de patrimônio cultural, o patrimônio-territorial, quando ativado, coloca em evidência os chamados territórios de exceção³, portanto, sendo esta pesquisa pautada nessa busca e as paisagens cotidianas compostas pelas feiras livres uma resistência frente ao capital organizado, encontra-se na reprodução social do sujeito cotidiano, o ponto central desta pesquisa.

A cidade de São Paulo possui aproximadamente 943 feiras cadastradas, entre feiras orgânicas, gastronômicas e tradicionais, elas estão distribuídas por todas as regiões da cidade, fazendo parte do cotidiano dos moradores de bairros centrais e periféricos. Como afirma Mascarenhas (1992) ao analisar as feiras da cidade do Rio de Janeiro, essa tradição antecede nosso passado colonial, trazida e implementada pelo colonizador ibérico, contribuindo fortemente para a organização territorial do país. Ainda segundo Mascarenhas (1992), também “[...] as feiras de gado contribuíram no século passado para a formação de núcleos de povoamento que posteriormente se transformaram em centros urbanos de grande dinamismo, sobretudo no interior paulista e nordestino” (p. 96).

Uma tradição centenária no território brasileiro, que se adaptou a passagem do tempo, está sendo ameaçada pelo crescimento da metrópole? A imposição das características urbanas de desenvolvimento, fez com que as grandes redes de supermercados realmente tomassem o lugar das feiras no abastecimento da população? Nesta pesquisa, buscou-se o aprofundamento sobre as origens destas questões, observando o possível desaparecimento e resistência das feiras livres, a fim de descobrir quem são os sujeitos envolvidos no processo. Vale salientar que quando se pontua a palavra resistência, vai-se além da ideia de existência e desaparecimento, têm-se em mente a relutância de um modo de vida, que no caso das feiras, está relacionado ao sistema rural-urbano embutido no processo de construção desse ambiente.

em ações de potencialidades e de fragilidades situadas e em situação duradoura” (COSTA, 2016, p. 2).

³ É importante salientar que o conceito de território de exceção proposto por Costa (2018) se aproxima do proposto por Haesbaert (2006, 2008 e 2014), pois parte da mesma matriz teórica, com o objetivo de “denunciar las violencias espaciales históricas” (COSTA, 2020), entretanto, o conceito de Costa parte do arcabouço teórico do existencialismo Sartreano, tendo como base também o pensamento decolonial e como afirma o autor “preocupados con la epistemología geográfica de la existencia”.

O objetivo maior desta pesquisa foi analisar a correlação entre paisagem cotidiana, patrimônio-territorial e sujeito, a partir das feiras livres que acontecem na metrópole de São Paulo – SP e, para atingir esse objetivo, alguns objetivos específicos foram propostos, sendo eles: entender a origem das paisagens cotidianas e também a origem das feiras livres na cidade de São Paulo; analisar a relação do ser com seu meio de vivência, por meio dessa paisagem e de suas relações de trabalho; entender como, a partir dessa relação, a feira enquanto patrimônio-territorial é construída; conhecer as forças que tornam as paisagens das feiras um símbolo de resistência dentro de um contexto urbano-industrial; compreender acerca da maneira como os agentes de vivência percebem ou não percebem essa construção desse patrimônio; para que, por fim, se possa propor meios de efetivar esse patrimônio-territorial.

Partindo da ideia de que a paisagem não é um objeto autônomo no qual o sujeito se situaria no exterior, estando apenas em seu campo de visão, mas como experiência em que o ser e o meio não se separam. Tem-se a hipótese de que a transformação das paisagens ocorre por meio da vivência cotidiana, ao passo que sua percepção frente à realidade é construída ou alterada por meio das emoções dos sujeitos, que transformam ser e meio em uma unidade que legitima e é legitimada pelo patrimônio-territorial. Visto isso, tem-se a ideia de que dentro de um contexto das feiras livres da cidade de São Paulo, o sujeito de vivência constrói resistências através de seus símbolos, que marcam a paisagem e influenciam o grupo social a qual está inserido.

A problemática desta pesquisa, gira entorno de duas questões norteadoras: o que transforma a paisagem cotidiana das feiras livres em patrimônio-territorial? E como incorporar essa paisagem em um circuito espacial que valide esse patrimônio-territorial? Foi no intuito de responder a essas questões, que se propôs o recorte da cidade de São Paulo, por observar a relação que essa cidade global tem com seus bens patrimoniais em um contexto globalizado, além da expressiva quantidade de feiras livres distribuídas por todo seu sítio urbano.

Justifica-se a escolha das feiras livres por entender que dentro da natureza do urbano, esse fenômeno transpassa a divisão técnica e social do trabalho nas cidades, pois mantém uma ligação entre o campo e o espaço da cidade, configurando aqui a dita resistência. Sobre essa proposta, Scarlato e Costa (2017) corroboram ao afirmar ser "[...] a cultura urbana ou a nova sociedade urbana, aquela que, gradualmente, se

distancia do trabalho do campo, mas necessita dele para sobreviver" (p. 5). Entende-se as feiras como uma singularidade dentro da essência da natureza do urbano, pois além de suprir as necessidades de abastecimento da população, fazem a ligação entre o campo e a cidade para além das organizações dos circuitos superiores da economia, criando uma linha direta entre esses dois mundos, separados e conflitantes, tornando-se um processo atípico a anunciação dessa essência, que se situa pautada nesses conflitos e em um processo de submissão. Além disso, as feiras livres mostram-se como espaços de vivência coletiva no contexto urbano, que antes de ser observados na objetividade das trocas comerciais, se pauta no sentido de habitar, ligado ao pertencimento do ser a um determinado local, sua fruição dentro do processo de construção (HEIDEGGER, 2012). Nesta tese, esse habitar vem atrelado ao conceito de paisagem cotidiana, empregado afim de atestar a ligação do ser com seu meio de vivência e ao conceito de patrimônio-territorial, enquanto signo e história de afronta por meio dos sujeitos as ideologias.

Na primeira seção desta tese aborda-se a paisagem e o patrimônio-territorial, buscando entrelaçar os dois conceitos primordiais deste trabalho. Para essa discussão buscou-se em Besse (2014), Berque (2011), Lindón (2012), Collot (1990) e Cauquelin (2007) o alicerce teórico para se debater a paisagem com a perspectiva do ser, e em Heidegger (2015) e Saramago (2008) para compreender a relação do ser com o meio. Para ligar as feiras livres a metrópole, foi em Scarlato e Costa (2017) que se buscou a base teórica, pois em suas discussões sobre a essência do urbano há a contemplação da paisagem, do patrimônio e do próprio ser vivente.

Ainda nessa seção foi discutida a paisagem enquanto patrimônio e o conceito de patrimônio propriamente dito baseado em um discurso autorizado, até respostas teóricas contrárias a esse discurso pautado nas ideias de Smith (2011) e Meneses (2012). Indo além, recorreu-se ao conceito de patrimônio-territorial proposto por Costa (2016; 2017; 2018; e 2022), que é a linha mestra desta tese. Por meio desse conceito, foi possível enxergar as feiras livres como território de exceção em uma metrópole guiada pela construção do capitalismo, sendo este território uma proposta ao discurso autorizado e as ideias pautadas na colonialidade.

A seção seguinte debate o histórico das feiras livres no Brasil e em menor escala na cidade de São Paulo, e para isso foi em Mascarenhas (1992) e Sato (2012) que se alicerçou o debate, buscado saber o papel da feira no abastecimento da

população, na vivência cotidiana do urbano e no mundo trabalho. Os teóricos citados foram de primordial contribuição para entender como as feiras funcionavam e funcionam e desvelar diversos pensamentos errôneos sobre o tema.

Na seção de métodos, foi apresentado modelo de coleta de dados desta pesquisa pautado em Jovchelovitch e Bauer (2002), e da análise dos dados vista em Schutze (2002), sendo esta a preparação para a seção seguinte que fará o entrelaçamento das teorias com a base de dados.

Ao entregar este texto à apreciação crítica dos leitores, é esperado que este lhes desperte ideias e um novo olhar sobre a paisagem cotidiana pautada no sujeito vivente e que, a partir desse olhar, surjam novas perspectivas considerando esse conceito tão valoroso para a ciência geográfica.

2 PAISAGEM E PATRIMÔNIO-TERRITORIAL

Dentro da perspectiva humanista, a paisagem é estudada e compreendida como uma realidade complexa, constituída pelo entendimento do ser sobre elementos a ela pertencentes. Esse entendimento dentro de uma escala ampliada, faz-se compreender que a ação da cultura sobre paisagens diferentes, rejuvenesce ou cria uma nova paisagem cultural, se sobrepondo àquilo que “sobrou” da anterior, e portando, transmuta entre ser, meio e sociedade. Sendo assim, o estudo da relação do homem com seu lar mutável revela a importância desse conceito, pois a partir dele é possível compreender essa relação e pensar ações que a perpetuem.

Besse (2014), ao debater a paisagem como representação cultural advinda da realidade mental, traz à tona a subjetividade da paisagem, somando suas dimensões ocultas, demonstrando que mesmo que se traduza e se inscreva no exterior, ela falará mais do interior dos homens, dos seus olhares e de seus valores. Dessa maneira, este estudo sobre as paisagens cotidianas das feiras livres será identificado como o estudo da percepção subjetiva, uma manifestação humana expressa por seus diversos discursos de valores culturais. É importante ir além da própria paisagem para enxergar suas razões de ser, concordando com as palavras de Collot (1990) quando afirma que a paisagem não é um objeto autônomo no qual o sujeito se situaria pela sua exterioridade. Portando, ao compreender a paisagem como algo intrínseco a subjetividade humana, entende-se o cotidiano dessas feiras como o entrelace entre ser e meio, formador de valores e emoções.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se transforma a paisagem por meio da subjetividade humana, a própria paisagem tem a capacidade de comover e despertar respostas emocionais (VALVERDE; LUNA, 2015), e acredita-se, para esse trabalho, ser essa a confluência entre a paisagem cotidiana e patrimônio-territorial, o ponto em que as feiras livres apresentam importância simbólica e histórica, simultaneamente.

2.1 A Paisagem Cotidiana e o encontro com o ser

A paisagem, enquanto conceito estudado por diversas áreas de conhecimento, tem um apelo visual atrelado ao seu entendimento. Compreendemos aqui o que o

mestre Milton Santos quis dizer ao pontuar que a paisagem é o domínio do visível por essa ser a porta de entrada da percepção. O que se deve levar em consideração é a conclusão equivocada de que ela se limitará a esse sentido. Muito se vê nas produções acadêmicas e materiais didáticos a utilização do conceito proposto por Santos (2014), sem levar em consideração a continuidade de sua fala, quando o próprio autor exemplifica a ação da percepção sobre a paisagem como algo intrínseco ao seu conhecimento, sendo este um processo subjetivo. E além disso, o autor não deixa de pontuar que essa percepção é uma ação seletiva, a depender do contexto de vivência de cada ser, sendo este um tema importante para esta pesquisa.

Chega-se agora a um dos pontos centrais desta pesquisa, que é o entendimento sobre a paisagem cotidiana, que é compreendida como uma variação do conceito de paisagem, sendo parte da vivência cotidiana e experiência do ser, aquela em que o sujeito é ponto central tanto da construção cultural, como da percepção das respostas emocionais oriundas de sua existência na paisagem. Portanto, pensando no objeto desta pesquisa, que são as feiras livres da cidade de São Paulo – SP, as paisagens cotidianas serão a composição dos elementos de vivência, a percepção e a experiência de um grupo de pessoas, que aqui poderão ser aqueles que usufruem dos produtos comercializados, os próprios feirantes ou os órgãos públicos responsáveis, ou seja, aqueles que tem a paisagem das feiras dentro da construção de seu cotidiano de vivência.

Para elucidar esse pensamento, encontra-se em Besse (2014) um dos alicerces teóricos. Para o autor, a paisagem é uma experiência fenomenológica, em que mesmo que a ela exista pela representação mental, se faz necessária uma realidade para as investigações. Essa será vista como a face objetiva da paisagem, um atestado da existência de um “fora”. Essa experiência, pautada em uma realidade objetiva, será sempre mediada primeiramente pelo sensível, sendo este, segundo o autor, a abertura as qualidades do mundo.

Lindón (2012) aponta a vida cotidiana como aquela protagonizada pelos sujeitos que habitam os lugares, sendo nesses locais em que o social é construído. Sendo essa cotidianidade mediada pelo sensível, entende-se que cada sujeito situado terá suas próprias percepções sobre suas paisagens íntimas, através de sua prática espacial individual, o que produzirá para cada ser uma experiência única com o meio

e que através da junção dessas perspectivas sociais mútuas, constrói-se a sociabilidade compartilhada.

Entende-se, portanto, que a vida cotidiana das feiras livres será aquela que, mediada pelo sujeito, despertará a capacidade diversificada de construção de paisagens, e que esse mosaico de percepções sobre um determinado local é o que vai compor as chamadas paisagens cotidianas, habitada pelo sujeito e capaz de lhes impor respostas emocionais.

Dessa maneira, sendo a vida cotidiana habitada pelo sujeito, outro importante conceito para se compreender essa vivência é o da experiência, o encontro entre o concreto e o subjetivo, ou seja, aquilo que é próprio do sujeito, e que ao mesmo tempo recebe estímulos externos. Cada ser constrói sua própria experiência a partir de sua existência, e a paisagem cotidiana é um dos lugares centrais desse encontro, é o estar no mundo em escala do corpo. Porém, deve-se tomar cuidado ao separar o 'fora' das representações mentais, pois como alerta Besse (2014), é a própria noção de experiência que tende a ser reavaliada, devendo ela ser entendida como uma saída no real, quando se está falando de paisagem.

Sendo a paisagem cotidiana uma exposição ao real, o encontro do ser com sua face objetiva, o que irá acontecer é o que o autor nomeia como 'desobjetivação'⁴, em suas palavras:

A paisagem não é tanto um objeto apreensível pelo pensamento quanto um certo modo de estar no mundo, um ambiente, certa maneira, muito singular, de participar do movimento do mundo em determinado lugar, A paisagem é primeiramente vivenciada e depois, talvez falada, a palavra buscando, sobretudo aqui, prolongar a vida, ou melhor, o vivo que faz da paisagem uma experiência. [...] A paisagem é o quadro ou, melhor dizendo, o nome que seria dado a uma intensificação particular da vida psíquica em momento e lugar determinados. E, na verdade, dizer nesse caso "a paisagem", já é dizer demais, é perder o próprio momento do "há paisagem" que nos arrebenta e nos transporta. (BESSE, 2014, p. 47)

Entende-se que o 'haver' paisagem está ligado a experiência do sujeito, e concorda-se com Besse (2014) nesse sentido, quando além da 'desobjetivação' o autor pontua a 'dessubjetivação' para explicar que se há experiência, haverá, portanto, uma exposição da subjetividade a concretude do fora. Dessa maneira, tomando para nós esse conceito de 'dessubjetivação' para analisar as paisagens cotidianas das feiras livres, pensa-se nela como algo que externa o sujeito, o coloca para fora de si

⁴ Para o autor a desobjetivação da paisagem acontece, pois além da exposição real aos elementos que a ela pertencem, existirá uma experiência com estes elementos pautada pela subjetividade do ser.

e ao mesmo tempo dentro da sua própria vivência, em um evento-paisagem⁵. Sendo assim, a paisagem é 'indestinada', escapa e está escapada, e essa é a sua razão de ser (BESSE, 2014).

Berque (2011) apresenta um termo que exprime essa fuga da dualidade, sendo ele a *trajecção*, que para o autor é um movimento onde subjetivo e objetivo não param de interagir, e sendo a paisagem cotidiana a relação dessas duas dimensões, isso corrobora mais uma vez com a tese de que a experiência está intimamente relacionada a ligação do ser com o meio.

A *trajecção* proposta pelo autor, habita a chamada *mediância*, que para Berque (2011) é o meio social dessas duas metades. Para o autor, essa relação se divide em três níveis, em suas palavras:

Este sentido conjuga três níveis: o do em-si das coisas e da natureza (a extensão do mundo físico ou objetivo); o das relações ecológicas que ligam a espécie humana ao seu ambiente; e o da paisagem, onde atuam as relações de ordem simbólica, pelas quais uma cultura naturaliza a subjetividade coletiva (BERQUE, 2011, p. 193)

A paisagem cotidiana será o resultado final dessa *mediância*, objetiva e subjetiva simultaneamente, traduzindo a relação do ser com o meio, em produção constante de sua realidade. Sendo essa produção de realidade, intimamente ligada as emoções do sujeito, que produzirá sua própria experiência.

Essa experiência produzirá o que Lindón (2012) nomeia como memória espacial, que para a autora será a apropriação de conhecimentos sobre os lugares de ordem prática, que só será possível por meio de suas vivências. Desdobra-se aqui esse conceito para exemplificar também a produção das paisagens cotidianas através das memórias espaciais, que da mesma forma acontecerá por meio da apropriação de conhecimentos, e sendo a paisagem a concretude do espaço, esta terá marcas visíveis dessas memórias individuais, que apresentarão algum nível de emoção e sentimentos dos sujeitos.

Um ponto central desse pensamento será então o conhecimento sobre os lugares, que é prático do corpo, pois entende-se que, para que o ser exista, é

⁵ Para Besse (2014), o evento-paisagem constitui a "imanência, imersão, participação, para nomear este encontro pré-reflexivo com o inobjetável" (p. 50), além dos chamados por ele de dispositivos modernos de 'objetivo e subjetivo'. O evento-paisagem é a imersão no ambiente, em que o sujeito está envolto pelos elementos físicos e em sua percepção. Esse pensamento muito se aproxima do pensando de Collot (1990) ao entender a paisagem não com um objeto autônomo no qual o sujeito se situa externamente, como citado na abertura deste tópico.

necessária uma ordem tópica, que é advinda da experiência objetiva corpórea do sujeito e despertará emoções. Dessa maneira, esse conhecimento sobre as paisagens cotidianas, poderá anular, por exemplo, sentimentos de medo e temor que se tem relacionados a lugares que não se conhece. Lindón (2012) exemplifica esses acontecimentos através dos inúmeros relatos de sujeitos que expressam, em suas palavras, “[...] seguridad y agrado al desplazarse por un territorio socialmente reconocido como peligroso, pero que el narrador identifica como muy familiar” (p. 709).

Lindón (2012), além de pontuar a experiência individual do sujeito, não se priva das dimensões sociais relacionadas a esses sentimentos, pois para a autora, além desse conhecimento, as posições sociais dos sujeitos também implicarão em seu deslocamento. Buscou-se observar isso de maneira prática nas paisagens cotidianas das feiras livres, procurando descobrir os elementos dessas paisagens que despertam esses sentimentos sobre uma experiência corpórea, sabendo que há grande diferenciação de ordem social nas paisagens observadas, o que trazem diferentes tipos de sentimentos relacionadas a ela e elevam essas paisagens ao enraizamento com seu território, as transformando (ou não, em patrimônios-territoriais).

O que se vê nos grandes centros urbanos na contemporaneidade é uma tentativa de homogeneização de paisagens, através de formas espaciais e padrões de repetição (LINDÓN, 2012), sendo instaurado o que a autora nomeia como “fantasia social”, que tem como objetivo a familiarização das paisagens, tornando os espaço cada vez mais parecidos e resolvendo os problemas de orientação cotidiana dos sujeitos. Berque (2011) entende essa homogeneização como a perda da *mediância*, quando o pensamento da paisagem é perdido, tornando-a um objeto fetiche, matando a paisagem. Ainda nesse sentido, o autor aponta ser no momento da objetificação científica, em que homem e Terra foram separados pelo rigor da análise do sujeito moderno, que se iniciou o processo de separação entre o sujeito e o objeto e, portanto, a perda da *trajecção*.

A partir da perda dessa *mediância*, quando o objetivo e o subjetivo são separados no pensamento paisageiro⁶, a paisagem se transforma em mercadoria, que

⁶ Para o autor, esse pensamento ocorre quando as sociedades, dentro de seu mundo de ações, atuam dentro dos seguintes critérios, contendo: “1. Uma literatura (oral e escrita) louvando a beleza dos lugares; 2. Uma toponímia indicando a apreciação visual do ambiente (em francês por exemplo: Bellevue, Beloil, Mirabeau...); 3. Jardins de recreio; 4. Uma arquitetura disposta para a fruição de uma bela vista; 5. Pinturas representando o ambiente; 6. Uma ou mais palavras para dizer ‘paisagem’; 7. Uma reflexão explícita sobre ‘a paisagem’” (BERQUE, 2011, p. 201).

não pertence mais a abstração individual do sujeito, mas a uma tentativa de uniformizar as paisagens cotidianas, pautada na fantasia social de padronizar os conhecimentos espaciais e as experiências dos sujeitos. Segundo Lindón (2012), ao se utilizar do conceito de Topofilia de Yi Fu Tuan, há uma separação entre a topofilia profunda e duradoura, que pertence a vida cotidiana, e a topofilia efêmera e superficial, que é induzida ao sujeito, sendo essa segunda a causa maior dessa homogeneidade.

Essa teoria corrobora em parte com a hipótese desta tese, quando dentro do recorte espacial percebe-se uma busca pela padronização escalar da paisagem, dentro da lógica capitalista da produção dos espaços, que transforma a cidade, cercando as paisagens cotidianas e deslegitimando aquilo que é entendido como patrimônio particular ao sujeito, impondo um estilo de vida, e dentro dessa homogeneidade, propondo supostas promessas de felicidade e conveniência relacionadas ao imaginário imagético das pessoas. Pensando nas feiras livres, é corriqueiro observar no ambiente dos bairros, uma disseminação das grandes redes de supermercado, fazendo com que aos poucos a rota do consumo seja mudada, tirando das feiras e dos pequenos mercadinhos a função de abastecimento local.

O que se discutiu até aqui, relacionado a experiência do sujeito em sua paisagem cotidiana, foi uma tentativa de demonstrar que esse encontro do concreto com o subjetivo se dá pelo ser, e mais além, pelo ser-no-mundo. Esse encontro produz marcas na paisagem, que além de criar um sentimento de pertencimento, despertará respostas emocionais pelos encontros pessoais com o meio. A seguir continuar-se-á a discutir as paisagens cotidianas, mas colocando em pauta outros pontos sobre a maneira como estas são percebidas pelos sujeitos.

Outro ponto acerca da paisagem gira entorno da visibilidade, que complementa o que foi dito anteriormente e discutido por Lindón (2012). Nesse sentido, a paisagem tanto pode mostrar como pode ocultar. E dentro da perspectiva das paisagens cotidianas, esse regime de visibilidade pode – quando, com intenção – homogeneizar a percepção sobre o vivido, tirando delas a consciência de existência e, conseqüentemente, de pertencimento.

As questões nesse ponto são: O que torna uma paisagem cotidiana invisível? Quais as forças que agem sobre ela? E com qual intenção? Pensa-se a partir desses questionamentos, que no âmbito desta tese, podemos encontrar relações entre a

paisagem cotidiana e o patrimônio-territorial, pois dentro da perspectiva das feiras livres, na tentativa de homogeneizar as paisagens, aquilo que é ordinário desaparece e com ele as vivências humanas.

Ainda discutindo sobre a visibilidade das paisagens, chega-se ao conceito de percepção, que abre as portas para responder as questões da invisibilidade e as forças que a tornam invisíveis. Nesse sentido, concorda-se com Collot (1990) quando ressalta que não se pode discutir a paisagem a não ser a partir da percepção, pois diferente do que se encontra em outras categorias espaciais, a paisagem se vê dominada pelo espaço percebido. Não se deve, entretanto, considerar essa percepção apenas como um efeito passivo, que recebe os dados sensoriais sem algum tipo de organização, pois sendo a paisagem um objeto simbólico construído historicamente, é mediada à percepção a organização do sentido desses simbolismos.

Collot (1990) aponta ser a partir do Romantismo – com sua teoria da paisagem enquanto um “estado de alma” – que os aspectos subjetivos das paisagens se acentuaram, dentro do entendimento sobre a dependência entre a paisagem percebida e o sujeito, sendo esta relação com duplo sentido, para o autor: “Enquanto horizonte, a paisagem se confunde com o campo visual de quem a observa, mas em troca toda a consciência sendo consciência de ..., o sujeito se confunde com seu horizonte e se define como ser-no-mundo” (COLLOT, 1990, p. 22). Demonstra-se aqui a via de mão dupla que existe entre a paisagem e o ser, sendo um inerente ao outro, através da percepção.

Segundo Cauquelin (2007), “percepção é uma evidência” (p. 103), portanto, está ato de tomar consciência de algo. A dificuldade de uma paisagem cotidiana de impactar o vivido para ser percebida é uma realidade sensível, que apenas por meio da consciência será trazida a realidade de vivência.

Scarlato e Costa (2017) também discutem a percepção no âmbito da fenomenologia, no intuito de lançar mão do pensamento sobre a natureza do urbano. Para os autores, “a percepção significa estar consciente do mundo, ou seja, tomá-lo como ele é” (p. 3), e vão além, quando pontuam a possibilidade que essa percepção dá ao sujeito a capacidade de compreender, conscientemente, a objetividade e subjetividade dos fenômenos urbanos, observe-se:

Perceber o mundo é o caminho pelo qual vivenciamos sua objetividade e sua subjetividade, no processo de construção da consciência do mesmo. Essa percepção e essa consciência não nos garantem apreender as coisas no mundo como verdades absolutas. Aquilo que melhor podemos afirmar

sinaliza nossa intuição pela evidência das coisas do mundo. Quando essa intuição passa pelo crivo da consciência, chegamos à evidência do fato (SCARLATO; COSTA, 2017, p. 3)

Tomando as palavras dos autores para discutir as paisagens cotidianas, e principalmente, as paisagens cotidianas urbanas, entende-se que ao haver percepção do ser sobre o mundo, portanto, consciência dessa evidência, esses pontos de invisibilidade tornam-se cognoscíveis, fazendo-se possível a vivência tanto da subjetividade como da objetividade, validando os objetos culturais que marcam a cultura cotidiana, formalizando a realidade e construindo uma imagem que será considerada real ao sujeito (CAUQUELIN, 2007).

Ainda no âmbito da percepção, uma problemática vem à tona na práxis dessa questão, que é a dificuldade de tomar consciência dessa 'evidência'. Pois a própria formalização dessa percepção vem atrelada ao que Cauquelin (2007) chama de "hábito perceptual", que se forma implicitamente ao sujeito e que, portanto, o manterá na invisibilidade. Ou seja, há uma grande complicação em compreender essa percepção impregnada de discursos externos, em perspectiva. Se fazem necessárias operações complementares de observação, reflexão, contexto e abstração, colocando essa percepção em evidência, a fim de dar ao sujeito autonomia de pensamento.

Deve-se compreender, entretanto, que esse olhar munido de operações complementares não é algo exclusivo aos profissionais paisagistas⁷, pois levando em conta a paisagem cotidiana como algo intrínseco ao ser, todos se utilizam de procedimentos semelhantes, mesmo que com um olhar ainda não consciente de sua própria percepção. Nesse sentido, Cauquelin (2007) pontua essas semelhanças, pois para a autora "Nós emolduramos, nós nos situamos a distância, procedemos por metáfora e metonímias, contextualizamos, chegamos até a intertextualizar, mesmo nunca tendo contato com essa noção" (p. 127).

Tornar visível ao sujeito suas próprias paisagens cotidianas é dar autonomia de pensamento àqueles que se mantêm dentro de uma lógica urbana regida pela ordenação da cidade enquanto negócio, o hábito de participar da formação de uma feira livre contribui na formação de uma identidade territorial, uma ligação entre ser e meio que é desvelada através do conhecimento sobre o próprio sujeito e o meio de

⁷ Neste ponto não está se falando apenas da construção estética dos profissionais paisagistas e arquitetos, pontua-se também os geógrafos, filósofos, poetas, pintores e todos os profissionais que se utilizam do conceito de paisagem em sua arte.

vivência, na prática essa relação se dá através da tomada de consciência sobre as mudanças que ocorrem dia a dia nas paisagens cotidianas e no valor que as feiras exercem para o sujeito.

Esse valor e essas percepções foram investigados nesta pesquisa através de entrevistas narrativas e semiestruturadas com os sujeitos de vivência dessas feiras, que constroem sua própria paisagem cotidiana em uma relação íntima com seu meio de vivência, a fim de entender a relação que os sujeitos têm com seu meio de vivência e a construção de laços territoriais que culminam em uma herança patrimonial.

Para entender como acontece essa tomada de consciência, tem-se a premissa da necessidade de tomar consciência de sua própria existência no mundo e como essa existência impacta as paisagens cotidianas do sujeito, sendo essa a discussão do tópico a seguir, que abordará as questões sobre a corporeidade e intercorporeidade dos seres.

2.2 Ser e Topos

É através de sua corporeidade que o sujeito se coloca no contexto das paisagens cotidianas, um mundo intersubjetivo, que se define pela forma de estar e permanecer nos lugares (LINDÓN, 2012), ou seja, mesmo sendo o ser definido pela sua subjetividade, sua objetividade no mundo é o que lhe dá completo entendimento.

Nesse tópico, discutir-se-á a relação do ser com seu meio de vivência e como esse vínculo influencia a maneira que ele resiste dentro das paisagens homogeneizadas típicas dos meios urbanos, discutidas anteriormente. Parte-se do entendimento do ser como o início das discussões, mas não nos detendo apenas a essa escala, por entender que a relação do ser com o meio, do ser com outros seres, e das intenções pré-estabelecidas ao meio no contexto urbano, também fazem parte da percepção do sujeito.

O ser localizado tem as paisagens cotidianas como palco de suas ações, é ali que há o entrelaçamento da sua subjetividade, corporeidade, emoções e história de vida, que darão ao sujeito uma experiência espacial e emocional relacionadas aos signos produzidos. Portanto, o sujeito habitante está enraizado a determinado local.

Tomar consciência de sua existência no mundo é o primeiro passo para a descoberta do ser-no-mundo, e de modo primário, como aponta Heidegger (2015), conhecer, dizer e discutir o mundo é a maneira de entender o que é ser um ser-no-

mundo. Seriam então os conhecimentos do mundo espacializado que trariam o entendimento sobre o ser, pois tomando o pensamento heideggeriano como alicerce, mundo e Dasein são indissolúveis. Sendo assim, as paisagens cotidianas constituídas em um mundo serão parte indivisível do ser.

Como ponto de encontro da vivência de diversos seres cotidianos, as feiras livres são cenários de relações de familiaridade que colocam os sujeitos em uma mesma espacialidade objetiva, mas que ao mesmo tempo apresentará diferentes percepções para cada ser que a ocupa, do ser feirante ao ser consumidor, cada parte envolvida na construção dessa paisagem cotidiana vai assimilar de uma maneira aquilo que é vivido. Em um primeiro momento, será dedicado um tempo para compreender a relação do ser com o meio, e como individualmente cada sujeito constrói suas próprias percepções, para daí então partir para a formação da intercorporeidade, ou seja, a socialização das paisagens cotidianas.

Para Saramago (2008), ao analisar a Topologia do ser em Heidegger, “[...] a forma de compreensão e interpretação do entorno que toma por referências o ocupar-se, o mover-se e o habitar do Dasein no mundo” (p. 43) será chamada de espacialidade fática. Portanto, o fato de tornar-se consciente da sua existência, tornará o conhecimento sobre o mundo possível.

A autora ainda pontua ser no mundo cotidiano que a espacialidade fática se mostra de maneira originária, sendo a partir dele que as interpretações do espaço e das distâncias no entorno do ser começam a ser compreendidas (SARAMAGO, 2008). Dessa maneira, compreende-se que as paisagens cotidianas apresentam nuances que dão segurança ao sujeito para habitar e se deslocar dentro do seu espaço de vivência.

Essa segurança está ligada a familiaridade que as paisagens cotidianas transmitem ao sujeito, estas não estão ligadas a apreensão ou conhecimento, mas no enraizamento com seu meio, em que sua cotidianidade é a marca da obviedade que marca a realidade (SARAMAGO, 2008), sendo essa obviedade, característica das invisibilidades da paisagem discutidas no tópico anterior.

Pensando ainda na perspectiva da paisagem cotidiana e em seus elementos, apropria-se novamente das palavras de Saramago (2008) para discutir de que maneira esses elementos serão compreendidos. Segundo a autora, “A compreensão do fenômeno do mundo jamais poderia ocorrer com base num procedimento que

tomasse as experiências como atos isolados [...]” (p. 48), e mesmo a sua própria vivência, só se tornará globalmente cognoscível quando analisada em um contexto de totalidade. Sendo assim, os elementos paisagísticos só terão significado quando, além da observação dentro de um conjunto, se tenha a compreensão do contexto e de sua temporalidade.

Essa significação será segundo a autora o *como* no encontro do ser com o mundo, o encontro do fenômeno com a interpretação e será marcado por dois aspectos essenciais, a compreensão de sua utilidade (*para-quê*) e sua posição dentro de um contexto (aparecimento dos “outros”) (SARAMAGO, 2008). Sendo assim, reforça-se que a compreensão acerca das paisagens cotidianas se dará dentro da utilidade dos elementos e em contexto de vivência, como afirma Michel Collot: “Ver é ver em relação” (1990, p. 26).

A vivência cotidiana das feiras oportuniza esse encontro do ser com seu meio relacional, pois como afirma Mascarenhas (1992) ela “surge ao indivíduo como uma oportunidade de participação, de construção social do momento vivido”, que ainda segundo o autor é algo que frequentemente é negado nas estruturas das grandes redes varejistas. Estando essa construção social relacionada a significação desse ser ao seu meio, a feiras serão o *como*, citado por Saramago (2008), enquanto que a compreensão de sua utilidade, o *para-quê*, é um dos pontos de investigação desta pesquisa, dentro do contexto da maior metrópole brasileira.

Voltando a discutir sobre a necessidade de observar os elementos da paisagem cotidiana em sua totalidade, Collot (1990) aponta ser por meio do enquadramento perceptivo que os elementos fragmentados da paisagem serão unidos para enfim serem compreendidos em sua totalidade, é a partir desse processo que a paisagem se tornará apta a significação do ponto de vista do ser. Para isso, o autor aponta três sistemas organizadores dessa percepção, a visão, a existência e o inconsciente. É a partir deles que a paisagem fará sentido, por ser analisada visualmente, vivida e desejada (COLLOT, 1990).

A corporeidade do ser, além de colocá-lo no contexto das paisagens cotidianas, também envolve sua percepção para além do sentido da visão. O corpo inteiro é acionado quando em contato com o meio, sendo a organização do espaço desenvolvida no entorno do esquema corporal (COLLOT, 1990). Entretanto, é importante salientar que esse encontro do corpo com o ambiente, utilizado pelas

sociedades tradicionais como um padrão para moldar o ambiente à vida do homem, vem se perdendo cada vez mais através da passagem do tempo nas sociedades modernas, com o advento das revoluções científicas o mundo de descobertas é abstraído do ser (BERQUE, 2011), criando uma dualidade de caminhos, que separa o domínio do objetivo, do domínio subjetivo, o que contribui fortemente para a invisibilidade das paisagens cotidianas.

Esse encontro corpóreo do ser com seu meio, será pautado em dois conceitos que se complementam para entender a intermediação entre as emoções, a espacialidade e o ser, sendo eles o dis-tanciamento e a orientação (HEIDEGGER, 2015). Esse dis-tanciamento, para Heidegger não se baseia na tradução literal do termo *Ent-Fernung* enquanto distância, mas se situa enquanto uma tendência de proximidade, o poder de aproximação de algo. Será utilizado esse conceito para compreender as emoções contidas nas paisagens cotidianas relacionadas as feiras livres, levando em consideração que essa aproximação trazida por Heidegger não implica necessariamente uma iminência física, que é existencial, mas uma essência espacial de algo, apreendida pela circunvisão⁸ do ambiente.

O cotidiano do ser está envolvido nesse dis-tanciamento, que segundo Lindón (2012) “[...] pone em juego, los sistemas interaccionales, la comprensión del otro, la intersubjetividad dentro de marcos particulares de entendimiento y configura los lugares de acuerdo a lo prévio” (p. 711). Sendo esses sistemas de interação pautados nessa circunvisão do ser, sua paisagem é interpretada segundo Heidegger cada vez mais de acordo com a ocupação cotidiana do nosso hábito. Para exemplificar essa relação espacial, o autor volta a corporeidade existencial de cada ser para exemplificar como este é seu ponto de partida, nas palavras dele:

A avaliação da distância sempre se faz relativamente a dis-tanciamentos em que a presença cotidiana se mantém. Por mais imprecisos e oscilantes que sejam os seus cálculos, tais avaliações possuem uma determinação própria e compreensível para todos no modo de ser cotidiano da presença. Assim dizemos – até lá é um passeio, é um pulo – são ‘dois passos’. Essas medidas exprimem que elas não apenas não querem ‘medir’ como também indicam que as distâncias avaliadas pertencem a um ente com que lidamos numa circunvisão e ocupação (HEIDEGGER, 2015, p. 159)

⁸ “Em suas lidas, a ocupação é guiada não pelo conhecimento ou por regras explícitas, mas pelo seu informal saber-como, pela *Umsicht*, "circunvisão", o tipo de *Sicht*, "visão", que está envolvida. Em *Umsehen*, "olhar em volta": "a circunvisão da ocupação é compreender como o senso comum compreende". Aquilo com que lidamos na ocupação em geral é o instrumento, o MANUAL, e a circunvisão é justamente aquilo de que necessitamos para essa lida” (INWOOD, 2002).

E tomando esse pensamento para as paisagens cotidianas pertencentes ao mundo do ser, entende-se que esta não será apenas uma composição de elementos dados pela sua exterioridade, mas um encontro da presença cotidiana, mediada por essa circunvisão, com o que Heidegger (2015) nomeia como “mundo verdadeiro” (p. 160), um mundo em que a existência do ser entre os entes se dará pela sua própria. Sobre isso, como aponta Saramago (2008), o que ocorre não é a dissolução dos conceitos, mas da rigidez das fronteiras (p. 95).

O dis-tanciamento é o que dará ao sujeito o conhecimento sobre seu próprio corpo enquanto ponto de referência ao mundo exterior, variando-se a forma como isso será posto em prática a depender da espacialização daquele sujeito (LINDÓN, 2012), ou seja, de acordo com o grupo social, região da área urbana e cultura em que aquele sujeito estiver inserido, essa referência será adaptada.

Para essa tese, concorda-se com Lindón (2012) quando aponta ser de grande importância a análise desse dis-tanciamento para entender a intermediação da situação cotidiana desse sujeito. A partir dessa análise, se faz possível observar quais os sistemas de interação e marcos sociais os sujeitos se afastam ou se aproximam. Ou seja, é tomando esse dis-tanciamento como modo de análise que se torna viável entender, dentro das paisagens cotidianas, com quais elementos o sujeito terá maior proximidade ou afastamento, conseguindo assim uma abertura ao conhecimento sobre seu patrimônio-territorial.

Além do dis-tanciamento, também se observa o conceito de orientação dentro da perspectiva de Heidegger, essa orientação vai além do envolvimento trazido pelo conceito de dis-tanciamento e dará ao ser sua característica de deslocamento. Será com base nesse distanciamento que o ser poderá se deslocar orientado, ciente das distâncias entre os entes, em seu sistema cognitivo corporizado. Lindón (2012) apontará que para esse sistema a cognição não associará exclusivamente ao pensamento, mas poderá ser compreendido na relação do sujeito corpóreo e situado com seu espaço de vida, ou seja, a orientação dará ao sujeito o deslocamento dentro de seu espaço de vida, trajado por sua cultura e emoções.

Lindón (2012), ao discutir esses conceitos, pensa ainda uma questão: “[...] en el mundo actual, particularmente en las ciudades, se registran nuevos patrones de des-alejación.” (p. 712), e discute uma possível resposta, que relaciona a vivência cotidiana nos grandes centros urbanos com esse dis-tanciamento e orientação. Para

a autora, as grandes cidades polarizam entre fortes tendências de afastamento relacionados a desconfiança sobre o outro, uma quebra no sentido de alteridade, e intensas aproximações de grupos sociais nos quais existem características comuns. A autora pontua ainda que esses padrões, mesmo se repetindo nos grandes centros, assumiram diversos contextos a depender de sua localização.

Na conjuntura das grandes cidades da América Latina, pode-se observar a lógica de polarização expressa pela autora acontecendo, pois dentro de um contexto de urbanização, essas tendências se retroalimentam por suas próprias forças formadoras. Scarlato e Costa (2017), ao debaterem a essência do urbano, apontam a cidade enquanto símbolo do poder político, econômico, militar e religioso, e ousa-se dizer coloniais, como geradora de conflitos, tornando a existência nesses espaços uma jornada angustiante, trazendo ao ser urbano uma vivência que, em suas palavras, “perfaz um mundo de oportunidades e frustrações” (p. 6). Portanto, concorda-se com Lindón (2012) quanto aos novos padrões de distanciamento e orientação que vêm se criando dentro dos espaços urbanos.

Mascarenhas (1997), ao debater o nascimento das feiras livres da cidade do Rio Janeiro, pontua a vida metropolitana como espaço de embate entre diversos interesses e necessidades que maximiza o duelo entre os setores marginalizados e hegemônicos, sendo essa demonstração objetiva da mudança dos padrões de orientação e distanciamento no contexto das feiras livres, quando interesses impõem um conflito dentro dos espaços públicos.

Voltando a Heidegger nesse momento, para discutir esse espaço urbano, um espaço que em sua essência é lugar de convivência, em que as cotidianidades se entrelaçam, onde o construir e o habitar se localizam. Quando o autor une essas duas palavras em um mesmo sentido, ele não está colocando a construção de algo restrita a habitação, mas está apontando a essência daquela construção pela sua fruição, quando indica que o “construir significa originariamente habitar” (HEIDEGGER, 2012, p. 127).

Essa habitação estaria atrelada a experiência cotidiana do sujeito, aquilo que lhe é habitual, pois como bem ressalta o autor, o habitar virá antes desse construir, pois essa construção vem à medida que vamos habitando os locais (HEIDEGGER, 2012). Utiliza-se dessas palavras de Heidegger para explicar a relação da habitação com as paisagens cotidianas, pois sendo essas paisagens inerentes a existência do

sujeito, habitá-las será construí-las, e não somente pelo sujeito em si, mas em sua convivência, quando aqui o conviver significa ter uma vida comum a outros indivíduos, ou seja, construir uma paisagem cotidiana que tenham significados comuns a um grupo.

A convivência está relacionada a intercorporeidade do ser, na construção de uma vivência conjunta e em pontos de vistas comuns sobre sua própria cotidianidade. Lindón (2012) ao pensar essa vivência conjunta, entende essa intercorporeidade como uma troca de experiências sensoriais em conjunto, que pode ser percebida em duas dimensões, sendo a primeira relacionada ao próprio corpo, quando este permite que aconteça a mediação entre o nós, e o mundo e que ao mesmo tempo o corpo será objeto sensorial dos outros, e a segunda relacionada a capacidade de habitar parcialmente no sentir do outro corpo.

A segunda dimensão contribui com a tese de que as paisagens cotidianas serão construídas através dessa intercorporeidade, da convivência do ser, com o meio e com os outros e isso, como aponta Lindón (2012), acontece dentro de três circunstâncias, em suas palavras: “Una de ellas es encontrarnos envueltos en las prácticas en las que el otro lo está. Otra circunstancia es el ser parte del contexto del otro y por último, cuando las dos previas ocurran en el aquí y el ahora del otro” (p. 713).

Ou seja, as práticas conjuntas, as influências que ambos têm dentro do contexto de vida e sua corporeidade situada, entrelaçam o cotidiano, abrindo espaço de compartilhamento de espaço e tempo entre sujeitos históricos e geográficos, que compartilham suas vidas e seus símbolos, dentro de uma realidade urbana produzida para dis-tanciar. É através da análise sobre essa intercorporeidade que se abrirá uma análise sobre a vida cotidiana compartilhada, que é condição própria do ser humano dentro do processo histórico no contexto das cidades e que vem cada vez mais sendo perdida pelo modo de vida moderno (LINDÓN, 2012).

Corroborando esse pensamento, Mascarenhas (1992) aponta ser um aspecto importante da feira livre “[...] a pessoalidade nas relações entre feirante e consumidor, que adentra pelo lado afetivo e chega a estabelecer laços de prolongada amizade e fidelidade mútua, algo impensável no sistema de autosserviço” (p. 114). Dentro do cotidiano das feiras livres, essa intercorporeidade se constitui em uma janela analítica para entender como se dão as construções sociais e experiências corporais dos

sujeitos envolvidos no processo (LINDÓN, 2012), que no caso dessas pesquisas são aqueles que usufruem do cotidiano das feiras.

Como pontua Lindón (2012), partindo do pensando do filósofo austríaco Alfred Schutz sobre os aspectos alter-ego, este será de extrema relevância para o conhecimento do nosso próprio presente vivido, pois é por meio dos outros que se viverá uma interação social no presente, visto que só se pode refletir sobre nós mesmo no momento seguinte ao passado do fato, devido à falta do 'outro' na vivência da mesma ação. Em suas palavras: “[...] nadie puede verse a sí mismo en acción, sino después de realizada la acción. Em cambio, por la vía de la intercorporalidad se puede acceder al presente vivido” (p. 714).

Pautando-se nos argumentos de Lindón (2012) sobre a abertura de uma janela analítica sobre as experiências vividas que a intercorporeidade apresenta, concorda-se com a autora de que essa janela se mostra como uma importante ferramenta metodológica sobre os relatos de experiência daqueles que experimentaram a intercorporeidade das feiras livres, pois por meio desses relatos é possível ter acesso a intercambialidade das vivências corporais expressas nas paisagens apresentadas, por esse motivo, foram escolhidas as entrevistas narrativas e semiestruturadas para esta pesquisa, como forma de acessar essas vivências e exaltar a relação dos seres que habitam aquele território.

Ainda argumentando sobre a Intercorporeidade no contexto das feiras livres e guiando-se pelo debate de Alicia Lindón, percebe-se como essa relação corporal entre os seres vem sendo negligenciada no contexto da metrópole, e pensando nas grandes redes de supermercado, com seu auto serviço cada vez mais incorporado a realidade, os seres são imersos em uma realidade individualista, que vem tirando aos poucos as relações sociais dos sujeitos de vivência, ponto que as feiras livres mantêm como característica e que colaboram para o fortalecimento dos laços sociais das comunidades que dela usufruem. Nas palavras de Alicia:

En última instancia, la intercorporalidad es algo así como el reverso de la intersubjetividad y por lo mismo es una de las bases de la construcción de lo social a través de las experiencias entre las personas. Por ello, toda mengua y retroceso en la intercorporalidad, en diversos contextos socio-territoriales, es una forma de destrucción de los vínculos sociales que advierte sobre procesos de producción social – y por lo mismo, de cambio social – que no han sido revisados críticamente lo suficiente (LINDÓN, 2012, p. 714-715)

Uma autora que debate a vivência das feiras, com enfoque no trabalho e na sociabilidade impressa pelo meio, é Leny Sato, professora do Departamento de

Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo. Seu trabalho corrobora o que foi debatido até o momento em Lindón (2012), quando aponta o ‘mundo ritual’ e cotidiano enquanto um espaço de sociabilidade polivalente, uma aproximação com o “sentimento de orientação generalizado” de Lindón, mas que guarda um grau de isolamento da vida da metrópole. Para a autora esse isolamento é uma face positiva do meio urbano, pois propicia que o diferente, e nesse ponto, as feiras livres, sejam destacados dentro de uma realidade vivida (SATO, 2012).

Em Sato (2012), portanto, é possível observar uma janela de investigação de complementa o que foi debatido até o momento, enquanto a grande metrópole busca homogeneizar, o isolamento, no melhor significado da palavra, foca naquilo que torna a vida cotidiana significativa.

A partir dessa observação, aproxima-se o momento de debater sobre o conceito de patrimônio-territorial, outro conceito chave dentro desta pesquisa, pois no momento em que discutimos a representação do ser *no* outro e em sua paisagem cotidiana, cria-se uma simbologia compartilhada, que influenciada pelas forças que regem o cotidiano, formam um patrimônio-territorial enquanto resistência de grupo.

Busca-se nessa tese o reavivamento da relação do corpo com o meio, e mais profundamente, com as paisagens cotidianas, para compreender de que maneira os patrimônios-territoriais ganham fruição na vida do sujeito. Quando clara essa relação, do ser e sua cotidianidade, poderá se desdobrar o entendimento sobre o conceito de patrimônio-territorial, que parte do sujeito situado para uma intercorporeidade.

2.3 A transformação da paisagem em Patrimônio-Territorial

A discussão sobre o patrimônio é complexa e abrange diversos pontos de vista. Entretanto, o que se vê na prática institucional é uma universalização que prioriza narrativas e mantém os chamados discursos patrimoniais autorizados (SMITH, 2011). Esses discursos, conduzidos principalmente por órgãos internacionais, acirram a busca pela patrimonialização local, que muitas vezes incumbem valores invariáveis ao patrimônio, tendo como plano de fundo a ideia de uma transmissão de valores para o futuro sem nenhuma alteração (SMITH, 2011).

Essa “herança encapsulada” (SMITH, 2011, p. 43), chancelada pelo discurso autorizado, não contempla a vida cotidiana que se localiza na escala em que a vida

acontece e traz três consequências relacionadas a falta da perspectiva individual e de grupos sociais que orbitam fora do discurso, como aponta Smith (2011). A primeira delas é a exclusão de compreensões que não se enquadram no pensamento dominante, ignorando as vivências cotidianas das minorias [e também as vivências emocionais de cada indivíduo ou grupo], a segunda está relacionada a validação constante dos valores e conhecimentos alinhados a esse pensamento, reforçando assim o seu discurso, e a terceira está no fato de que as duas consequências anteriores obscurecem a produção cultural e os processos de criação de sentido e representação dos discursos negligenciados.

Busca-se nesse tópico um debate que vai além do chamado Patrimônio Cultural, mesmo que este seja um ponto de partida para a discussão. Pois concorda-se com Meneses (2012) quando o mesmo aponta uma reflexão crítica sobre como o trabalho no campo do patrimônio vem se reduzindo a “referências mecânicas” que esvaziam o conteúdo existencial, deixando o conceito de Patrimônio cultural a parte da do cotidiano e da vivência do trabalho. E pensando em nosso objeto de estudo, atrelado intimamente a vivência cotidiana do sujeito e ao mundo do trabalho, o esvaziamento do conceito ou sua aproximação apenas com o universo das coisas, contribuiu para sua desvalorização e, conseqüentemente, uma grande perda cultural.

Ainda debatendo a cultura, Meneses (2012) traz o exemplo de um cartum, que segundo o autor fora publicado na revista *Paris-Match*, que demonstra a relação territorial que o sujeito vivente tem com seu patrimônio, que se distancia da relação desterritorializada do visitante de determinado lugar:

Nessa imagem, no interior hierático, solene e penumbroso de uma catedral gótica (Chartres), aparece uma velhinha encarquilhada, de joelhos diante do altar-mor, profundamente imersa em oração. Em torno dela, a contemplá-la interrogativamente, dispõe-se um magote de orientais, talvez japoneses. A presença de um guia francês nos permite considerar que se trata de turistas em visita à catedral. O guia toca os ombros da anciã e lhe diz: – “Minha senhora, a senhora está perturbando a visitação”. Eis um retrato impressionante da perversidade de certa noção de patrimônio cultural vigente entre nós (MENESES, 2012, p. 26)

Cita-se esse cartum no intuito de conduzir a discussão no sentido da relação do indivíduo com seu meio de vivência e de como essa vivência vem sendo negligenciada em alguns âmbitos da discussão do Patrimônio. Sendo o objeto de estudo desta tese as feiras livres, que tanto tem relação com o cotidiano territorial dos

indivíduos, pensar na relação do ser com o meio por meio das feiras pode abrir uma nova perspectiva sobre essa atividade tão tradicional de abastecimento alimentar das cidades.

A relação de pertencimento criada pela relação do habitante com seu território, cria mecanismos no processo de identidade local, que é existencial em sua essência, pois pressupõe uma temporalidade e um vínculo com o habitar (MENESES, 2012), recupera-se aqui o conceito de habitar em Heidegger, que vai além de apenas morar em determinado local, mas construir vínculo habitual e como bem pontua Meneses (2012) no exemplo visto no cartum: “A vida cultural, no caso da velhinha, pode ser entendida como uma forma de qualificação pelo sentido e, portanto, como raiz de interioridade e consciência” (p. 27).

O autor se utiliza da palavra “fruição” para exemplificar a relação da velhinha com a catedral, que para ele envolve uma apropriação afetiva e também cognitiva, pois mesmo que ela não tenha conhecimento especializado sobre a catedral, como o século em que foi construída ou o estilo arquitetônico, ela terá conexões profundas com aquele bem cultural, pois como pontua Meneses (2012), antes de mais nada, ele será um “bem”, uma coisa boa e significativa em sua vida. “Boa de conhecer, de ver, de sentir, de experimentar como um vínculo pessoal e comunitário e, finalmente, boa de usar, de praticar – pragmaticamente é um bom lugar de rezar” (p. 28).

O mesmo ocorre na relação dos sujeitos que usufruem das feiras livres. Há uma conexão que foi investigada através do contato com os sujeitos do meio em questão, pois entende-se que se mesmo depois da criação e implementação das redes de supermercado na metrópole paulistana os sujeitos ainda buscam as feiras livres como abastecimento, isso pode significar um enraizamento com aquela paisagem cotidiana, que transforma aquele local em um patrimônio-territorial para aqueles que a utilizam. Por que comprar seu alimento ali e não em um supermercado, que por vezes pode apresentar maior variedade de produtos?

Utiliza-se a fala de Meneses (2012) nesse trabalho também para instrumentalizar a ideia do discurso autorizado discutido por Smith (2011), levantando o questionamento sobre o que Ulpiano chama de “culturalização”, que são os bens instituídos por órgãos especializados que apresentam valor para a cultura mundial, mas que não fazem sentido para a população local, mesmo que estes sejam os principais envolvidos na fruição contínua e profunda com aquele bem, sendo os

sujeitos que criam um laço social duradouro. Patrimônio para quem? Esse é o principalmente questionamento, que também é uma busca dentro desse trabalho, por ter como objetivo a ativação do patrimônio-territorial das feiras livres de dentro para fora, validando a relação dos sujeitos de vivência com sua paisagem cotidiana.

Uma alternativa a esse discurso autorizado, reside no conceito de patrimônio-territorial proposto por Costa (2016; 2017), que no contexto da América Latina, continente assentado pelo discurso colonialista, aponta um respiro utopista, uma epistemologia situada, que aproxima o patrimônio de um ponto de vista existencial e propositivo (COSTA, 2016). Tudo isso, para além dos tombamentos atribuídos pelos discursos autorizados, e a fim de saudar as memórias daqueles que construíram e constroem suas vivências cotidianas. Nas palavras do autor:

El patrimonio-territorial es una utopía de resistencia popular que afronta por medio de sujetos, grupos y bienes culturales no institucionalizados la ideología que legitima históricamente la colonialidad del poder y del saber. El patrimonio-territorial es la expresión cultural espacial de los subalternizados en el proceso colonizador latinocaribeño; por el contrario, la definición de los territorios de excepción, cuya esencia en las periferias urbanas es la lucha cotidiana y solidaria para la supervivencia, está vinculada con estigmas y amenidades espaciales. Los prejuicios generan una estética espacial y el concepto territorio de excepción pretende aminorar los daños de dichos prejuicios: es síntesis estética espacial reveladora de problemáticas y también de potencialidades vividas en todo el continente; potencializa una dialéctica entre fragilidad y fuerza espacial de los sujetos en los territorios de excepción como hechos (COSTA, 2018)

O patrimônio-territorial enquanto signo e história das memórias urbanas é entendido no presente contexto como palco de ação do *ser-com*⁹ localizado e dos fenômenos subsequentes resultantes da história, sendo a paisagem cotidiana das feiras livres objeto já estudado por Costa (2022), um exemplo desse patrimônio.

Nessa conjuntura, o estudo de Costa aponta um importante e interessante contexto, ao apontar o caráter decolonial que se apresenta através dessa rugosidade urbana. Para o autor “Aunque sean artefactos del colonialismo y enfrenten una resignificación económico cultural, los mercados tienen el capital social y cultural para favorecer la reconstrucción de historias” (p. 92), ou seja, mesmo que seja uma tradição dos colonizadores forjada em terras latinas, os mercados e feiras livres contribuem

⁹ Para Heidegger o *ser-com* é aquele que vem ao ser-no-mundo, não provém do isolamento do ser, para ele “[...] os ‘outros’ não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está” (2020, p. 174). Utilizaremos aqui esse conceito para aprofundar o pensando coletivo, mesmo que dentro de uma perspectiva de exceção.

para a preservação de saberes e ações de sujeitos localizados (COSTA, 2022), preservando assim sua subjetividade e intercorporeidade.

Outro ponto a ser levantado nessa discussão, ainda preconizado por Costa (2022) e que será introduzido com mais profundidade na seção a seguir, é a importância das feiras livres no circuito inferior da economia urbana, e indo além, pontuando também na economia doméstica da classe trabalhadora, pois além de toda conservação da “[...] memória espacial, los objetos, lugares, rituales, producciones, productos y su transmisión generacional” (p. 94), há a segurança dos preços abaixo dos praticados nos supermercados.

O ser no mundo, *Dasein* de Heidegger (2015), citado anteriormente traduzido em algumas produções como a “presença no tempo” que compreende a si mesmo enquanto ser que existe, compreendendo-se no mundo, que vive a paisagem cotidiana, que dá sentido aos fenômenos que ali acontecem e que se relaciona com os demais entes, sendo o princípio da existência da paisagem e, ousando dizer, do patrimônio. Partindo desses ideais, o encontro desse ser localizado com a paisagem cotidiana será o ponto de partida dessa proposta de análise e a partir dessa relação se dará a investigação sobre a construção e ativação do patrimônio-territorial (COSTA, 2017).

Um conceito importante dentro da perspectiva do patrimônio-territorial, é o de território de exceção, que como cita Costa (2018) no trecho acima, está muito ligado a luta cotidiana e solidária pela sobrevivência em locais onde o poder público não atua ou atua de maneira deficitária, sendo então as paisagens cotidianas uma marca cultural plena da sociedade que nela reside, sem interferência das forças homogeneizadoras que atuam sobre o território, pois, como pontua o autor, “[...] sujeitos, aglomerados, objetos e saberes (não só a pobreza) constituem territórios de exceção na América Latina” (p. 61).

Entende-se que as feiras livres são territórios de exceção nos grandes centros, por sua resistência frente as grandes redes de abastecimento espalhadas pela metrópole e pela tentativa sem sucesso de seu esvaziamento pelo poder público nas décadas passadas (MASCARENHAS, 1992), ponto que será abordado com maior profundidade na seção a seguir, além da opinião pública, importante ponto para se debater a existência das feiras e sua permanência. Em uma economia regida pelo

capital financeiro, que prioriza relações topológicas¹⁰ em detrimento das relações topográficas e que cada vez mais virtualiza os encontros (COSTA, 2018), as feiras livres são signos de uma espacialidade factual-memorial, que marcam os territórios e a vida dos sujeitos que a vivem.

Para Costa (2018), os territórios de exceção são constituídos de um conjunto de ausências e presenças, sendo essa nuance urbana explorada nesta pesquisa. Para o autor, as ausências estão relacionadas principalmente pelas instituições públicas e privadas, seja o Estado ou o mercado, enquanto que as presenças se dão no âmbito do sujeito, em suas produções locais de bens culturais, feiras populares, culinária, entre outros pontos seculares que individualizam uma sociedade. Busca-se explorar as relações dos sujeitos com seus territórios de exceção, em um esforço de evidenciar sua intercorporeidade em uma marca de suas paisagens cotidianas.

Buscou-se através desta pesquisa encontrar, também, a relação que o patrimônio-territorial da metrópole tem com o mundo do trabalho, tendo em vista que a própria existência das feiras livres é uma relação de trabalho dentro de um circuito inferior da economia urbanizada e descobrir se essa relação com a classe trabalhadora, contribui para a exclusão desses territórios de exceção enquanto signo de um grupo. Sobre isso, Smith (2011) aponta a importância de se demonstrar a natureza ativa e autoconsciente do patrimônio das classes trabalhadoras enquanto maneira de legitimar histórica e socialmente as experiências dessa classe, não apenas no campo patrimonial, mas também como um recurso político dentro das lutas de poder.

Segundo dados da prefeitura de São Paulo, obtidos com a Secretaria Executiva de Abastecimento, são gerados aproximadamente 36.000 vagas de emprego diretas e indiretas através das feiras livres, de maneira formal e informal, o que nos corrobora a importância desse meio nesse circuito, são 11367 permissões e autorizações para venda nas ruas de São Paulo, dados encontrados no chamado “Tô Legal”, meio da prefeitura que concentra os processos de regularização desses trabalhadores.

Para a autora, as políticas de reconhecimento advindas das experiências dessas classes trazem consequências na distribuição e acesso a recursos, oferecendo certa equidade entre o patrimônio autorizado mundanizado e os territórios

¹⁰ Para Costa (2018) as relações topológicas criadas pelo capital financeiro são as relações virtuais que se criam na sociedade atual, em detrimento dos encontros e das relações corpóreas.

excluídos, pois legitimando esse patrimônio, se reconhece a existência das classes trabalhadoras e lhes dá força política dentro das políticas patrimoniais, além de fortalecer a identidade e o pertencimento com seu patrimônio material ou imaterial. Portanto, concorda-se com Costa (2018) que sendo o trabalho uma condição de existência espacial, será essa relação que dará sentido aos diferentes formatos da vida especializada, uma vida que resiste dentro da condição urbana que cria seus próprios territórios de exceção.

Para Costa (2018) o contexto do patrimônio-territorial reside na reprodução espacial através da realização social da economia, que concretamente pode ser observado pelas relações de trabalho e suas construções no ambiente. No contexto do estado de São Paulo, o autor aponta as atividades ligadas a “[...] produção e a exploração direta da terra – agricultura, pecuária, mineração – e atividades dependentes de mais complexas aglomerações humanas” (p. 61), como criadoras de patrimônios-territoriais, isso corrobora mais uma vez com a ideia de que as feiras livres podem ser consideradas como tal, devido a sua natureza enraizada com a história econômica, rural e urbana no território brasileiro, e também um novo alerta para que não se desatrole a história das feiras livres da história da classe trabalhadora brasileira.

Voltando ao campo da cultura, Meneses (2012) aponta para a existência de uma relação entre o material e o imaterial no âmbito patrimonial. Segundo o autor, as diferenças entre essas duas dimensões são mais operacionais do que ontológicas, pois haverá uma relação intrínseca entre as duas. Para ele se “[...] todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo o patrimônio imaterial uma dimensão material que lhe permite realizar-se” (p. 31), e esse pensamento pode ser compreendido também no campo da paisagem, que se faz pelo entendimento de que sua face objetiva, só será compreendida através da percepção de sua face subjetiva.

Dessa maneira, a chamada *mediância* proposta por Berque (2011), discutida no tópico anterior sendo a simultaneidade entre as dimensões objetiva e subjetiva da paisagem, muito se aproxima da ideia de Meneses (2012) para o patrimônio, pois implica um entrelaçamento entre as dimensões cognitivas do ser e sua reprodução cultural no espaço. Para Meneses, o saber imaterial, essa relação subjetiva com o

patrimônio pode ser chamada de conhecimento corporificado¹¹ e está intimamente ligado a memória do sujeito.

Uma dificuldade apontada pela autor é a identificação dos valores dados aos bens patrimoniais, pois estes não demonstram seus significados intrínsecos logo em sua faceta material, sendo necessário adentrar o campo social, operar e agir suas ideias, crenças e afetos, para em seguida compreender a relação que um grupo tem com aquele bem, seja imaterial ou material. Para Meneses, “[...] o patrimônio é antes de mais nada um fato social” (2012, p. 33). Dessa maneira, de nada adiantará a escrita desta pesquisa em uma busca de valoração das feiras livres enquanto patrimônio-territorial urbano se não houver um mergulho na realidade social dos sujeitos de vivência que resistem nessas feiras, orientando-se a partir da escala do corpo, para então uma busca do ser social intercorporificado e por fim uma valorização dessas paisagens cotidianas enquanto significativas a um grupo.

Sobre os valores culturais, Meneses (2012) contribui com esta pesquisa ao apontar cinco instâncias que em conjunto ajudam a explicar a relação dos grupos sociais com seus patrimônios, sendo elas: os valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos. Para exemplificar essas instâncias o autor tomou como base o exemplo da catedral citado no início deste tópico, porém para esta pesquisa faz-se um paralelo com as feiras livres, na busca de aprofundar o entendimento sobre as relações sociais dos sujeitos com seu meio de vivência.

Os valores cognitivos, segundo o autor, são referentes à fruição intelectual ligada ao bem, ou seja, o conhecimento técnico. Relacionando esse valor as feiras livres, está se pontuando, entre outros tantos meios de conhecimento, sua localização, o zoneamento urbano a qual pertence, a apropriação dos grupos sociais para cada feira livre, se existe uma lógica na distribuição das barracas, de onde vem os produtos, quais as leis sanitárias que são seguidas, e etc. Isso pode significar uma ligação com o território de maneira prática, porque ali e não em outro lugar? Essa questão estará presente nas entrevistas.

Os valores formais, qualificam a consciência, do agir à percepção, no sentido de “[...] gratificar sensorialmente e tornar mais profundo o contato de meu ‘eu’ como ‘mundo externo’ ou ‘transcendente’” (p. 35), portanto, o valor aqui será predominante

¹¹ Meneses (2012) cita o exemplo dado pelo antropólogo Jean-Pierre Warnier, para ele “[...] não basta dizer que *temos* um corpo; é necessário precisar que *somos* um corpo” (p. 32). Para o autor, essa é a maneira de estarmos no mundo.

estético¹², possibilitando a saída de dentro do ser. E nas feiras livres, esses valores estão relacionados aos sentidos que são despertados no contato com aquela paisagem, como as pessoas que se encontram ao frequentar determinada feira, o porquê de escolher determinada barraca em detrimento de outra, o tratamento que o feirante dá ao frequentador, a rotina que se cria ao ir a determinada feira de sua vivência, etc. Essa ligação com a feira se dá na dimensão perceptiva no sentido de organizar os símbolos ali expressos como visto anteriormente no texto nas passagens de Collot (1990), Cauquelin (2007) e Scarlato e Costa (2017).

O valor seguinte é o afetivo, que segundo o autor consta de “[...] vinculações subjetivas que se estabelecem com certos bens” (p. 36), como carga simbólica, sentimentos de pertencimento e identidade. Dentro do cotidiano das feiras pode-se compreender esse valor dentro das conexões sensíveis com aquele meio, como as lembranças que aquela paisagem traz, de infância, de encontros ou culinárias, a identidade que se tem com alguma peculiaridade da feira do seu cotidiano, seja um feirante conhecido, um produto ou uma intervenção cultural, entre outros pontos relacionados ao universo do afeto. Ulpiano ainda coloca um importante aviso que deve ser levado em consideração durante as pesquisas sobre esse valor, que é a não confusão desse modo de aferição subjetiva, com as chamadas pesquisas de opinião, ou abaixo-assinados, por exemplo, pois no âmbito da valoração afetiva, a análise desses processos envolvem mecanismos complexos, como “[...] representações sociais e o imaginário social” (p. 36), dessa maneira, acredita-se ser as entrevistas uma escolha que atenderá aos objetivos desta pesquisa, em uma tentativa de aferição desses valores.

O penúltimo valor que contribui na compreensão sobre o patrimônio são os pragmáticos, que para o autor, são os valores percebidos como qualidades, para além dos valores de uso. Segundo Meneses, tais valores “[...] são comumente marginalizados ou ignorados entre nós, com significativa frequência. Não estranha, pois vivemos numa sociedade que ainda não superou a herança escravista” (2012, p. 37). No ambiente das feiras livres, esse valor seria observado no entendimento do porquê da escolha das feiras para abastecimento alimentar de sua casa em detrimento das grandes redes de supermercado, pois mesmo que os supermercados

¹² Meneses (2012), ao citar a palavra estético, está se referindo ao sentido original da palavra vindo do grego, *Aísthesis*, que significa percepção.

apresentem valores de uso mais atraentes, como a facilidade de encontrar determinando produto, ou a periodicidade de oferta dos mesmos, os sujeitos de vivências das feiras, recorrem a ela para suprir suas necessidades.

Por último, encontram-se os valores éticos, que para o autor estão associados não apenas aos bens, mas as interações sociais de apropriação, ou seja, ao significado daquele bem para um determinado grupo, dialogando com seu direito a cultura e a diferença, que só terá legitimidade ao conciliar e produzir transformações mútuas (MENESES, 2012). No cotidiano das feiras livres, esse valor é expresso nas diferenças culturais encontradas entre as tantas feiras espalhadas pelo território paulistano, a depender dos produtos que são comercializados, da região em que se encontra aquela feira, na periodicidade em que elas acontecem, dos grupos sociais que a ela frequentam, entre tantas outras características das interações que nela ocorrem.

Sobre isso, Meneses ainda chama a atenção para o fato de que sem a existência do diálogo transformador social de um patrimônio, esse multiculturalismo, importante e inerente ao bem, se transforma em um universalismo, que nada mais é do que a desconexão desses bens de seu significado social, tirando-o de contexto e o colocando em um pedestal museológico, que ao sair desse âmbito e adentrar os componentes ativos das tensões sociais, serão acompanhados de grande contenção cultural. Com esse pensamento, volta-se as palavras de Costa (2016) ao pontuar o patrimônio-territorial como uma “[...] afronta, por meio de sujeitos, de grupos e de bens culturais situados e em situação espacial, a ideologia que legitima, na história, a colonialidade do poder e do saber” (p. 9), portanto, é o patrimônio-territorial, uma resistência frente a esse universalismo que busca encapsular as diferenças culturais dos sujeitos cotidianos.

Os valores discutidos anteriormente serviram de base para a definição das questões exmanentes¹³, relativas ao método de entrevistas narrativas. Por meio dessas formulações, foi possível a organização do tópico inicial para a narração, que se transformarão nas questões imanentes¹⁴, que alcançam a linguagem do entrevistado, fazendo com que os objetivos desta pesquisa possam ser alcançados.

¹³ Segundo Jovchelovitch e Bauer (2013), as questões exmanentes, [...] “refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagens” (p. 97) portanto, são ancoradas nos interesses gerais da pesquisa.

¹⁴ Enquanto isso, as questões imanentes, são questões que acompanham a linguagem do entrevistado, o deixando livre para contar suas experiências.

Além desses valores, os conceitos discutidos até o momento de paisagem cotidiana e patrimônio-territorial também fazem parte da definição dessas formulações iniciais. Pensa-se em utilizar esses valores por compreender que os mesmos podem contribuir com o entendimento sobre a relação do ser com seu meio de vivência, dentro de diversos âmbitos.

Adentrando novamente ao conceito de patrimônio-territorial, chega-se à discussão sobre as possibilidades metodológicas de ativação desse patrimônio. Sobre isso, Costa (2018) aponta vários níveis, escalas e temporalidades que devem ser levadas em consideração para a ativação desse patrimônio, e deixa claro que a escala de origem da iniciativa deve ser sempre local, partindo da vivência cotidiana, mesmo que os níveis de iniciativa envolvam também a universidade e as instituições. Levando em consideração o âmbito teórico que esse conceito pressupõe atrelado a pesquisa acadêmica, segundo o autor, o respeito aos valores da comunidade local deverá sempre estar como ponto de pauta principal, nas iniciativas de ativação. Entende-se que isso deve ocorrer para que os sujeitos de pesquisas tenham ciência de sua importância no processo, que foca em suas experiências, valores e emoções.

Para essa ativação, três preceitos teóricos-metodológicos são colocados por Costa (2017), sendo eles: “a) abordagem da interação sujeito-lugar-mundo; b) a elaboração de uma epistemologia situada ou do Sul, e c) o tratamento da solidariedade no período popular da história” (p. 69). Para o autor, o primeiro preceito está ancorado na ideia de que o sujeito localizado está em constante troca com o mundo a partir de seu lugar de vivência, e para esta pesquisa esse preceito será basilar para a compreensão de que a ideia de ativação das feiras livres enquanto patrimônio-territorial deverá sempre vir pautada na experiência do ser e em como acontecem as transformações das paisagens cotidianas através dessa experiência.

O segundo preceito reside na problemática de localização periférica pós-colonial do objeto de estudo, portanto, não se pode deixar de observar o contexto de vivência desse sujeito, na periferia do capitalismo e na colonialidade latina. Para esta pesquisa, esse preceito se dá na maneira como as feiras livres se diferenciam (ou não) de suas predecessoras europeias e nas características da cultura popular brasileira na composição dessas paisagens cotidianas.

O último preceito traz o questionamento sobre a emergência necessária da cultura popular negligenciada, contrária ao interesse das culturas de massa, criadas

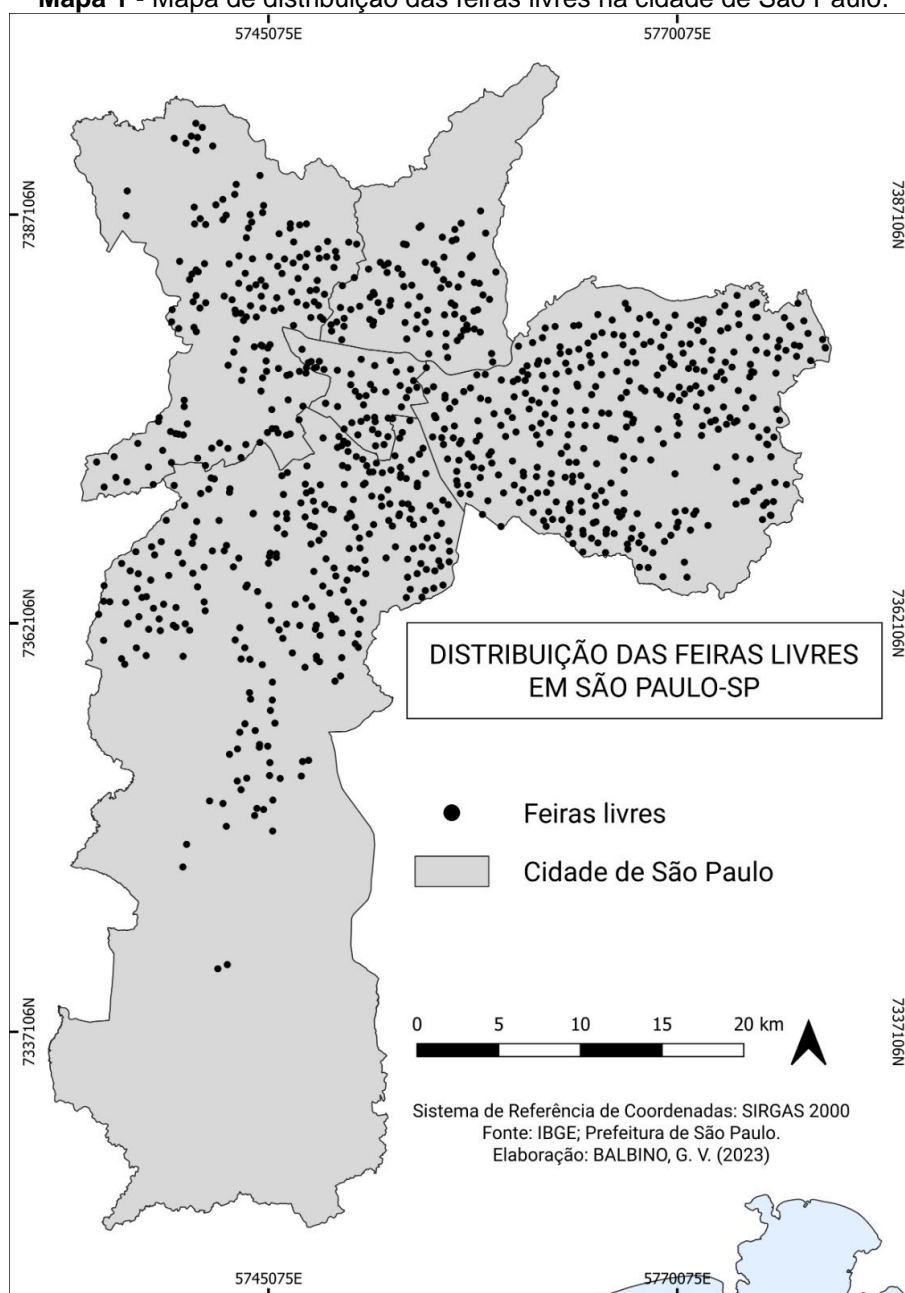
na realidade da globalização. Como pontua o autor “O patrimônio-territorial latino-americano faz-se na solidariedade cultural das comunidades que não deixaram perder seus símbolos, pois são tenazes no movimento da sociedade capitalista” (p.69). Dessa maneira, as feiras livres são importantes mecanismos de valoração das culturas populares, que resistem no meio urbano globalizado da metrópole.

A busca maior desta pesquisa com relação as feiras livres é, através dessas paisagens cotidianas, descobrir de que maneira se dá a valoração desses ambientes ao passo que se transformam em patrimônios territoriais para os sujeitos de vivência. Por esse motivo, foi feita a recapitulação teórica acerca dos patrimônios territoriais neste tópico e anteriormente um debate sobre a relação do ser vivente com suas paisagens. Para a próxima seção, debater-se-á a própria feira livre, sua relação com a metrópole globalizada e sua constituição enquanto resistência nesse meio.

3 AS FEIRAS DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO

As feiras livres, enquanto fenômeno urbano das grandes metrópoles consistem em uma modalidade de comércio varejista (MASCARENHAS, 1992) de grande relevância no abastecimento alimentar dos sujeitos localizados. Dentro da cidade de São Paulo, se encontram 948 feiras livres cadastradas pela prefeitura e espalhadas por todas as regiões, variando em frequência, tamanho e produtos comercializados, a distribuição dessas feiras pode ser observada no mapa abaixo.

Mapa 1 - Mapa de distribuição das feiras livres na cidade de São Paulo.



Fonte: IBGE.

A tradição das feiras de rua brasileiras datam desde o período colonial (ALMEIDA, 2009; MASCARENHAS, 1992) como uma tradição trazida pelos colonizadores europeus ao continente americano, e tem seu nascimento relacionado a comercialização dos excedentes produzidos no campo, e é a partir da revolução comercial, datada do século XI, que as feiras se afirmaram entre as camadas mais populares das populações europeias (ALMEIDA, 2009).

Segundo Forman (2009) “A feira tradicional é um mercado periódico de vendedores itinerantes que se alojam em estruturas não-permanentes, as barracas, e que se reúnem num lugar determinado em um dado momento (p.114)”. Ao analisar as feiras que existem na região Nordeste do Brasil na década de 1960 e 1970, o autor apresenta as feiras enquanto diferentes dos estabelecimentos comerciais rurais, e ele as divide em quatro categorias, que diferem em forma, função e natureza a depender da participação do camponês. Sendo elas: “[...] a feira local, ou feira de consumo dos compradores rurais; a feira de distribuição; e a feira de abastecimento, ou feira de consumidores urbanos” (p.116). Os três tipos acontecem simultaneamente, mas não necessariamente têm relação entre si.

A feira de consumo caracteriza-se por feirantes ou camponeses que vendem os produtos que produzem, no varejo, os sujeitos dessas feiras as procuram tanto para vender como para comprar produtos, havendo uma troca mútua de serviços. Enquanto isso, a feira de distribuição conduz a rede das feiras de consumo, sendo estas o local onde os intermediários comprariam as mercadorias (FORMAN, 2009). Já as feiras de abastecimento urbano se aproximam do recorte espacial desta pesquisa, por se realizar em dias específicos, é composta inteiramente de varejistas que abastecem com produtos os lares dos sujeitos urbanos.

Segundo Mascarenhas (1992), até o início do século XIX, não se podia apontar um sistema de abastecimento alimentar propriamente dito nas cidades, o que para o autor se deve ao fato de que na época do desenvolvimento urbano brasileiro, as cidades apresentam tamanho reduzido, além das limitações de sua dieta e o hábito de produzir alimentos em seu próprio quintal.

Com o crescimento dos centros urbanos brasileiros, o problema do abastecimento foi se criando, fazendo surgir alternativas e certa oficialização, como aponta Sato (2012). Segundo a autora, no séc. XVIII surgem modelos de comércio muito parecidos com que vemos nas feiras atuais na região central da cidade na

proximidade das ruas da Quitanda, rua Álvares Penteado no Pátio do Colégio, sendo ali determinada a venda de, segundo a autora, “gêneros da terra, hortaliças e peixes” (p.39). A partir da formalização desses comércios, começam a surgir as chamadas Quitandas, que comercializavam verduras e legumes (SATO, 2012), atividade que daria nome posteriormente a rua onde se concentravam esses pequenos comércios e que perduraram por bastante tempo.

Mais parecido com o que conhecemos hoje, surge no início do século XIX os primeiros mercados na Rua 25 de Março e Rua São João, ambas na região central, que segundo Sato (2012) era receptor de mercadorias das chácaras instaladas nos subúrbios que beiravam a Central do Brasil. Sobre o mercado da rua 25 de Março, a autora aponta:

Abasteciam-no com frutas, cereais, legumes, verduras, linguiças, frangos e peixes - estes trazidos de Santos. Além de gêneros alimentícios, exceção se fazia à venda de "cestinhas e peneiras tecidas em taquara e os potes moringas de barro. Nos comestíveis, bacalhau seco, mas não produtos enlatados" (Americano, 2004, p. 102). A família de Jorge Americano era proprietária de uma das chácaras que abastecia "mercado grande". O arrendatário da chacara, situada na Quinta Parada, transportava de madrugada a produção para esse mercado. No século XIX também existiam os "mercados caipiras" e os mercadores eram moradores dos arredores da cidade. Esses mercados foram estabelecidos como decorrência de os caipiras virem à cidade de São Paulo abastecer seus moradores e como modalidade de comércio que teve na precedente Feira de Pilatos (p. 40)

Segundo Mascarenhas (1992), “[...] entre 1914 e 1916, respectivamente em São Paulo e Rio de Janeiro, são oficializadas feiras livres durante todos os dias da semana” (p. 101), tendo como intenção a aproximação entre o pequeno produtor periférico aos consumidores que habitavam os centros urbanos da época. Segundo a Secretária de Desenvolvimento Econômico e Trabalho da cidade de São Paulo (SMDET), a primeira feira livre oficial localizava-se no Largo General Osório, a segunda, no Largo do Arouche, e a terceira, no Largo Morais de Barros. Em 1915, a cidade contava com 7 feiras, sendo duas no Arouche, duas no Largo General Osório e as demais no Largo Morais de Barros, Largo São Paulo e na Rua São Domingos (SÃO PAULO, 2018).

Essa situação se intensifica durante a onda de urbanização no território brasileiro, que aconteceu entre os anos de 1940 e 1960. O meio rural foi perdendo força econômica frente a industrialização, porém não deixou de abastecer as cidades, como afirma Forman (2009) “[...] ao mesmo tempo em que o cultivo de alimentos parece estar abandonando o campo, a rápida urbanização e industrialização desta

região dirige premente demanda ao setor rural” (p. 114). Mesmo que a cidade em seu crescimento urbano tenha tentado se desligar do campo, a demanda da produção agrícola acompanhou esse progresso. Como afirma a Secretária de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, em 1948 há uma grande expansão das feiras, quando o prefeito Paulo Lauro “[...] determina a instalação de, pelo menos, uma feira semanal em cada subdistrito ou bairro da cidade” (SÃO PAULO, 2018).

Sobre esse crescimento urbano na década de 1950, Mascarenhas (1992), ao debater a realidade das feiras da região Sudeste, aponta as modificações da fisionomia urbana e principalmente a grande expansão do tráfego rodoviário intraurbano, que fez com que o automóvel adentrasse as vias públicas e extinguisse as atividades tradicionais que se utilizavam desse espaço para sua reprodução, sendo as feiras livres uma das atividades afetadas. Além dessa situação, é nesse período também que surgem as grandes redes de supermercado, que se apresentam como grandes adversários das feiras varejistas da cidade, pois além de grande prestígio entre a classe média da época, desfrutava de apoio governamental para sua implantação nos grandes centros (MASCARENHAS, 1992). Segundo o autor, sobre o nascimento das redes de supermercados, baseado na dissertação da Professora Silvana Pintaudi de 1981:

[...] a Grande Depressão de 1929 vivida pelos norte-americanos e com efeitos danosos sobre a economia de todo o Ocidente corresponde ao marco inicial dos supermercados. A forte recessão econômica transformou radicalmente a próspera paisagem urbana do já então poderoso e complexo parque industrial do nordeste dos EUA, que passou a apresentar vários galpões, fábricas e armazéns abandonados. Aproveitando-se da conjuntura de baixo nível geral de rendimentos da maioria da população, alguns capitalistas passaram a utilizar os referidos espaços abandonados para amontoar alimentos e oferecê-los a preços acessíveis. Tal operação foi viabilizada pelo reduzido custo do empreendimento: supressão total de qualquer serviço à freguesia, uso de local desvalorizado conjunturalmente e simplificação extrema do processo de venda, através do autosserviço. Semelhante processo foi verificado na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Estava lançada a semente dos modernos supermercados (p.101)

Após essa conjuntura econômica, essas lojas de autosserviço foram se transformando em novidades nos países desenvolvidos, expandindo através de técnicas de publicidade e no investimento e ocupando instalações cada vez maiores, o que influencia as periferias do capitalismo, até que em 1953 surge o primeiro supermercado brasileiro, situado na cidade de São Paulo, chamado “Sirva-se”, seguindo os mesmos moldes das redes internacionais, com o estilo de autosserviço e

no ano seguinte, o segundo é inaugurado, também na cidade de São Paulo (MASCARENHAS, 1992).

Segundo dados de Sato (2012) pautados na dissertação de mestrado de Olmária Guimarães, de 1969, existiam naquela época cerca de 452 feiras semanais, em uma média de 75 feiras diariamente, que no momento da implementação dos primeiros supermercados na cidade começaram a sofrer as mudanças no estilo de vida da população.

Analisando o pensamento paisageiro (BERQUE, 2011) observado nesse momento, podemos perceber uma mudança na percepção frente à realidade sendo construída ou alterada por meio das emoções dos sujeitos frente a mudança nas feiras da Cidade, o que aos poucos comprova a construção da feira enquanto patrimônio-territorial.

A partir desse momento, há uma grande expansão deste modelo varejista de abastecimento alimentício, até que na década de 1970 surgem os primeiros hipermercados no território nacional, e é a partir desse momento que acontecerá grande acirramento tanto no âmbito jurídico-político como no âmbito ideológico (MASCARENHAS, 1992). Com o nascimento do primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) durante o período ditatorial, fica clara a intensão do Estado em investir fortemente nesse novo modelo de abastecimento, como pode-se observar no tópico que discorre sobre a Estratégia Agrícola a ser adotada no plano:

III - Modernizar as estruturas de comercialização e distribuição de produtos agrícolas, mediante: criação de estruturas especializadas de Transportes ("Corredores de Transportes"), associadas a modernização dos principais portos; programas de crédito aos produtores rurais, para ampliar a capacidade de estocagem a nível de fazenda, bem como ao setor privado, para expandir a armazenagem intermediária, instalação do sistema nacional de Centrais de Abastecimento, e nos principais centros urbanos, redes de supermercados e outros sistemas de autosserviço (BRASIL, 1971)

Em nenhuma parte do plano é encontrada menção sobre as atividades tradicionais de abastecimento, em contrapartida, os ideais de mercado são deixados claros na parte seguinte do texto, quando aponta a busca pela "[...] garantia de rentabilidade adequada para a exploração agrícola dos principais produtos, e a disponibilidade de mercado em crescimento acelerado" (BRASIL, 1971).

Na cidade de São Paulo, a partir do ano de 1974, segundo o Decreto nº 11.199, as feiras livres têm caráter supletivo de abastecimento, segundo o texto:

[...] se redimensionamento, remanejamento, suspensão de funcionamento, reclassificação ou extinção poderão ocorrer, a juízo da Secretaria de Abastecimento, quando os equipamentos comercializadores fixos existentes na sua área de influência sejam suficientes para atender ao abastecimento da população (SÃO PAULO, 1974)

O que se vê é um esforço na modernização característica do meio Técnico-Científico-Informacional que se via na época, em detrimento do investimento na sustentabilidade das cidades. Tanto no âmbito nacional, como no âmbito municipal, pode-se observar um investimento nos comércios fixos locais, vulgos supermercados, novidades à época e símbolo do progresso o abastecimento urbano.

Ao mesmo tempo em que estratégias públicas eram criadas para o fortalecimento dessa prática de mercado, estratégias publicitárias invadiam as casas das recém urbanizadas cidades brasileiras, além do apelo visual dos supermercados, que buscam fidelizar os clientes e ao mesmo tempo macular a imagem das feiras livres das cidades (MASCARENHAS, 1992). Como aponta o autor ao citar algumas manchetes da época, a ideia publicitária que se criava sobre as feiras seguia sempre em favor das grandes redes, como se pode ver a seguir:

- "Supermercado revoluciona o comércio" (Jornal do Brasil, 26/01/1969): exalta-se a catedral do consumo, sua organização interna, limpeza, segurança, de forma que esta no futuro dominará a distribuição de gêneros alimentícios.
- "Desodorante na feira" (Jornal do Brasil, 26/02/1969): enfatiza a sujeira e principalmente o lixo que se acumula ao final de cada feira, expondo os moradores a odores fétidos e doenças.
- "Carioca quer supermercados substituindo feiras livres" (Jornal do Brasil, 10/05/1970): apresenta resultados de uma pesquisa de opinião onde a maioria dos entrevistados prefere o supermercado. Podemos confiar nessas pesquisas?
- "Na briga contra o aumento quem paga é o consumidor" (Diário de Notícias, 09/02/1974): acusa a existência de feirantes sem matrícula a praticar irregularidades, pois estão livres de multas em sua condição clandestina.
- "As feiras cada vez mais livres" (Jornal do Brasil, 22/11/1974): considera as feiras um mercado exótico e afirma em tom de lamento que não tem data para terminar este mercadejar primitivo onde não se cumpre a legislação (MASCARENHAS, 1992)

O que se vê através da análise das manchetes é uma tentativa de deslegitimar as feiras livres, fortalecendo assim o papel dos supermercados no abastecimento local, pensando nisso, Mascarenhas (1992) utiliza o termo persistência para legitimar essa prática que mesmo sofrendo grandes ataques a sua existência, se manteve nos mesmos moldes de sua criação.

Com o passar dos anos, as feiras foram encontrando seu lugar frente as grandes redes de abastecimento, e com base em manchetes que surgem nos anos seguintes, pode-se observar que a convivência entre feiras livres e mercados foi sendo priorizada, em detrimento de sua total extinção. Mesmo assim, ainda é possível ler artigos com manchetes “bombásticas” que dramatizavam a extinção das feiras (Figura 1 e 2), muitas vezes relacionadas a problemas de ordem social e urbana, tais como o som causado pela aglomeração de pessoas, a sujeira deixada no final das feiras ou a exposição as intempéries.

Em matéria do acervo do jornal Estadão no final da década de 60, o secretário de abastecimento da época, o senhor João Pacheco Chaves, já tinha ideia da proporção e importância das feiras livres no circuito econômico paulista, como pode ser visto em matéria do mesmo ano na imagem seguinte (Figuras 3, 4 e 5)

Além disso, já naquela época, era possível ler matérias que demonstravam a relação subjetiva de afetividade com a paisagem das feiras, quando pontua uma entrevista com um feirante de tomates que diz “A feira não é um meio de vida, mas minha própria vida” (Figura 5).

Figura 1 – Manchete do jornal Estadão de novembro de 1968.

As feiras livres localizadas nas vias públicas, principalmente as das proximidades do centro da Cidade, deverão ser gradativamente extintas. A começar de aproximadamente 60 dias, deverão ser efetuadas em recintos fechados, contando com melhores condições de higiene e conforto. A entrada de “marreteiros” será impedida e a população ficará ao abrigo das intempéries. O primeiro dos locais destinados às feiras está sendo construído sob o Viaduto Alcantara Machado, no Brás. O solo está sendo asfaltado e já existem sanitários para os consumidores e feirantes. Pretende-se também destinar uma área, próxima desses núcleos, para estacionamento.

Fonte: Serão extintas as feiras nas ruas. ESTADÃO, São Paulo, dia, 18 de maio de 1968. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680516-28556-nac-0074-999-74-not>>.

Figura 2 – Manchete do jornal Estadão de agosto de 1968.

Feiras vão morrer, 200 anos depois

Supermercados, mercados particulares e mercados distritais de propriedade da Prefeitura) vão matar a **feira livre**, quase dois séculos depois de sua criação. De acordo com os estudos da Secretaria municipal de Abastecimento, essas 3 formas de comer-

cio vão substituir, paulatinamente, as feiras livres. É a **feira livre** morre como nasceu: criticada por muitos e defendida por poucos. Já em 1771, quando o Marquês do Lavradio as introduziu no Brasil, os outros comerciantes queixaram-se de que

elas os prejudicavam. Hoje, motoristas, Paulo Pestana, donos de supermercados, as pessoas que têm **feira** diante de casa — todos condenam a **feira** livre. Para defendê-la, quase só os feirantes e algumas poucas donas de casa.

Fonte: Feiras vão morrer, 200 anos depois. ESTADÃO, São Paulo, dia, 18 de maio de 1968. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690812-28939-nac-0020-999-20-not>>.

Figura 3 – Manchete do jornal Estadão de Maio de 1969.

Extinção de feiras

Consultado a respeito da extinção de feiras-livres, o secretário do Abastecimento disse que no momento não poderão ser extintas as 500 feiras que existem. Essa medida, além de provocar um colapso no abastecimento, deixaria cerca de 3 mil famílias desempregadas, o que viria constituir um problema social de proporções. Nesse sentido, o sr. João Pacheco Chaves disse que o importante é “verificar o que está errado nas feiras-livres e criar condições para a resolução dos problemas”.

Têm quase 200 anos

Fonte: Deverá melhorar o abastecimento. ESTADÃO, São Paulo, dia, 18 de maio de 1969. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680518-28558-nac-0013-999-13-not>>.

Figura 4 – Manchete do jornal Estadão de novembro de 1969.

Para muita gente, o supermercado seria o substituto ideal das feiras livres, que ultimamente têm sofrido uma série de ataques providos de várias procedências, fazendo com que algumas desaparecessem de todo e que outras se sujeitassem a contínuas mudanças de localização, recurso empregado ao que parece para as ir gradualmente enfraquecendo, até o ponto de perecimento. Ao mesmo

Feiras e supermercados

Alastra-se rapidamente em nossa cidade a rede de supermercados que já se espalha pelos bairros e vai alcançando os limites dos subúrbios. Ao maior de uma concorrência salutar para o comércio e especialmente para o público consumidor, concorrência que ganha aos poucos as dimensões de verdadeira competição entre as firmas especializadas no ramo, as frequentes ida a cada semana o benefício de alguns produtos a preços mais baixos. É o lado mais direito e de efeitos imediatos de que as empresas dispõem para atrair novos compradores e assegurar a fidelidade dos demais.

Para muita gente, o supermercado seria o substituto ideal das feiras livres, que ultimamente têm sofrido uma série de ataques providos de várias procedências, fazendo com que algumas desaparecessem de todo e que outras se sujeitassem a contínuas mudanças de localização, recurso empregado ao que parece para as ir gradualmente enfraquecendo, até o ponto de perecimento. Ao mesmo tempo, porém, o órgão competente da Prefeitura Municipal anuncia a construção de modernas feiras livres que funcionarão em ambiente coberto e dotado de comodidades para o público, água corrente, telefones, cafés e casas de legumes, locais para estacionamento. Na própria praça Presidente Roosevelt, agora em completa remodelação, haverá ao que se anuncia uma feira desse tipo, em substituição à que até se realizava todos os sábados, a tradicional Feira Livre do Largo do Aracá.

De tudo se conclui que as autoridades não estão encerrando a fórmula de supermercado como suficiente ou capazes de fazer desaparecer o sistema de feiras livres. E nesse ponto estamos de acordo com os responsáveis pelo

abastecimento de gêneros alimentícios na área da Capital, pois a experiência vem dia a dia comprovando que os supermercados não conseguem fazer as vezes da feira livre no que toca ao suprimento de legumes e verduras, um gênero de alimento cujo consumo cumpre às autoridades incrementar, por todas as vantagens que representa para os produtores e consumidores. Nos moldes anunciados, as futuras feiras livres programadas pela Prefeitura terão um papel importante e insubstituível a cumprir, a condição de que elas se limitem a abrigar vendedores de frutas, legumes e vegetais, além de flores e alguns outros produtos de idêntica natureza.

As perspectivas são assim excelentes para os moradores da Capital, que vão sendo aos poucos contemplados com maiores facilidades para suas compras, graças à ampliação da rede de supermercados e do funcionamento noturno destes estabelecimentos, e ainda graças às futuras feiras livres em moldes modernos e boas higiênicas, além de providas de instalações adequadas aos seus fins. Somente devemos esperar que o órgão competente da Municipalidade, saiba ser exigente e rigoroso na implantação dessas feiras livres e nas condições de seu funcionamento, para que elas, a par das comodidades e dos requisitos de higiene, se restrinjam de fato à venda de frutas, legumes e verduras: quem já viu, numa cidade como Londres, a multidão de cem metros do famoso Piccadilly Circus, uma feira ao ar livre, com suas barracotinhas coloridas ao longo das duas margens da rua, oferecendo exclusivamente frutas, legumes e verduras, num ambiente de estrôma ordenado e limpo, sabe muito bem que isso é possível.

pital, pois a experiência vem dia a dia comprovando que os supermercados não conseguem fazer as vezes da feira livre no que toca ao suprimento de legumes e verduras, um gênero de alimento cujo consumo cumpre às autoridades incrementar, por todas as vantagens que representa para os produtores e consumidores. Nos moldes anunciados, as futuras feiras livres programadas pela Prefeitura terão um papel importante e insubstituível a cumprir, a condição de que elas se limitem a abrigar vendedores de frutas, legumes e vegetais, além de flores e alguns outros produtos de idêntica natureza.

Fonte: Feiras e Supermercados. ESTADÃO, São Paulo, dia, 16 de novembro de 1969.

Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19681116-28714-nac-0010-999-10-not>>.

Figura 5 – Manchete do jornal Estadão de novembro de 1968.

Contra os supermercados, só há um argumento: a tradição

“Os supermercados batem as feiras em higiene, preços, comodidade e grande volume de vendas, que traz mercadorias mais frescas a cada dia. As feiras vencem os supermercados mais pela tradição: donas de casa acham que as verduras das feiras são mais frescas, e mesmo a carne, ou os miúdos da carne, podem ser encontradas nas feiras a preços inferiores”

Fonte: A tradição das feiras. ESTADÃO, São Paulo, dia, 16 de novembro de 1969. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690812-28939-nac-0020-999-20-not>>.

Figura 6 – Manchete do jornal Estadão de novembro de 1968.

Para o feirante, a barraca é a sua vida

Para o feirante, a **feira** não é um meio de vida, mas a própria vida. Sua rotina diária começa às 21 horas e se estende até às 13 horas do dia seguinte, quando ele deverá retornar à casa, para descansar até a noite.

É o caso de Gutierrez, um boliviano baiano, de cabelos espetados. Atualmente, tem 28 anos, é casado e pai de 3 filhos. Na sua terra, era "boleleiro", seu trabalho consistia em receber os ingressos do cinema da sua cidade.

Quando veio para o Brasil, há 8 anos, sua situação financeira era das piores. Sem dinheiro e quase sem instrução, não sabia o que fazer. Por intermédio de um amigo comer-

ciante, aprendeu os rudimentos de um comércio simples, que ainda é praticado até hoje — a venda de alimentos diretamente ao consumidor, como ambulante.

O início

Um dia, quando estava quase sem dinheiro, criou coragem. Foi até a um entreposto e comprou um caixote de peixes. "Eram sardinhas", lembra Gutierrez. Colocou o caixote na calçada e saiu para a rua. Inibido e temeroso por ter arriscado uma importância que, se a empresa não fosse bem sucedida, significaria praticamente a sua ruína financeira. Mas a dificuldade foi ultrapassada. Depois de algum tempo, deixou

o caixote, comprou uma pequena carroça e providenciou o registro como comerciante. Hoje em dia, possui uma barraca de hortaliças que lhe assegura situação econômica estável.

Trabalho é o mesmo

Apesar disso, Gutierrez não trabalha menos do que antigamente. É um feirante que não possui condução própria. Por isso, precisa estar todos os dias no CEASA por volta de 23 horas. Assim, sai de sua casa, na Vila Guilherme, aproximadamente às 21 e 30, conseguindo adquirir gêneros melhores e mais frescos para a sua freguesia. Suas compras no CEASA demoram perto de 2 horas e isso porque ele já conhece os lo-

cais certos onde deve ir e tem muitos comerciantes amigos, o que facilita a escolha da mercadoria. Depois da transação, os gêneros são empilhados à espera do caminhão, alugado mensalmente por Gutierrez e por outros 5 feirantes. O caminhão transporta, além dos gêneros, também o equipamento para montar a banca. Os feirantes locatários ajudam-se mutuamente, na carga e descarga das mercadorias.

Como a rua onde se realizará a **feira** deve ficar desimpedida até as 8 horas, lá pelas 4 o caminhão já descarrega a banca no local onde deverá ser montada. Gutierrez andou preocupado, porque o caminhão estava quebrado há al-

gum tempo, e ele faltara a 2 feiras.

Se tivesse deixado de comparecer a 4 feiras consecutivas, sua licença seria cassada pela Prefeitura. Gutierrez poderia recorrer, para obter novo registro, mas não conseguiria retornar ao lugar que atualmente ocupa. Isso não é interessante, porque já tem uma freguesia formada, o caminhão contratado e um horário racionalmente distribuído para essa **feira**. Qualquer alteração no seu esquema de trabalho lhe traria grandes problemas.

Tomate

Gutierrez tem um pouco de tomates em sua banca de verduras. Tomate dá bom lucro e

é fácil de vender, embora, atualmente, seu preço esteja muito elevado. Isso influencia negativamente a freguesia. Não é permitido exportar tomates em banca de verdura, mas muita gente vende, porque alguns acham que tomate é fruta e outros preferem catalogá-lo como verdura.

O tomate serve para estabelecer o comércio de Gutierrez. É um gênero que não necessita ser liquidado no fim da **feira**, pode ser guardado durante alguns dias. O contrário ocorre com as verduras — couve, alface, almeirão e cebolinha. Se não forem vendidas logo, começam a murchar e são rejeitadas pelas donas de casa.

Fonte: Para feirante, a barraca é a sua vida. ESTADÃO, São Paulo, dia, 18 de maio de 1968. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680516-28556-nac-0074-999-74-not>>.

Através da leitura de diversas manchetes, foi possível observar a relação de “amor e ódio” construída pelos meios de comunicação com as feiras, por um lado vê-se várias manchetes apontando a necessidade de permanência desse modelo de comércio por diversos motivos, podendo ser pela tradição, pelos produtos frescos ou pelo preço, e, por outro lado, vê-se a desqualificação das feiras também por diversos motivos, como a higiene, as intempéries, ou a tentativa de qualificação dos recém criados supermercados.

Outro ponto interessante sobre a o papel que as feiras representam dentro do cotidiano urbano da metrópole, é pensando a que circuito da economia essa prática espacial pertencerá. Segundo Santos (2004), nos países subdesenvolvidos haverá uma grande disparidade de renda entre classes sociais, o que, para o autor, acarretará também diferenças espaciais, fazendo com que o acesso a determinados serviços de consumo seja enviesado por sua posição social. A produção que requer maior nível tecnológico estará concentrada em pontos específicos do espaço e terá tendência a dispersão, porém será freada pela disparidade e pela seletividade espacial criada. Dessa maneira, segundo o autor, tanto nos meios de produção como de distribuição são criados dois circuitos econômicos responsáveis pelo processo de desenvolvimento urbano, espacial e financeiro, o circuito superior e o inferior.

Enquanto o circuito superior “[...] é resultado direto da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos são os monopólios” (SANTOS, 2004, p. 126), os circuitos inferiores “[...] consistem em atividades de pequena escala e diz especialmente a respeito da população pobre” (p. 126). Como pode-se observar

na tabela abaixo, os circuitos da economia formam subsistemas agindo dentro do espaço urbano.

Tabela 1 - Características dos dois circuitos da economia urbana em países subdesenvolvidos.

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Uso intenso de capital	Uso intenso de Mão de Obra
Organização	Burocrática	Primitiva, não estruturada
Capital	Importante	Escasso
Mão de Obra	Limitada	Abundante
Salário regulares	Prevalecentes	Não requerido
Estoques	Grandes quantidade e/ou alta quantidade	Pequena quantidade e/ou baixa qualidade
Preços	Fixos (em geral)	Negociáveis entre comprador e vendedor
Crédito	De banco, institucional	Pessoal, não institucional
Margem de Lucro	Pequena por unidade, mas importante, dado o volume dos negócios (exceto itens de luxo)	Grande por unidade, mas pequena em relação ao volume dos negócios
Relação com fregueses	Impessoal e/ou por escrito	Direta, personalizada
Custos fixos	Importantes	Negligenciáveis
Propaganda	Necessária	Nenhuma
Reutilização de mercadorias	Nenhuma (desperdício)	Frequente
Capital de Reserva	Essencial	Não essencial
Ajuda governamental	Importante	Nenhuma ou quase nenhuma
Dependência direta de países estrangeiros	Grande, orientação para o exterior	Pequena ou nenhuma

Fonte: SANTOS, 2004, p. 127.

Em sua pesquisa, Mascarenhas (1992) se debruçou sobre a análise das aproximações e distanciamentos entre as redes de supermercados e as feiras livres com base na tabela ilustrativa proposta por Santos, colocando a segunda dentro do circuito inferior da economia, porém, vale ressaltar que o mesmo autor pontua a

necessidade de uma análise mais aprofundada sobre a economia das feiras, em suas palavras “[...] faz-se necessário conhecer as formulações teóricas subjacentes à diferenciação formal entre os dois circuitos” (p. 98). Nesse sentido, além desse levantamento, é importante se atentar ao contexto da escrita deste artigo, que se fixa entre os anos 1964-1989, e nas mudanças que vêm após esse período na história econômica brasileira.

Sobre esse tema, Sato (2012) acredita haver uma interdependência entre as atividades dos dois circuitos, pois segundo a autora grandes atacadistas de alimentos e grandes transportadoras que se encaixariam no circuito superior dependem da atividade varejistas dos feirantes do circuito abaixo. Mesmo trazendo a palavra interdependência, a autora não de priva da crítica e logo em seguida aponta o circuito superior juntamente com o Estado com tendências de controle ao circuito inferior, subordinando-o e criando relação de dependência (SATO, 2012), como pode ser observado no trecho a seguir:

Tal posicionamento mostra-se claro no seminário organizado e realizado em 2000, na Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, intitulado “Boas práticas comerciais”, o qual tinha como ideia básica, “melhorar o relacionamento comercial entre fornecedores (produtores, atacadistas, indústria, etc.) e o varejo, principalmente supermercados (p. 51)

Um outro ponto importante trazido por Sato sobre os feirantes nesse circuito, é a garantia de sobrevivência dos que trabalham nela, gerando riquezas dentro de um sistema capitalista, mas tendo um grande diferencial ao circuito acima que busca acumulação de capital.

Entendendo as feiras livres como pertencentes ao circuito inferior da economia, Mascarenhas (1992) pontua não haver encaixe em apenas dois itens: organização e estoque, por acreditar que, com relação a organização, naquela época já havia uma fiscalização burocrática perante os órgãos públicos. E com relação aos estoques, acredita-se que os produtos comercializados apresentam grande qualidade, competindo de igual para igual com aqueles oferecidos pelas grandes redes (MASCARENHAS, 1992).

Analisando a tabela no contexto atual, é possível observar outras duas divergências nos itens: salários regulares e ajuda governamental. Nos dias de hoje, a relação de trabalho nas feiras se tornou cada vez mais organizada, o que se via antigamente era a forte presença de familiares na condição de ajudantes, o que foi substituído por mão de obra assalariada. E com relação a ajuda governamental, nos

dias de hoje é possível encontrar programas de incentivo ao produtor rural como o Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Além desse tipo de incentivo, no contexto da pandemia de COVID-19, foi aprovado na Câmara dos deputados federais um auxílio emergencial que garante renda mínima aos produtores familiares que comercializam sua produção em feiras livres.

Resgatando a ideia sobre a implementação das relações topológicas em detrimento das relações topográficas, vistas anteriormente em Costa (2018) para explicar a economia regida pelo capital financeiro, aproveita-se o assunto iniciado sobre a pandemia de COVID-19, que se alastrou pelo mundo no ano de 2020, para levantar o questionamento sobre como ocorreu a resistência dessas feiras no contexto tanto de distanciamento social.

Além das redes de supermercado, hoje em dia as feiras livres enfrentam outro desafio, o aumento no número de sites que oferecem os serviços de venda de alimentos, principalmente de frutos e legumes, que mais uma vez corrobora a tese da efetivação das relações topológicas inerentes ao meio urbano metropolizado de Costa (2018), além dos novos padrões de dis-tanciamento e orientação que vem se criando dentro dos espaços urbanos, propostos por Lindón (2012), tirando cada vez mais as relações humanas do cenário principal de encontro das feiras livres e transformando as paisagens cotidianas.

Dito isso, encontra-se a justificativa da escolha das feiras livres como objeto de pesquisa desta tese, por entender que esses espaços são locais de vivência cotidiana de sujeitos situados, que fazem e refazem suas paisagens através do seu modo de ser, que criam signos e valores sobre esse ambiente que resiste desde sua criação em território brasileiro. As paisagens cotidianas que compõem as feiras livres da grande metrópole são passíveis de valoração patrimonial e vê-se no conceito de patrimônio-territorial uma abertura para a ativação desse valor, sendo por meio das vivências dos sujeitos cotidianos, que buscar-se-á essa ativação. No tópico a seguir, debater-se-ão os métodos que auxiliarão na busca pelo conhecimento acerca dos sujeitos viventes dessas feiras.

4 MÉTODOS

A presente pesquisa terá caráter qualitativo (BAUER; GASKELL, 2002;), através de entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002) e na observação empírica do *locus* de vivência dos sujeitos da pesquisa.

Para a formação do *corpus* da pesquisa, foram escolhidas feiras de rua tradicionais da cidade de São Paulo – SP, procurando, a partir da paisagem e dos seres que a ela dão vida, compreender suas origens enquanto patrimônio-territorial. A partir dessa escolha, foram selecionados de 3 a 4 sujeitos da pesquisa, com base em sua relação cotidiana com a paisagem vivida. Dentro dessa escolha, foram priorizadas regiões com diferentes índices de desenvolvimento econômico, para que seja possível uma análise comparativa das origens desse patrimônio-territorial.

Foram escolhidas as seguintes feiras:

Tabela 2 – Feiras visitadas

Nome dado a Feira	Dia da Semana	Tipo de feira	Quantidade de feirantes	Endereço	Zona
Capão Redondo (Figura 7)	Quarta Feira	Tradicional	104	Rua. Paulino Vital de Moraes – Capão Redondo	Sul
Jardins (Figura 8)	Quinta-Feira	Tradicional	200	Rua Barão de Capanema – Jardim Paulista	Sul
Parada Inglesa (Figura 9)	Sábado	Tradicional	97	Rua Cruz de Malta – Parada Inglesa	Norte
Artur Alvim (Figura 10)	Domingo	Tradicional	98	Rua Benedito Leal – Vila Nhocuné	Leste
Vila Madalena (Figura 11)	Quarta-Feira	Tradicional	114	Rua Cayowaá – Vila Madalena	Oeste
Santa Ifigênia (Figura 12)	Domingo	Tradicional	71	Rua dos Andradas – Santa ifigênia	Centro

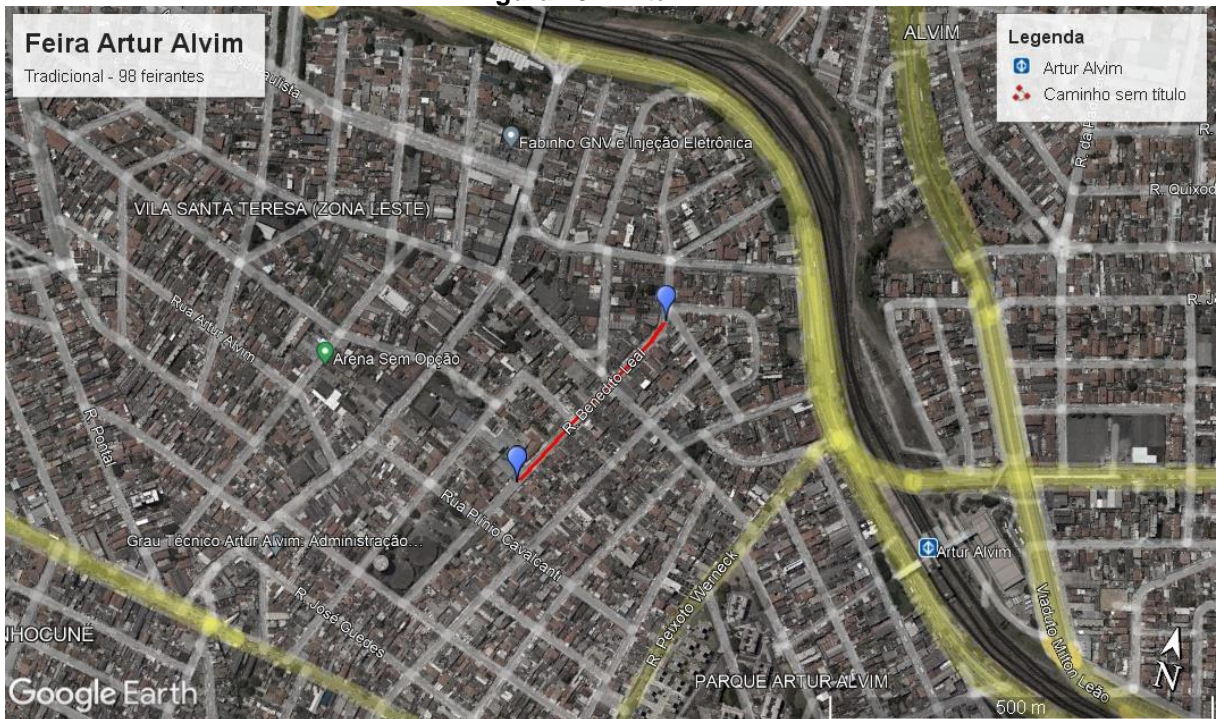
Fonte: Autora.

Figura 9 – Feira Parada Inglesa



Fonte: Google Earth (Organizado pela autora).

Figura 10 – Artur Alvim



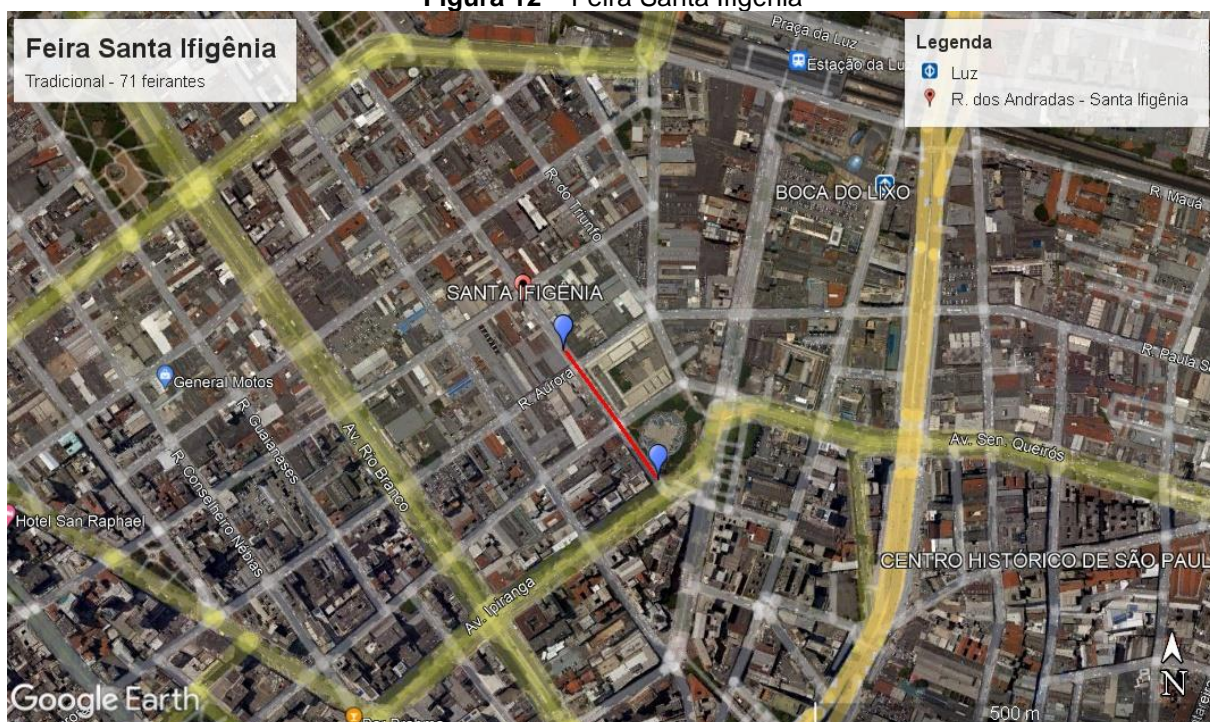
Fonte: Google Earth (Organizado pela autora).

Figura 11 – Feira vila Madalena



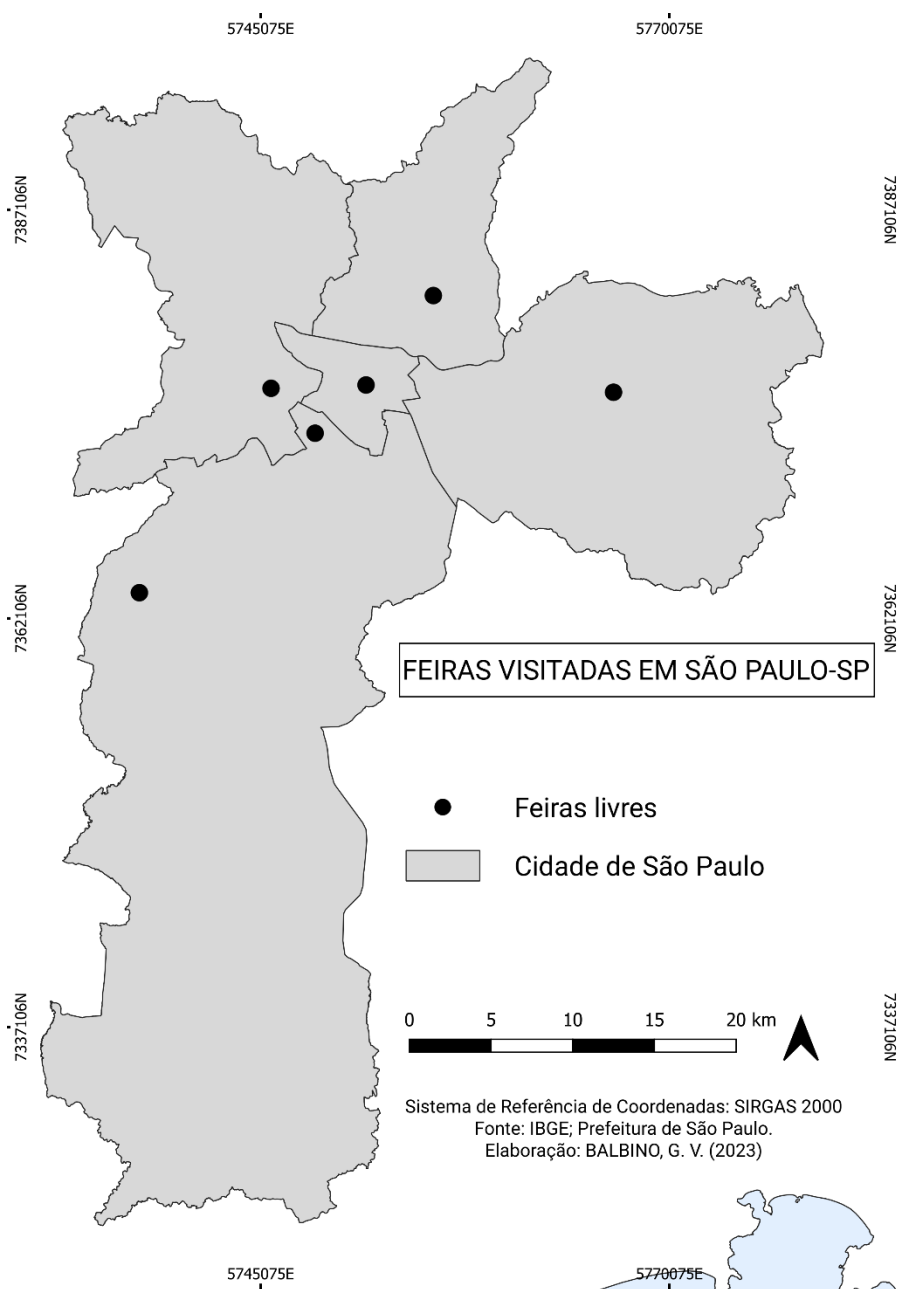
Fonte: Google Earth (Organizado pela autora).

Figura 12 – Feira Santa Ifigênia



Fonte: Google Earth (Organizado pela autora).

Mapa 2 - Mapa das feiras selecionadas na cidade de São Paulo



Fonte: IBGE.

Como dito anteriormente, as feiras foram selecionadas com base na distinção de zonas na cidade, contemplando todas elas, além de bairros com diferentes dados demográficos, o que fez possível observar um panorama de feiras com diferentes características de população, renda e preços.

A feira dos Jardins, sendo localizadas em bairros de maior valor no m², sendo respectivamente R\$ 12.154, apresenta uma característica diferente de preço e renda. Enquanto isso, as feiras da Vila Madalena, Parada inglesa e Santa Ifigênia mantêm

um padrão parecido, sendo localizadas em bairros com valor menor do que o citado acima, porém ainda altos, sendo respectivamente R\$ 11.131, R\$ 7.177 e R\$ 7.969. Enquanto isso, as feiras do Capão Redondo e da Artur Alvim (Itaquera) tem características parecidas de preços dos produtos e renda, sendo localizadas em bairros com o valor do m² mais baixo, sendo respectivamente R\$ 4.586 e R\$ 4.535. Os dados foram colhidos através do site proprietariodireto.com.br especializado em compra e venda de imóveis em território nacional.

Ao coletar os dados, foram analisadas as narrativas (WILES; ROSENBERG; KEARNS, 2005), também com base na análise do conteúdo (BAUER, 2002), com intuito de compreender a relação do ser no meio e dar concretude a argumentação.

4.1 Entrevistas Narrativas

Para Jovchelovitch e Bauer (2002) “[...] não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa” (p. 91), e é partindo disso que se justifica a escolha desse método de coleta de dados para esta pesquisa. Narrar uma história é algo que está presente na vida dos sujeitos viventes e contribui para a compreensão das nuances sociais de cada grupo, preservando perspectivas particulares de uma forma autêntica.

Em termos gerais, a estrutura da narração é semelhante a estrutura da orientação para ação: um contexto será dado; os acontecimentos serão narrados de maneira sequencial e os resultados serão analisados (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Durante a narração, a sucessão dos acontecimentos poderá se apresentar de maneira cronológica ou não, originando uma visão do todo e a configuração de um enredo. Esse enredo, segundo os autores, é decisivo, pois é através dele que as narrativas adquirem sentidos, uma história sendo contada mesmo sem ordem cronológica pode apresentar uma história complexa, que garante ao pesquisador uma análise ampla sobre os acontecimentos pesquisados.

É importante salientar que, para os autores, a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los de alguma maneira que faça o enredo fazer sentido, tendo sua ideia básica pautada na reconstituição de acontecimentos sociais a partir da perspectiva do entrevistado, que é chamado dentro do método como informante. Classificado como método de pesquisa qualitativo, é por apresentar um caráter menos impositivo, que as entrevistas narrativas diferem do

esquema pergunta-resposta, sendo mínima a influência do entrevistador, mesmo que a condução dos temas centrais parta da vontade desse pesquisador.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), contar histórias segue um esquema gerador com três características principais: a textura detalhada, a fixação de relevância e o fechamento da Gestalt. A primeira se refere a maneira com que o informante se comporta ao contar sua história, em uma necessidade de detalhamento para que seja compreendido. A segunda está relacionada a relevância que se emprega ao narrar uma história, sabendo assim que cada informante dará enfoque naquilo que ele mesmo compreender como mais importante. E a terceira faz alusão a compreensão de um fato a partir da narração em sua totalidade, importante forma de analisar um determinado fato.

A técnica de entrevista narrativa segue regras definidas, sendo processada através de quatro fases: A Iniciação, Narração propriamente dita, a fase de questionamentos e a Fala Conclusiva, sendo, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), uma maneira de guiar o pesquisador e o resguardar de constrangimentos que possam ser causados pela má orientação da narrativa. A tabela a seguir sintetiza as principais fases do método.

Tabela 3 - Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração de campo Formulações de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para a narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração Central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para sinais de finalização (“coda”) ¹⁵
3. Fase de perguntas	Somente “que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre a atitude Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para perguntas imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por que?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2002)

¹⁵ Para os autores, a palavra coda significa que o entrevistado dá sinais de que a história já terminou.

Após a produção de material de base documental e a formulação das chamadas questões exmanentes, foram realizadas as entrevistas. Sobre essas questões, Jovchelovitch e Bauer (2002) pontuam ser essa uma das fases de maior relevância, no sentido de organização do material teórico a partir do tópico central da pesquisa. Essas questões [...] “refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagem” (p. 97), acredita-se que as questões relacionadas a problemática desta pesquisa sejam as indagações exmanentes, pois são as perguntas que buscam ser respondidas através das entrevistas narrativas. Sendo elas: O que transforma a paisagem cotidiana das feiras livres em patrimônio-territorial? E como incorporar essa paisagem em um circuito espacial que valide esse patrimônio-territorial?

Estes questionamentos guiarão a elaboração das questões imanentes que serão levadas ao informante na fase 3 desse processo, sendo respondidas após as narrações, na intenção de guiar, a partir da fala do informante, as respostas das questões exmanentes. Uma preocupação importante trazida pelos autores está no fato de que as questões exmanentes não são aquelas que serão levadas ao informante, pois estas estão impregnadas de intenção, sendo assim, essas questões devem ser traduzidas em questões imanentes, que acompanhem a linguagem do próprio entrevistado.

Foram selecionadas questões imanentes diferentes para os feirantes e para o secretário. Em linhas gerais, seguindo o método escolhido, foram escolhidas as seguintes questões imanentes (vistas na tabela a seguir) para cada grupo focal, lembrando que, por ser um método que garante certa fluidez no encontro, algumas questões acabaram não sendo utilizadas, ou foram utilizadas de maneira diferente, ou em ordem diferente, isso se deve a percepção da pesquisadora sobre o quanto já havia sido coletado e se aquilo que havia coletado seria suficiente para garantir que as questões exmanentes fossem devidamente respondidas.

Quadro 1 – Questões iminentes aos feirantes (Entrevista semiestruturada)

Dados pessoais: Nome, idade e tempo de feira
A banca é sua?
De onde vem os produtos?
Trabalha em outras feiras? Quantas? E onde?
Relação com a prefeitura:
Acha que as feiras estão sumindo?
O que mudou desde que começou a trabalhar em feiras?
Conte sua rotina:
Como a pandemia impactou sua vida e seu trabalho?
Qual o impacto da feira na sua vida?
Qual a importância das feiras para São Paulo?

Quadro 2 – Questões iminentes a Secretaria de Abastecimento (Entrevista semiestruturada)

Que parte do seu trabalho se encontra com as feiras?
Fale sobre o circuito de abastecimento da cidade
Relação dos feirantes com a prefeitura:
Relação com a população: (Reclamações, boas práticas)
Relação com os supermercados da cidade
Fale sobre os projetos de melhorias propostas pela prefeitura:
O senhor frequenta alguma feira?
Como tornar a feira patrimônio da cidade de São Paulo?
Importância para São Paulo e para o abastecimento da população:
Relação com a agricultura familiar da região:

Os autores apontam seis passos a serem dados durante o encontro com o entrevistado, sendo eles: 1. A preparação; 2. O início: começar a gravar e apresentar o tópico inicial; 3. A narração central: não fazer perguntas, apenas encorajamento não verbal; 4. Fase de questionamento: Apenas questões iminentes; 5. Fala conclusiva: parar de gravar e continuar a conversação informal; e 6. Construir um protocolo de memórias da fala conclusiva.

As entrevistas narrativas são indicadas pelos autores nos seguintes casos: Quando o projeto investiga algum acontecimento específico; em projetos onde haverá diferentes versões do mesmo fato; E em projetos que combinem histórias de vida e contextos sócio-históricos. Acredita-se que a presente pesquisa se encaixa no último caso citado por Jovchelovitch e Bauer (2002), por se tratar de um mesmo tópico central, as feiras livres da cidade de São Paulo, mas que apresenta diferentes histórias de vida cotidianas, em diferentes contextos da metrópole. Sendo assim, mesmo partindo do mesmo recorte, são esperadas diferentes narrativas de diferentes sujeitos da pesquisa. Analisando geograficamente esse fato, compreende-se que cada entrevista ocorreu em um contexto socioespacial particular e a combinação dos elementos contidos nesse contexto, fizeram com que cada entrevista seja única. (WILES *et al.*, 2004).

Levando essa singularidade em consideração, é importante pontuar que sendo um dos conceitos orientadores desta pesquisa a paisagem cotidiana, já é esperada uma grande diversidade de trajetórias¹⁶, pois pautados nos alicerces teóricos apresentados, tais como Collot (1990), Besse (2014), Berque (2011), Lindón (2012) entre outros, entende-se a paisagem como algo intrínseco ao sujeito situado, que terá sua percepção única sobre cada paisagem.

Em cada feira livre foram selecionados de 2 a 3 feirantes, totalizando cerca de 14 entrevistas com os sujeitos que estão envolvidos de maneira direta com essa paisagem, essas entrevistas podem ser encontradas na íntegra na seção de anexos desta tese e sua organização observada na tabela abaixo. Algumas entrevistas estão mais curtas e outras mais longas, pois como foram realizadas durante as vendas dos feirantes, a depender do horário, o mesmo tinha mais ou menos fregueses, e na angústia de não atrapalhar o trabalho deles, as entrevistas eram interrompidas.

É importante pontuar que os nomes apresentados são reais ou fictícios, a depender da escolha do entrevistado em revelar seu nome ou não. Além dessas entrevistas, mais uma foi feita com o Secretário executivo de Segurança Alimentar, Nutricional e Abastecimento da prefeitura de São Paulo, o senhor Carlos Fernandes, a fim de compreender o caráter da relação do setor público com as feiras livres.

¹⁶ Schutz (1977; 1983) chama de trajetórias o ordenamento dos acontecimentos narrados por cada indivíduo.

Tabela 4 – Corpus das entrevistas

Feira	Entrevistado
	Feirantes
Capão Redondo	Lúcia, Otávio, Pardal
Jardins	Andréia, Dona Quiu e Manuel
Parada Inglesa	Maria, Marivaldo e Nanci (Mãe de Marivaldo)
Artur Alvim	Isilda, Edson e Reginaldo
Vila Madalena	Rubens, Mateus e Roberta

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a coleta dos dados obtidos por meio das entrevistas narrativas e semiestruturadas, seguiu-se para a fase de análise dos dados coletados, se pautando ainda nas formulações de Jovchelovitch e Bauer (2002). A seguir, serão debatidas as maneiras escolhidas para realizar a análise dos conteúdos obtidos.

4.2 Análise das Entrevistas Narrativas

Jovchelovitch e Bauer (2002) apresentam três diferentes procedimentos para a análise das histórias coletadas durante as entrevistas narrativas, sendo elas: a análise temática, a proposta de Schutze e a análise estruturalista. Para essa tese, foi escolhida a proposta de Schutze, que será apresentada neste momento.

A proposta de Schutze propõe seis passos para a análise das narrativas. Sendo eles: 1. A transcrição detalhada; 2. Divisão do texto em material indexado e não indexado¹⁷; 3. Análise dos componentes indexados afim de organizar os

¹⁷ Para o autor, quando o material é indexado, questões como “Onde? Quando? E Por que?” são respondidas, enquanto que o material não indexado expressam os sentimentos vindos daquela narrativa, chamado por ele como “sabedorias de vida”.

acontecimentos de cada indivíduo, as 'trajetórias'; 4. Análise das dimensões não indexadas; 5. Agrupamento de comparação entre as trajetórias apresentadas em todas as narrativas; e 6. Estabelecer semelhanças dentro do contexto das narrativas, identificando a partir disso as trajetórias coletivas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

É importante salientar que todos os métodos apresentam limitações na perspectiva geográfica, pois como aponta Wiles *et al.* (2004), mesmo em uma análise global daquilo que foi coletado, o pesquisador inevitavelmente descarta ou perde algumas nuances contextuais durante o processo. E além disso, há também a possibilidade de certa omissão dos entrevistados, ou a criação de expectativas por parte dele sobre o conhecimento do entrevistador sobre o assunto (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Como pontua Wiles *et al.* (2004), "Nem o pesquisador pode ter certeza de que o entrevistado escolheria a mesma parte da entrevista como a parte mais importante" (p. 98)¹⁸. Porém, esse fato é inerente a todos os tipos de entrevistas.

A análise das entrevistas narrativas é útil ao geógrafo, independentemente de sua forma, pois apresenta a possibilidade de inserção em um contexto de vivência, além de oferecer uma maneira poderosa de conectar detalhes de experiência e reflexões sobretudo relacionadas as relações sociais e espaciais (WILES *et al.*, 2004). Por meio da análise das entrevistas, buscar-se-á responder as problemáticas expressas nesse projeto, pois ao pensar sobre a transformação da paisagem cotidiana em patrimônios-territoriais, o foco de análise deve estar sempre no ser, em suas percepções e respostas emocionais. A partir disso, será possível estabelecer paralelos e elencar os por quês, para então seguir para a segunda questão que orienta a problemática, relacionada a parte prática propositiva do trabalho, que busca a valoração das feiras livres da cidade de São Paulo enquanto patrimônios-territoriais dos sujeitos cotidianos.

¹⁸ Tradução nossa. Original "Nor can the researcher be sure that the interviewee would choose the same part of the interview as the most important part".

5 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

Com base no levantamento bibliográfico realizado, considerações puderam ser feitas sobre os encontros teóricos dos conceitos de paisagem cotidiana e patrimônio-territorial com o fato observável das feiras livres urbanas. Neste tópico serão apresentadas algumas dessas considerações.

Pautando-se nas ideias de Lindón (2012), entende-se que as feiras livres fazem parte da vida cotidiana dos sujeitos que habitam os lugares e que é a partir desse contato que cada ser usufrui dessa paisagem e terá uma experiência única relacionada a ela. Pode-se ter uma experiência, mesmo que pequena, relacionada a ligação dos seres situados com o meio, realizando um tour virtual via *Google Street View*, e as diferenças da organização espacial das ruas em que são realizadas as feiras deixam claros os encontros íntimos que cada morador tem com aquele espaço. São praças, ruas estreitas, ruas largas, curvas, residências, comércios, árvores, problemas urbanos, escolas, espaço, aperto, entre tantas nuances que se apresentam em cada local, em cada bairro. A paisagem cotidiana vista planejada em um aplicativo, já demonstra pontos de interpretação de grande valor sobre aquilo que é visto, contribuindo para aguçar a curiosidade investigativa sobre os sentimentos dos seres que ali têm suas vidas cotidianas e que só podem ser entendidos através das entrevistas e dos trabalhos de campo.

Pensando nisso, outro ponto considerado gira entorno da *mediância* (BERQUE, 2011) criada pelas feiras, pois através da interpretação sobre os elementos objetivos de cada paisagem se tem uma interpretação subjetiva, e indo além, cada ser vivente dessas feiras terá a sua própria percepção, portanto serão criadas diferentes formas de compreensão da trajetória a partir de cada vivência, e além disso, uma trajetória comum a convivência em comunidade, criando assim o que Lindón (2012) aponta como memória espacial, uma mediância comum, Intercorporal entre os sujeitos.

Nesse momento, revisita-se as palavras de Sato (2012), pois, chegado o momento da análise dos fatos concretos sobre as feiras livres, objeto desta tese e do trabalho de Livre docência da mesma, não se deve esquecer:

Assim, muito embora contando com uma leitura teórica prévia que conforma o objeto de pesquisa, tal alerta nos cautela sobre os riscos de se fazer um uso das teorias que venha a simplesmente encaixar os fenômenos que fazem a feira livre, com o risco de deixar esvair sua riqueza, sua singularidade e sua complexidade. Com essa preocupação, os apoios teóricos adotados para melhor iluminar os focos, a aprimorar o olhar e a atenção e, portanto, a

compreensão, foram buscados a partir do que os feirantes, a feira e todos os que a fazem e me mostraram (SATO, 2012, p. 23)

É com essa preocupação que se inicia a análise dos fatos concretos, com base no olhar geográfico.

As feiras da cidade de São Paulo acontecem, em sua maioria, semanalmente, e sua distribuição pelo sítio urbano toma todas as regiões da cidade, sendo um dos indícios da demonstração de resistência urbana dentro do padrão industrializado da cidade, pois mesmo durante esse processo, o número de feiras foi aumentando.

Sobre esse fenômeno buscou-se descobrir junto aos órgãos responsáveis pela organização das feiras livres se existe uma constância de aumento ou diminuição desse modelo de varejo na metrópole e descobriu-se que houve sim um aumento, se comparados os dados da década de 1960, da pesquisa de Guimarães (1969), que apontava cerca de 452 feiras na cidade com os dados da prefeitura do ano de 2022, que apresenta 948. Efetivamente, é um grande salto temporal, que pode omitir diminuições anuais, porém serve como base para análise superficial.

Na tabela abaixo, pautada nos dados de pesquisa de Rodrigues (2018), apresentam-se dados mais atualizados pautados nos últimos 20 anos, o que mostra uma oscilação para mais e para menos ao passar dos anos, porém, em números finais, observa-se uma expressiva quantidade de feiras livres na cidade.

Tabela 5 – Feiras livres em São Paulo de 2003 a 2018.

2003	892
2004	892
2005	892
2006	889
2007	889
2008	888
2009	907
2010	863
2011	867
2012	880
2013	880
2014	880
2016	875
2017	883

2018	871
------	-----

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2018).

Após o mapeamento das feiras na cidade de São Paulo, a seleção das feiras e dos sujeitos da pesquisa, e a realização das entrevistas, iniciou-se a análise dos dados coletados. Foi utilizada como guia a proposta de Schutze, encontrado em Jovchelovitch e Bauer (2002), com as devidas adaptações necessárias. O primeiro passo está nas transcrições detalhadas das entrevistas, que podem ser encontradas nos anexos desta tese. Em seguida, chegou-se ao momento da divisão entre o conteúdo indexado e não indexado, o conteúdo indexado desta pesquisa foi aquele que se encaixou na ordem prática objetiva da vida humana, cujos temas se encaixam nos quesitos encontrados na tabela a seguir:

Quadro 3 – Conteúdo indexado

Tempo de feira
De onde vem os produtos (Circuito de abastecimento)
Quantas feiras trabalha/frequenta
De quem é a banca

Fonte: Organizado pela autora.

Enquanto isso, o conteúdo não indexado, que procura encontrar a ordem subjetiva nas narrativas ficou dentro dos seguintes temas:

Quadro 4 – Conteúdo não indexado

Acha que a feiras estão sumindo (sentimento)
O que mudou desde o começo (prioridade na percepção)
Pandemia e trabalho
Importância das feiras para sua vida e para a cidade de São Paulo
Vínculo criado nessa relação
Percepção da pesquisadora frente as respostas dadas e as histórias contadas

Fonte: Organizado pela autora.

É importante salientar que a maioria dos conteúdos não indexados desta pesquisa foram destinados aos feirantes e frequentadores das feiras, visto que a entrevista com o representante do poder público se mostrou como uma sondagem a maneira como está organizada a relação de poder entre a feira e a representação pública. Isso não quer dizer que a fala do secretário não venha carregada de sentimento, visto que, durante toda a entrevista, o mesmo deixou claro ter diversas

memórias afetivas com a paisagem pesquisada, além de propor projetos que visibilizem as feiras livres.

Analisando os conteúdos indexados, chegou-se a um panorama sobre as feiras:

Tabela 6 - Conteúdo indexado (Panorama geral)

	Lúcia	Otávio	Pardal	Manuel	Andréia	Dona Quiu	Maria Eunice	Marivaldo	Nanci	Isilda	Edson	Reginaldo	Rubens	Mateus
Tempo de feira em anos	10	7	25	36	25	46	15	5	32	15	26	8	17	9
De onde vem os produtos	CEASA	CEAGESP	Produtor (Embu-Guaçu)	Produtor (Juquiá)	Produtor (Biritiba Mirim)	Parque Dom Pedro	CEAGESP	Parque Dom Pedro		CEASA	Produtor (Suzano)	CEAGESP	CEAGESP	Produtor (Mogi das Cruzes)
Em quantas feiras trabalha	4	6	5	6	5	6	6	5		5	6	5	6	6
De quem é a banca	Alugada	Alugada	Funcionário do produtor	Funcionário de empresa	Banca própria	Banca própria	Banca própria	Banca própria		Banca própria	Banca própria	Alugada	Banca própria	Funcionário de empresa

Fonte: Elaborado pela autora

Pode-se perceber que há uma variação de tempo de trabalho, que fica entre 5 e 46 anos, com uma média de aproximada de 21 anos de trabalho. Esse dado pode nos dizer sobre a fixação dos trabalhadores no setor, demonstrando que quando se escolhe trabalhar com feiras, há mais chances de permanecer nesse ramo do que sair. Isso pode ser observado na fala do feirante Manuel, quando diz *“Eu não sairia daqui não, tá no sangue já, já tentei várias vezes, mas não consegui não, já entrei em empresa, trabalhei em cerâmica, trabalhei de um tudo. Feira é feira”*.

Ainda analisando os dados da tabela 11, podemos observar a origem dos produtos vendidos na feira, os produtos variam entre três categorias; 1. Aqueles que vem do CEAGESP/CEASA; 1. Aqueles que vem do produtor; e aqueles que vem do Parque Dom Pedro. 6 dos 13 entrevistados compram seus produtos direto da CEAGESP, outros 5 compram diretamente do produtor e 2 compram no Parque Dom Pedro/Mercadão. Pode-se concluir que a maioria opta pela CEAGESP, esse centro de distribuição é um dos maiores da América Latina, e concentra grande parte dos produtos de abastecimento da cidade de São Paulo, segundo a própria instituição “[...] os varejões da CEAGESP são realizados três vezes por semana (4^a, sábado e domingo) e movimentam mais de 250 toneladas de produtos por mês” (CEAGESP, s.d.), localizados principalmente no pavilhão do MLP – Mercado Livre do Produtor.

Figura 13 - Trabalhador repondo mercadorias no Mercado Livre do Produtor (MLP) do Ceagesp



Fonte: Marcos Santos / USP Imagens.

Observa-se a partir desses dados uma mudança na característica do abastecimento das feiras, que mesmo em sua maioria vindo da região metropolitana de São Paulo, no chamado Cinturão Verde¹⁹, não é feita do produtor ao consumidor de maneira direta, mas sim por meio de intermediários, que são os feirantes. Uma

¹⁹ O Cinturão verde se localiza dentro da cidade de São Paulo, principalmente nas periferias da cidade, nas chamadas Unidades de Produção Agropecuária (UPAs) e na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). São responsáveis pelo abastecimento de hortifrutigranjeiros da capital. Na região metropolitana, destacam-se as cidades de Mogi das Cruzes, Suzano, Salesópolis e Biritiba-Mirim.

conclusão que se chega com base nesses dados, é que a feira acompanhou a transformação industrial da cidade e o mundo do trabalho, sendo assim, é possível encontrar muito mais feirantes revendedores do que vendedores diretos.

Pensando no mundo do trabalho, observa-se agora o quarto ponto dos conteúdos indexados, que é a quem pertence as bancas nas feiras. Mais uma vez, os conteúdos variam em três categorias: as bancas próprias; as bancas alugadas; aqueles que são funcionários do produtor; e aqueles que são funcionários de empresa. A maioria das bancas são de propriedade dos entrevistados, onde os mesmos trabalham, ou empregam pessoas que os ajudam no trabalho. Mas o que chama a atenção nessa configuração são as bancas alugadas e os funcionários que trabalham na banca cujo o responsável não se encontrava.

Uma característica das bancas alugadas pode ser observada na fala do feirante Otávio, quando perguntado “- *essa pessoa que você aluga vem de onde? - Aqui de São Paulo mesmo, ex-feirante.*”. É possível observar uma complexidade nas relações das feiras, que evoluem de um contexto de produção e venda em seus primórdios, para um contexto de sublocação, empregador e empregado.

Sobre isso, encontra-se em Sato (2012) um ponto importante de debate. A autora chama atenção para como a face lúdica e cultural da feira não é tão bem recebida entre os feirantes, pois para eles, ser feirante é um trabalho. Segundo a autora:

As primeiras incursões em campo (observações e entrevista) permitem identificar que, para os feirantes, a visão folclórica da feira livre – que dá relevo apenas a sua faces lúdica, estética e cultural – não é bem recebida, pois esmaece aquela de que ser feirante é um trabalho e de que esse ramo de atividade econômica é importante escoadouro na distribuição de gêneros alimentícios, sendo, portanto, segmento relevante na dinamização da economia da cidade; ao mesmo tempo em que gera trabalho, emprego e renda para parcela importante da população (SATO, 2012, p. 60)

Dentro do contexto de valorização da subjetividade da paisagem vivida, proposta nessa tese, poder-se-ia escolher apenas o lado lúdico e cultural da feira, porém, não se pode em tempo algum enquanto geógrafa e geógrafo, abandonar o meio objetivo, de trabalho e de sistema econômico em que se está permeada essa vida humana. É por isso que ao propor a feira livre enquanto patrimônio e, mais afundo, como patrimônio-territorial, deve-se ter esse ponto vista alcançado.

Dentro da proposta de Costa (2016; 2017; 2018; e 2022) há a contemplação desses dois mundos, visto que a teoria é embasada na proposta dos “circuitos da

economia urbana” proposto por Milton Santos e no decolonialismo latino. Como vemos no excerto a seguir:

[...] juntos, explican las distintas experiencias socioespaciales y permanencias que, parcialmente, sustentan la función de abasto y supervivencia popular de este mercado, en un escenario de modernización desigual y selectiva de territorios metropolitanos y aumento de la informalidade urbana en América Latina (COSTA, 2022, p. 92)

Nesse sentido, mesmo que a escolha seja pela proposta de análise da paisagem com enfoque no sujeito, deixar de debater o sistema capitalista, decolonial e da urbanidade latino-americana em que esse sujeito está inserido não foi uma opção.

Seguindo na proposta de análise de Schutze, chega-se ao momento de discussão na dimensão não indexada das narrativas. Essa discussão será dividida em três perspectivas de análise: em um primeiro momento a análise dos diários de campo; em um segundo momento a análise subjetiva das entrevistas; e em um terceiro momento a análise sobre o Quadro 5 de conteúdo não indexado.

Analisando os diários de campo, alguns pontos chamam a atenção. Mesmo que as análises tenham sido feitas pela própria pesquisadora, quando revisitados depois de um tempo, a memória atua com mais força e diversos pontos começam a se conectar.

Ao ser visitada em horários diferentes, é possível ver a transformação da paisagem das feiras através do tempo diário, tanto nos frequentadores, como nos fixos objetivos. Ao chegar à feira logo no início da manhã, é possível observar mais mulheres idosas, produtos mais frescos, bancas cheias de produtos. Quando se visita a feira no meio da manhã, observa-se ainda mais mulheres, mas os homens começam a aparecer, como também crianças, a feira se enche com mais força, começam as reposições das bancas. Já no final da manhã, observa-se um esvaziamento dos produtos nas bancas, os feirantes começam a mudar os preços, chega hora da conhecida “xepa”, onde os produtos são mais barato e com menor qualidade. Ao final da feira, tudo vai se esvaziando devagar, os feirantes começam a desmontar as bancas e os tabuleiros, encontra-se um pouco de lixo, porém já pode-se ver os funcionários da limpeza pública recolhendo o que sobrou.

Figura 14 – Final de feira nos Jardins



Fonte: Arquivo pessoal

As feiras também variam a depender dos dias da semana, feiras de segunda-feira a sexta-feira tem características de frequentadores com definição de sua busca, senhores e senhoras arrastando seu carrinho de feira, jovens com listas nas mãos, cenário diferente das feiras do final da semana, que são mais cheias e que apresentam mais famílias, que passam pelas barracas, compram em pequena quantidade e buscam as barracas de alimentos, um pastel, um doce.

Apropria-se novamente das ideias de Sato (2012), quando fala sobre as feiras livres como algo diferente de uma pesquisa clínica, “[...] feira não tem muros nem portões, cartão de ponto, um gerente ou um dono. Ela é aberta a todos. Fácil, então para ser olhada e para ser pesquisada” (p. 26), a autora chega à conclusão que o

olhar é a chave para pesquisar a feira, pois tudo está ali, sendo dado de maneira aberta, é o olhar do pesquisador que fará a diferença. Concorde-se com essa pontuação, pois foi através desse olhar que se observou pontos de conexão, de divergência e até mesmo pontos de invisibilidade na vida cotidiana.

A feira é um aglomerado de sujeitos, com seus sentimentos e afetividades e isso pode ser observado na paisagem, dessa maneira, concorda-se novamente com a autora

A feira livre emana muitos cheiros, cores e sons. Os diversos temperos, os pescados, as frutas, as flores estimulam nossos sentidos quando para ela estamos a caminho. Os sons, a depender do horário, já anunciam as boas oportunidades de compra. Visualmente, somos fisgados pela diversidade das cores, formas e texturas e somos chamados a interagir continuamente com os feirantes (SATO, 2012, p. 25)

Sobre essa fala, não há como não vir a memória Milton Santos, em sua *Metamorfose do espaço habitado*, com sua célebre frase, citada largamente ao se referir a paisagem: “Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (p. 61).

Analisando subjetivamente as entrevistas, encontram-se diversos pontos de análise. Tentou-se criar um ambiente de acolhimento e ao mesmo tempo de descontração ao iniciar as conversas com feirantes, fazendo com que a primeira barreira de contato fosse quebrada. Porém, é possível perceber que nos primeiros cinco minutos os sujeitos da pesquisa se sentiam bastante acuados, como é próprio de qualquer ser humano quando exposto ao desconhecido.

Após quebrar a primeira barreira, houve uma conversa, uma entrevista narrativa fora das gravações, em que foi pedido que os sujeitos falassem um pouco sobre sua história de vida e como começaram na feira. Nesse momento foi possível observar diversos tipos de sentimentos sendo aflorados, o pensar sobre a própria vida fez com que vários sujeitos dessem pequenos indícios de que aquela conversa estava tocando alguma parte desconhecida dos mesmos. Por exemplo, ao citar o irmão que perdeu para a COVID19, o feirante Edson apresentou a voz trêmula e os olhos marejados. Ou a feirante Maria Eunice quando lembrou seu trabalho recolhendo latinhas de alumínio pelas ruas de São Paulo antes de encontrar as feiras.

Nesse caminho, também outros sentimentos puderam ser percebidos ao longo do tempo de contato com os sujeitos, a maneira com que os mesmos falam da feira ao responder à questão sobre o impacto que elas tiveram em suas vidas, a voz muda

de tom, percebe-se uma modulação de afeto na voz, a feira é sempre citada com muito respeito, como um trabalho, mas também como vida.

Ao analisar o conteúdo não indexado, alguns pontos chamam a atenção. Ao serem perguntados sobre o sumiço das feiras, objetivamente a partir dos dados da prefeitura, sabe-se que houve um salto no número de feiras nos últimos anos, mas subjetivamente através da conversa com os feirantes, pode-se perceber um sentimento de que sim, as feiras estão sumindo, porém, não em seu todo, mas sim na quantidade de feirantes que ali estão trabalhando.

Essa nuance é importante para essa tese, pois apresenta o ponto de vista do sujeito com relação a sua paisagem vivida, nos remetendo a Besse (2014) no momento em que fala sobre a soma das dimensões ocultas ao abordar a paisagem como uma realidade mental, “[...] a paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior” (p.13), pois o mundo exterior demonstra uma realidade, mas no mundo interior, a paisagem apresenta uma dimensão oculta, o sentimento de “sumiço”.

Essa dimensão oculta volta à tona quando vem a questão sobre o que mudou desde que o sujeito começou nas feiras. Diversos ‘porquês’ se apresentam, mas uma unanimidade se mantém, sim, a feira mudou muito. Mas o que mudou? E é nesse ponto que houveram grandes divergências, alguns citaram a diferença nos fregueses “*era muito melhor, porque antes as pessoas compravam mais*” (Otávio), “*Mudou o povo da feira, agora o povo quem vem pra feira é mais exigente*” (Pardal), outros citaram as evoluções tecnológicas “*Acho que com relação ao movimento mudou, diminuiu bastante, acho que justamente pela concorrência do mercado, a facilidade da internet, vai tudo evoluindo*” (Andréia), “*tipo os feirantes ou as ruas, a gente coloca uma máquina de cartão, aceita um pix*” (Marivaldo) e outros citaram a relação que mudou com os fregueses “*Eu acho que mudou, tipo assim, muita coisa, a relação com as pessoas, sabe, vem se distanciando, tem gente que acha que aqui é igual mercado, você vem e compra e vai embora e antes a gente via que criava um vínculo com o freguês*” (Edson).

Chega-se à conclusão de que há um sentimento de mudança, que não se consegue explicitar, existe algo dentro de si, mas no momento de falar sobre isso, não se consegue unir as palavras. Esse sentimento é comum, um sentimento um tanto saudosista, principalmente daqueles que tem mais de 10 anos de feira.

Quando o assunto foi pandemia da COVID19, uma hipótese desta tese caiu por terra, esperava-se encontrar um cenário de complicações na renda do trabalhador da feira, porém o que se encontrou foram feirantes apontando que durante a pandemia acabaram vendendo mais, ou que as feiras estavam mais cheias, ou que se adaptaram ao modelo *delivery* nesse momento, como pode ser visto nas falas do feirantes a seguir:

Mas olha, pra te dizer na pandemia foi muito bom pra feira, porque as pessoas estavam em casa, todo mundo vinha pra feira, todo mundo tinha que comer, o mercado tava muito caro, então a feira foi um refúgio, foi um tempo de fartura na feira, e depois que foi acabando a pandemia, foi caindo de um jeito, caiu muito. Eu não sei realmente o que aconteceu, em todas elas, caíram assim de rendimento, assim, uns 70% e continua assim (Lúcia – Capão Redondo)

E aquela época não diminuiu não, continuou normal porque é um espaço aberto né, tipo, o pessoal preferia até fazer feira porque o mercado era fechado (Otávio – Capão Redondo)

Vendeu mais, não tinha lugar aberto e as pessoas vinham pra feira, por ser aberto e por ninguém estar saindo, eles viam as feiras como uma opção, eles viam tudo aberto e vinham passear. Pra você ver, se hoje eu vendo 50% na pandemia eu vendia 150% (Pardal – Capão Redondo)

Olha por exemplo, na pandemia pra mim, foi muito bom, eu vendia muito mais do que eu vendo hoje, por que as pessoas comiam em casa né, todo mundo começou trabalhar em casa, aí as pessoas cozinhavam, vendia muito mais. Então, na feira foi bem melhor pandemia, foram dois anos muito bons, as pessoas vinham né, ao ar livre, foi ótimo. (Andréia – Jardins)

Esse panorama se deve as características da feira livre, principalmente por ser um local aberto e, além de tudo, por mantém o contato humano, muitas pessoas durante a pandemia se viram sozinhas em casa, ou com suas famílias apenas, o que fazia com que a saída para lugares com chances menores (mas não inexistentes) de contaminação se tornassem uma opção. Esses fatos refutam a hipótese proposta no início do trabalho, antes dos trabalhos de campo.

Quando o assunto foi sobre o impacto da feira na vida cotidiana, mais uma vez o sentimento e a afetividade tomaram conta da conversa, os olhares sempre se distanciavam, a memória era acionada, uma memória também espacial como a apontada por Lindón (2012), pois estava atrelada a um local, uma paisagem cotidiana geográfica. Observa-se também as palavras de Valverde e Luna (2015) sendo corroboradas, uma resposta emocional a uma paisagem sendo despertada. Histórias de superação e de alegria, e até mesmo a tristeza da rotina exaustiva da feira:

Muita coisa (impacta), a liberdade, respirar e lidar com o público, a gente se sente bem, mais a liberdade mesmo. Eu não sairia daqui não, tá no sangue

já, já tentei várias vezes, mas não consegui não, já entrei em empresa, trabalhei em cerâmica, trabalhei de um tudo. Feira é feira (Manuel – Jardins)

Eu amo, amo, eu amo! Eu sou confeitadeira, hoje em dia todo mundo faz bolo, então não compensa mais e a feira eu comecei a vir assim, por obrigação e necessidade, porque meu marido ficou um tempo sem trabalhar e vim com meu irmão e meu filho, me apaixonei. Cansa, é cansativo, mas eu amo (Lúcia – Capão Redondo)

Eu sou suspeita pra falar, mas a feira é muito bom, não tem aquela concorrência, aquela rivalidade, de repente eu não tenho uma coisa eu pego do meu vizinho que tem, se falta alguma coisa meu vizinho me ajuda, eu não tenho rivalidade na feira, eu só tenho amigos, eu me sinto muito bem na feira, eu me sinto livre. Feira pra mim é qualidade, é interagir com as pessoas, é poder negociar um preço melhor, tudo que eu tenho vem da feira, eu só tenho a agradecer. [...] Olha eu gosto muito da feira, eu gosto muito de trabalhar aqui, eu criei meus filhos aqui, com a feira eu vou formar duas filhas esse ano, pago os estudos do meu filho de 17 anos. Tudo que eu tenho vem da feira, isso aqui é tudo pra mim (Andréia – Jardins)

Eu acho boa, eu adoro, eu fico dois dias em casa e eu não gosto de ficar em casa, eu adoro feira, aqui tem os amigos as amigas, o rico, pobre, conversa, brinca, beija e abraça, é muito divertido feira, você sabendo trabalhar você vévi com todo mundo, nunca tive uma desamizade na feira, e a vida é boa, minha vida é boa, eu gosto da minha vida, não consigo ficar em casa, dois três dias eu já quero vir pra feira. Na pandemia eu fiquei 15 dias em casa e minha irmã trabalhando e eu queria voltar, voltei, não peguei nada (Dona Quiu – Jardins)

Olha, na minha vida mudou muita coisa, pro bem graças a Deus. Eu era catadora de latinha na rua, trabalhava dois dias com o dono dessa barraca aqui, aí a gente conseguiu comprar uma barraca pra nós, é que a gente não é daqui né, a gente é do Norte. [...] Não posso reclamar da feira, tudo foi ela que me deu. Eu gosto de trabalhar aqui de verdade, eu só não gosto muito do horário, tem que dormir 7h da noite. hahahahaah é vida de doido (Maria Eunice – Parada Inglesa)

Observa-se a dupla direção da paisagem de Valverde e Luna (2015) quando há a projeção das emoções sobre a feira livre e ao mesmo tempo a própria feira comove o sujeito emocional, o que se vê nos excertos acima é a vida do sujeito sendo transformada por aquela paisagem, quando traz dignidade e renda e também quando constrói ligações. Voltamos a Besse (2014), no mais importante de tudo, o pertencimento, conceito debatido nessa tese e trazido pela perspectiva de pesquisadores do tema.

As dimensões ocultas dessas paisagens foram trazidas à tona através dos depoimentos, quando se escuta as palavras de Marivaldo “*Olha, eu nasci nisso aqui, então eu digo pra você que isso é a minha vida*”, ou de Isilda “*eu amo muito trabalhar com isso e dei de um tudo pras minhas crianças com a feira*”. Por mais que estes

estejam falando das paisagens cotidianas das feiras livres, se diz mais sobre seu interior, seus olhares e seus valores, como vimos em Besse (2014).

Nesse ponto, ainda se encontra em Besse (2014) a discussão dessa afetividade, quando observa-se sendo demonstrada através dessas falas a “desobjetivação” dessa paisagem. Para Besse, existindo uma exposição real aos elementos, neste caso a feira livre, existirá uma experiência subjetiva como já debatido nas seções anteriores, e também a “desubjetivação” que ocorre quando o pensamento encontra o concreto. Pode-se dizer que as falas dos entrevistados contemplam esse linear, visto que por diversos momentos houve um debate em que a paisagem vivida era colocada no central e ao mesmo tempo o subjetivo, através da afetividade, das opiniões e da própria vida.

Constrói-se então a *trajecção* (BERQUE, 2011), uma paisagem real onde o objetivo e o subjetivo interagem, a feira livre forma sua *mediância*, apresentando os três níveis que a constroem essa interatividade. O nível do em-si, sendo o mais objetivo, nele apresenta-se a própria feira, as bancas, os fregueses, os colegas, as ruas, a burocracia, os produtos, entre outros. O nível ecológico, que é visto na relação do rural com o urbano através dos próprios produtos, quando chove mais ou menos e isso impacta as plantações ou a própria feira. E, por fim, o nível simbólico, que é a própria paisagem, onde ocorre as relações humanas, a intercorporeidade, a subjetividade coletiva e o sentimento de comunidade.

É possível afirmar, por conseguinte, que as feiras livres podem ser consideradas um evento-paisagem (BESSE, 2014), pois nelas os sujeitos estão envoltos nos elementos físicos, simbólicos e de sua própria subjetividade e não podendo o sujeito se situar como espectador, olhando de fora a passagem temporal. Nem mesmo os pesquisadores ficam fora desse ponto, há a separação científica daquele meio, por motivos profissionais, obviamente, mas dentro de cada um, haverá um evento paisagem para cada feira visitada.

Outro ponto a ser debatido, é a validação através das entrevistas, da apropriação feita nessa tese da fala de Lindón (2012) sobre a formação da intercorporeidade. Na mesma fala da feirante Andréia, é possível perceber tanto a experiência sensorial do próprio corpo e também da primeira sociedade (família) “*Olha eu gosto muito da feira, eu gosto muito de trabalhar aqui, eu criei meus filhos aqui*”, como a mediação do nós e o mundo e a capacidade de habitar parcialmente no sentir

do outro corpo “[...] não tem aquela concorrência, aquela rivalidade, de repente eu não tenho uma coisa eu pego do meu vizinho que tem, se falta alguma coisa meu vizinho me ajuda, eu não tenho rivalidade na feira, eu só tenho amigos”. Esse segundo ponto, visto também na fala da Dona Quiu, senhora de 74 anos e que ainda trabalha na feira, pois gosta de estar ali “[...] eu adoro feira, aqui tem os amigos, as amigas, o rico, pobre, conversa, brinca, beija e abraça, é muito divertido feira, você sabendo trabalhar você vévi com todo mundo, nunca tive uma desamizade na feira, e a vida é boa”.

Para além do autosserviço, a intercorporeidade criada no fato de que não existe feira sem feirante e freguês, não há autoatendimento que substitua essa relação humana, e a criação de laços entre esses sujeitos é o que torna a feira um local de sociabilidade, que apresenta uma saber-fazer localizado de cada feirante e ao mesmo tempo uma afetividade criada sobre um meio.

Percebe-se, portanto, que o protagonismo dos sujeitos viventes das feiras constrói o social e também a familiaridade vista em Heidegger (2012; 2015) e em Saramago (2018), pois por meio das falas dos feirantes, foi possível perceber o enraizamento com o meio. Além disso, agora é possível responder algumas questões levantadas durante o texto, como por exemplo se as feiras seriam um dos “comos” na compreensão do contexto e da temporalidade da vida do ser e qual seria o para-quê dessa vivência cotidiana.

Para Saramago (2008), esse “como” é a significação que se tem sobre algo a partir do contexto de totalidade, e observando as falas dos entrevistados, pode-se perceber um impacto em suas vidas que faz com que o trabalho na feira, mesmo sendo entendido de maneira profissional, entrelace sua vida de maneira completa. Isso pode ser observado também quando se fala da rotina do sujeito, pois estes vivem a feira o dia todo, do momento que acordam até o momento de seu descanso. Isso faz com que se chegue à conclusão de que a feira pode sim ser o *como* da vida do sujeito.

O *para-que* dessa relação se dá pelo fato externo a vida dos feirantes, pois é a sua existência e a sua vivência que tornam/mantém a feira como refúgio a impessoalidade da vida da metrópole. O seu *como*, ou seja, a sua vida cotidiana vista de maneira ampliada, dá significado ao valor da feira e a torna passível de se transformar em patrimônio.

Adentrando ao patrimônio, algumas palavras nas falas dos entrevistados chamaram atenção e corroboram a tese sobre as feiras enquanto patrimônio-territorial. Na conversa com o Secretário de Abastecimento, ao falar sobre as feiras enquanto patrimônio, o mesmo salientou já encarar a feira livre dessa maneira, visto que sua existência tem mais de 100 anos, concorda-se com o Secretário, mas é importante ir além e não dar a feira essa nomenclatura apenas pelo tempo.

Retoma-se aqui o pensamento de Meneses (2012) sobre as cinco instâncias que explicariam a relação dos grupos sociais com seus patrimônios, sendo eles os valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos, e pontua-se um a um buscando encontrar as aproximações com a construção dessa relação entre a paisagem e a metrópole paulista.

Sobre os valores cognitivos, encontrou-se diversos pontos que corroboram essa perspectiva, além do conhecimento técnicos/burocráticos de regulamentação das feiras livres, há também uma grande quantidade de produções científicas relacionadas ao tema. Moura Araújo e Magalhães Ribeiro (2018) compilaram esses dados e concluíram, naquele ano, haver cerca de 434 estudos sobre paisagem escritos no Brasil, tendo um aumento significativo da pesquisa do tema a partir dos anos 2000. Uma hipótese levantada pelos autores para esse aumento, está relacionada a criação de programas de incentivo a agricultura familiar, além de, segundo os mesmos “pela legislação para agricultura familiar posterior a 2006” (p. 564). Outro ponto pode ser o estímulo da busca pelo tema, pautado nas pesquisas de grandes nomes da Geografia que se debruçaram sobre o tema, cita-se aqui o nome do professor Gilmar Mascarenhas (*In memoriam*) que no começo dos anos 2000 criou arcabouço teórico sobre as feiras livres.

Sobre os valores formais, relacionados ao valor da percepção, acredita-se ter a partir das falas dos feirantes uma confirmação sobre a criação desse valor, a feira é percebida de maneira subjetiva e a partir disso criou-se uma fruição dos locais como meio de vida, ou melhor, paisagem cotidiana. Há uma lógica em sua existência, muito além de apenas abastecer a população com gêneros alimentícios, já está na percepção das pessoas, em uma lógica mais profunda no ser em que este não se coloca mais em sua exterioridade (COLLOT, 1990).

Os valores afetivos foram um dos mais percebidos através da coleta de dados, não caindo na armadilha da aferição subjetiva, com as chamadas pesquisas de

opinião ou abaixo-assinados, alertadas por Ulpiano, a fala dos sujeitos envolvidos traz à superfície a alegoria da “velhinha encarquilhada de joelhos diante do altar-mor” (MENESES, 2012, p. x) para demonstrar que muito além desta tese e de todas as publicações científicas sobre o tema das feiras livres, os sujeitos de fruição, ou seja, todo freguês, feirante ou trabalhador envolvido no processo, verá a feira muito mais como vida comum, do que como ato extraordinário, é ali que se encontram os verdadeiros valores afetivos.

Os pesquisadores e seus floreios, mesmo que carregados de intensões preciosas (e coloca-se a intensão e os objetivos da presente pesquisa nessa ordem) não conseguem abranger tudo que a feira livre é para o sujeito, haverão recortes e na vida real, o todo é que dará sentido, sem recortes, sem amarras. Portanto, considera-se esse valor um dos mais importantes para esta pesquisa, pois é a partir dele que haverá a verdadeira validação do patrimônio. Não foi à toa que em boa parte das entrevistas os sujeitos se sentiam lisonjeados pelo convite, contudo, frases como “O que você quer saber de mim? eu não sei de nada, eu só sei vender legumes” ou “Menina, vai estudar coisa mais interessante” eram muito corriqueiras, portanto, em todo o processo, fazer com que sintam que seu saber-fazer situado vale a pena foi a maior busca desta tese.

Figura 15 – Dona Quiu, 46 anos de feira



Fonte: Arquivo pessoal.

Os valores pragmáticos relacionados as qualidades, mais que apenas fruição, está no fato de que muitas feiras na cidade de São Paulo são usadas não apenas em seu intuito natural de abastecimento, mas também como local de convivência e lazer, o que não é encontrado nos supermercados, assim, a comunidade, salvo exceções, gosta de frequentar a feira. Este valor também está relacionado a significação ética das feiras, seu valor de grupo, e isso pode ser percebido, quando, ao falar sobre o “sumiço” das feiras muitos apresentavam certo pesar em sua voz. Dito tudo isso, considera-se que é possível observar valoração da feira livre enquanto patrimônio para a cidade de São Paulo, segundo os conceitos de Meneses (2012).

Nas falas dos feirantes, muitas vezes a palavra “tradição” ou “costume” apareceu espontaneamente, em frases como: “*Mas feira é costume do povo, sempre*”

existiu aqui em São Paulo” (Rubens), *“mas feira é qualidade né, é tradição, tem preço”* (Otávio), *“é tradição de sempre, é coisa brasileira”* (Manuel), *“é tradição na cidade, as pessoas gostam da feira”* (Isilda). O que corrobora com a ideia de que já é senso comum a ideia da feira enquanto patrimônio brasileiro. Mas indo além, adentrando ao conceito de patrimônio-territorial, mesmo com as falas dos feirantes sobre a tradição da feira, é importante demonstrar o contraponto que se encontra na feira enquanto território de exceção (COSTA, 2016; 2017; 2018; e 2022). Aqui não se fala de exceção apenas no sentido de periferização ou exclusão (sumiço), mas no sentido do custo que se teve para que as feiras permanecessem durante todos esses anos e a existência dos sujeitos.

Quando os feirantes dizem que as feiras não estão sumindo, mas diminuindo de tamanho, percebe-se um ponto que corrobora a tese da exceção, pois muitos deles fazem essa fala com base na concorrência que se tem com os supermercados, como se percebe nas falas a seguir:

[...] as pessoas que vem aqui, elas vêm buscar verdura fresquinha, fruta fresquinha, além do preço, você pode chorar o preço, o trato direto com o consumidor (Pardal – Capão Redondo)

[...] por que assim ó, mercado, sacolão, hortifrúti, tem tudo isso né. Além dos preços né, as mercadorias tão muito caras, não tem como ficar repassando, além da natureza né, chove pouco, faz muito frio (Manuel – Jardins)

[...] as feiras, deu uma diferenciada a partir do momento que o mercado começou vender o que vende na feira, porque quando começou a feira, o mercado não vendia nada disso aqui, então a feira era bem melhor né, porque não tinha concorrência do mercado, eu acho que a feira tem muito mais qualidade que o mercado (Andréia – Jardins)

Tem até mercado aqui perto, mas não atinge essa feira não. Mas tem uma feira de sábado, do lado da minha casa, que como eles sabem da feira e no dia da feira eles tacam promoção, mercados grandes. Mas a feira ainda ganha, a pessoa vai comprar no mercado eu fico revoltada, como pode (Lúcia – Capão Redondo)

Até mesmos nas falas em que os feirantes dizem não haver concorrência é possível perceber que só pelo fato de eles estarem pontuando diferenciações e querendo dizer que suas mercadorias são mais frescas ou mais baratas, há um objeto de comparação, portanto, uma tentativa de resistir de alguma forma como bem aponta Andréia *“todo mundo que é grande quer dominar o que é pequeno”*.

Essa concorrência, característica da “[...] cultura urbana ou a nova sociedade urbana, aquela que, gradualmente, se distancia do trabalho do campo, mas necessita dele para sobreviver” (SCARLATO e COSTA, 2017, p. 5), pode ser vista na fala da

feirante Manuel “*o povo gosta, a natureza que gera o alimento, vem da terra, manter essa ponte, é importante*”. A feira enquanto abastecimento, enquanto ligação com o meio rural, mesmo que de maneira atípica, pois em sua maioria os feirantes são intermediários no circuito de produtos, mantém a essência do campo, em um mundo onde o ultra processado vai tomando o lugar do alimento natural.

Outra situação que corrobora a ideia de exceção, é a descoberta do Projeto de Lei 01-0660/2009 do vereador Ricardo Teixeira (DEM), que institui um rodízio bianual das feiras livres em ruas do mesmo bairro:

Dispõe sobre o rodízio de ruas para instalação de feiras livres e das outras providências.

Art. 1º – Dispõe sobre o rodízio de ruas para instalação de feiras livres, sendo escolhida de duas a três ruas, em sistema de rodízio, de dois em dois anos, sendo essa escolha a cargo da Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras, através das Subprefeituras, tendo a PMSP a obrigação de fazer constar no cadastro do IPTU.

Parágrafo Único: A escolha das ruas em questão, deverá ter anuência da Secretaria Municipal de Transportes, através da Companhia de Engenharia de Tráfego – CET e da São Paulo Transportes – SPTrans, visando mitigar os eventuais impactos ao trânsito e transportes nas ruas escolhidas e dos respectivos entornos.

Art. 2º – As despesas decorrentes da implantação desta lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário (Blog do Vereador Ricardo Teixeira, s.d.)

Em entrevista à TV Câmara de São Paulo, o vereador reconhece as feiras enquanto patrimônio histórico, mas também pontua a situação das pessoas que tem as feiras em frente as suas casas:

[...] é muito bom ter feira perto de casa, mas não na minha porta, é muito bom eu comer um pastel de feira no almoço, mas não na minha esquina me atrapalhando. Então o que a gente propõe não é nenhuma perturbação para os feirantes, os feirantes vão permanecer trabalhando pela cidade, são um patrimônio histórico da cidade, digamos assim, vamos dar uma organização das feiras para que não seja penalizado só uma quadra daquela rua. (TV CÂMARA - SÃO PAULO, 2019)

O projeto de lei foi discutido na câmara de vereadores da cidade de São Paulo e engavetado. Contudo, é importante pontuar que sua existência se deve a uma problemática verdadeira, que os próprios feirantes entrevistados apontam, principalmente devido ao barulho das feiras, a impossibilidade de passagem ou o travamento das garagens. O que se percebe é que desde o crescimento de São Paulo ao status de metrópole, se vê problemas com relação as feiras livres sendo apontados,

seja pelos veículos de comunicação, seja pela própria população ou seja pelo poder público.

Agora, mesmo com todos esses pontos, 108 anos de feira foram completados no ano de 2022. O que nos leva a crer que sim, as Feiras-Livres de São Paulo são um patrimônio histórico e patrimônio-territorial da cidade.

Após essa constatação, é considerada a possibilidade de ativação das feiras livres enquanto patrimônio-territorial, a partir do entendimento de sua relação com os seres de vivência e da comprovação de sua resistência desde os primórdios da colonização brasileira, encontrou-se relação intrínseca a memória territorial dos sujeitos e das classes trabalhadoras, pautando-se nos preceitos de Costa (2018), essa comprovação fica cada vez mais clara a partir dos resultados obtidos através das entrevistas, quando mais de uma vez, ao falar das feiras, os feirantes a entendem como algo tradicional, mas ao mesmo tempo de luta e persistência.

Algumas questões pairaram sobre o texto durante a elaboração do arcabouço teórico desta tese, sendo agora o momento da tentativa de respondê-las adequadamente, após a coleta de informações. Começar-se-á pelas questões relacionadas ao próprio patrimônio-territorial, sendo elas: “O que transforma a paisagem cotidiana das feiras livres em patrimônio-territorial? E como incorporar essa paisagem em um circuito espacial que valide esse patrimônio-territorial?”

Pautando-se nos dados coletados, entende-se que a paisagem cotidiana das feiras livres se transforma em patrimônio-territorial no momento em que ganham significação aos sujeitos situados, ao mesmo tempo em que demonstra determinada resistência desse meio de trabalho e vida. Portanto, as feiras livres se transformam, quando escutamos as falas dos feirantes relacionando suas vidas àquela paisagem, quando ao falar sobre sua rotina e vivência os mesmos mudam o tom de voz, ou enchem seus olhos d'água, há paisagem como disse Besse (2014), portanto, haverá patrimônio-territorial. Sendo assim, a incorporação desse circuito espacial já está validada, pois é legitimada das falas, nas vivências, nos sons, nas cores, na participação popular e mais objetivamente, para não dizer burocraticamente, na regulamentação frente aos órgãos públicos, na geração de emprego, renda e na dignidade que esse circuito dá as pessoas.

Ainda no âmbito das feiras livres enquanto patrimônio-territorial, entende-se que é exatamente através dessa validação, que a paisagem cotidiana ganha

visibilidade, pois como constatado até o momento, a percepção e a vivência validam o patrimônio, ao passo que a existência da percepção do ser sobre o mundo é a maneira de tornar cognoscíveis esses pontos de invisibilidade (CAUQUELIN, 2007). Ou seja, essa cotidianidade que é a marca a realidade (SARAMAGO, 2008) é retirada a partir do momento que o ser no mundo se enxerga enquanto criador de sua realidade.

Ademais, sobre essa validação é importante pontuar também que a feira se mostra como uma opção saudável e barata dentro do contexto da alimentação básica, em um país em que cerca de 33,1 milhões de pessoas²⁰ passam fome, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN) em seu 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Pensando que 58,7% da população vive com algum tipo de insegurança alimentar, a feira livre ganha ainda mais importância, visto que seu preço e sua qualidade podem ser instrumentos de garantia de alimentação básica para a população.

Para além da “xepa”, os próprios feirantes têm consciência sobre sua relevância nesse cenário, para eles, levar o produto de volta para o estoque é um prejuízo, e vendê-lo, mesmo que por um valor menor, o ajuda e também contribui com aqueles de menor renda, observa-se isso na fala de Marivaldo:

Além de ajudar algumas pessoas, por exemplo, vai chegando o final da feira, vai dando sempre as pessoas que precisam. Essa feira aqui nem tanto, por causa do bairro, mas a feira de amanhã na Vila Sabrina, ali tem bastante favela né, aí quando eu vejo que a pessoa necessita mesmo eu dou com certeza

Seguindo adiante, outras questões que surgiram durante o processo, foram aquelas de origem prática e burocrática sobre o funcionamento das feiras livres. Descobriu através da pesquisa que as primeiras regulamentações através de Leis e Decretos datam da década de 20, portanto é possível inferir que desde as primeiras feiras na cidade de São Paulo havia regulamentações. Uma das primeiras leis foi promulgada a no ano de 1927, sendo a Lei Nº 3129, que “Determina que nas feiras livres só poderão ser vendidos generos alimenticios e flores naturaes” (SÃO PAULO, 1927), após essa data, diversos outros decretos foram assinados e revogados, regulamentando de forma geral as feiras livres, até o Decreto Nº 48.172 de 6 de março de 2007, que vigora até os dias de hoje.

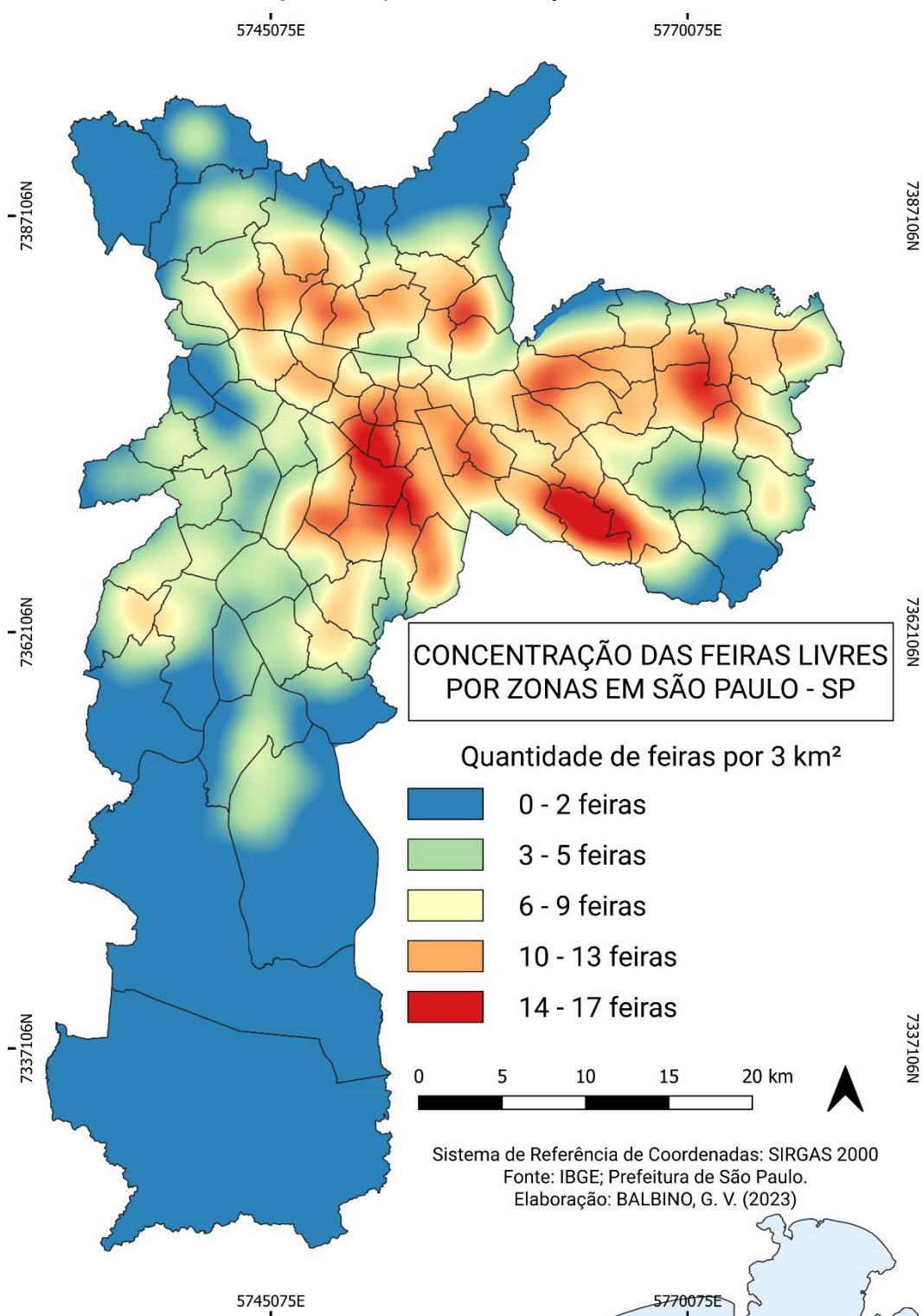
²⁰ Dados do ano de 2022.

Além desses decretos, existem diversas licenças que devem ser requeridas pelos feirantes para uso dos espaços públicos e vigilância sanitária, estas licenças fazem parte da Portaria de Autorização e Termos de Permissão de Uso para Comércio e Serviços em Logradouros e Vias Públicas, mais conhecido como “Tô Legal”, sistema criado pela prefeitura para regulamentação dos trabalhadores que desejam se utilizar das vias públicas para fazer comércio.

Ainda debatendo a ordem prática das feiras, através de dados da prefeitura foi possível descobrir as maiores e menores feiras da cidade. A maior feira se localiza na Rua São Gonçalo do Rio das Pedras, na subprefeitura de São Miguel, essa feira conta com 226 feirantes cadastrados, enquanto que a menor feira fica na Rua Ingaí, no bairro da Vila Prudente, essa feira conta com apenas 10 feirantes. Não há um padrão na distribuição das feiras por tamanho, existindo feiras grandes, médias e pequenas em todas as regiões da cidade.

Para essa tese foi encomendado um mapa de calor da distribuição das feiras na cidade e por meio dele foi constatado que a Zona Leste apresenta a maior quantidade de pontos focais com mais de 14 feiras, enquanto que a região do Centro apresenta a menor concentração de pontos. Observação também que os bairros que mais concentram pontos focais por Zona são: na Zona Sul, a Vila Mariana, a Saúde e o Cursino; na Zona Leste são Itaquera e Sapopemba; na Zona Norte, a Vila Maria e a Vila Medeiros; na Zona Oeste, a Freguesia do Ó e o Limão; e no Centro, a Liberdade.

Mapa 3 – Mapa de concentração das feiras



Fonte: IBGE.

Mapa 4 – Mapa de regiões, subprefeituras, distritos e bairros da cidade de São Paulo



Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – SMDU.

Toda feira é igual? Descobriu-se por meio das entrevistas e observações que não. Percebe-se que essa afirmação tem mais a ver com a familiaridade das pessoas com o lugar, do que uma tentativa de perda da *mediância*²¹, pois mesmo que haja uma homogeneização daquela paisagem, portanto, daquela feira, cada uma apresentará uma especificidade, cada bairro é um bairro, cada vivência é única. Não se cria uma fantasia social, pois o nascimento das feiras não está relacionado, primordialmente, aos atores dessa ordem de ação. A tentativa de criar espaços cada vez mais parecidos, resolvendo assim os problemas de orientação cotidiana dos sujeitos, pode estar presente nas ruas, nas barracas e nas bancas, mas a *trajecção* dessa paisagem não a deixa se transformar em uma uniformidade urbana.

Figura 16 – Feira no Capão Redondo



Fonte: Arquivo pessoal.

²¹ É importante lembrar que para Berque (2011) a homogeneização das paisagens pode levar a perda da *mediância*.

Figura 17 – Feira Parada Inglesa



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 18 – Banca de legumes – Parada Inglesa



Fonte: Arquivo pessoal.

Indo além nessa mediância, é possível inferir através dos dados, que há um distanciamento construído, pois ao perguntar aos antigos moradores dos bairros se existe alguma feira próxima, duas coisas serão percebidas. Sim, sempre existem, pois a quantidade de feiras na cidade consegue atender bem, boa parte dos bairros e esses sujeitos conseguem guiar o indagador até ela através de sua orientação (LINDÓN, 2012; HEIDEGGER, 2015), comprovando a existência desse distanciamento, trajado de cultura e emoção.

Para finalizar (ou não), considera-se que trabalhar com dois conceitos tão complexos como a paisagem cotidiana/afetiva e o patrimônio territorial foi uma das experiências acadêmicas mais desafiadoras, visto que, mesmo que exista uma vasta

produção científica o debate não se esvazia, pois diversos pontos de vista sempre surgem a partir dessas discussões, dando início a um ciclo espiralado de estudos.

Na seção a seguir, serão tratadas as conclusões desta tese, remontar-se-á ao objetivo geral e também aos específicos, bem como a hipótese, para discutir o que foi alcançado e corroborado.

6 CONCLUSÕES

Para iniciar os debates, volta-se aos objetivos específicos, analisando-os e pontuando aquilo que foi atingido ou não durante o processo de elaboração do trabalho.

O primeiro deles foi “entender a origem das paisagens cotidianas e também a origem das feiras livres na cidade de São Paulo”, e conclui-se que através de pensadores como Collot (1990), Besse (2014) e Berque (2011) entre tantos outros foi possível mergulhar nas paisagens cotidianas e em suas nuances, enquanto que em Mascarenhas (1992; 1997; 2008) e Sato (2012), primordialmente, além de dados oficiais do poder público, foi possível compreender melhor a origem das feiras e para além do alicerce teórico, os trabalhos de campo realizados propiciaram um conhecimento maior sobre o objeto desta pesquisa, portanto, acredita-se que este objetivo, salvo os contratemplos impostos pela pandemia da COVID19, tenha sido atingido.

Outro objetivo foi de “analisar a relação do ser com seu meio de vivência, por meio dessa paisagem e de suas relações de trabalho”, e conclui-se, mais uma vez através dos teóricos, como Heidegger (2012 e 2015), Saramago (2008) e Lindón (2012), que a relação entre ser e meio foi estabelecida no âmbito das feiras livres, enquanto que no mundo do trabalho Sato (2012) foi primordial. Enquanto isso, a comprovação dessa relação se deu através das entrevistas dos feirantes, quando os mesmos se entendiam enquanto peças importantes das feiras, mas também como trabalhadores de seu meio de vivência.

Através da análise da construção dessa relação e por meio do conceito de patrimônio territorial de Costa (2016; 2017; 2018; 2022), pode-se concluir que as Feiras livres da cidade de São Paulo são patrimônios-territoriais do sujeito situado, uma herança latina da construção decolonial da vivência, muito além do discurso autorizado da paisagem cultural, mais próximo da fruição real dos habitantes da grande metrópole e do sentimento dos sujeitos que se apresentam, constatando-se uma ligação sólida entre o meio e o ser.

Na tentativa de “conhecer as forças que tornam as paisagens das feiras, símbolo de resistência dentro de um contexto urbano-industrial” foi através de Scarlato e Costa (2017) que se pode entender que mesmo que a relação rural-urbana das feiras livres de São Paulo tenha se desenvolvido dentro de uma lógica de capital, com

o surgimento de intermediários como CEAGESP ou o Mercado Municipal, de meeiros que alugam barracas, ou empregados de feirantes, o trabalho no campo estará ligado a cidade de alguma forma. Mesmo que o panorama agrário brasileiro tenha se consolidado pelo grande proprietário, o pequeno produtor, vindo da agricultura familiar será um dos mais importantes fixos nos fluxos do circuito inferior da economia e a feira livre deixa isso claro. Portanto, acredita-se que esse objetivo tenha sido alcançado.

Na busca de “compreender acerca da maneira como os agentes de vivência percebem ou não percebem essa construção desse patrimônio”, foi possível compreender através das entrevistas que muitos dos sujeitos da pesquisa conseguem observar a importância das feiras livres para a cidade de São Paulo, portanto, conseguem perceber a construção desse patrimônio, seja pela própria experiência de vida, seja pelas falas de outros sujeitos, ou seja pelo próprio discurso autorizado pelo poder público. A partir disso, conclui-se que a paisagem cotidiana, constrói a afetividade e é através dessa afetividade que o patrimônio-territorial pode ser ativado, sendo possível sua maior fruição.

Ao final dessa jornada inconstante e desafiadora, conclui-se que na medida do possível o objetivo maior desta tese foi parcialmente atingido, visto que há ainda a possibilidade ampliação do mesmo em busca de validação desse patrimônio-territorial, através também dos poderes públicos. A grande metrópole é local de desenvolvimento do capital, mas ao mesmo tempo abre espaço para esse tipo de validação, pois mesmo depois de 108, as feiras da cidade de São Paulo continuam e trazem para cada sujeito uma vivência afetiva.

Sobre isso, pode-se concluir que o pensamento paisageiro vem mudando a maneira como é vista a paisagem pelos seres vivos da cidade. Antes a feira vivia soberana sua ideia de abastecimento, mas quando a cidade vai ganhando forma de metrópole, ela vai sendo ressignificada, perdendo um pouco da ideia inicial, mas mantendo a essência da natureza do urbano vista em Scarlato e Costa (2017) e ao mesmo tempo criando significação na escala do ser. A feira sim se transforma em uma resistência do bucólico no centro urbano, mantendo a ponte entre a cidade e o campo, e demonstrando que ‘roça’ está mais intimamente ligada a cidade do que parece estar.

A feira some e reaparece de tempos em tempos, dependendo da emoção das pessoas, sendo influenciada pelo capital ou pelo meio, como visto nas manchetes de

jornal da década de 60 e na oscilação no número de feiras visto nos últimos 20 anos, contudo, o próprio sentimento legitima a existência delas, pois como diria seu Manuel feirante de frutas “Feira é feira”, não há igual. Seja pelos preços, pela qualidade dos produtos, pelo pastel com caldo de cana do domingo de manhã, pelo cuidado que os feirantes têm com suas barracas, pelos rituais, pelo cotidiano, pelo óbvio, pela subjetividade, pelo emprego e renda gerados ou pela construção de um patrimônio-territorial, concorda-se com seu Manuel, feira é feira.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P. N. C. **Fazendo a feira**: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS – Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. 136p. 2009.

ARAÚJO, A. M.; RIBEIRO, E. R. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 561, 1 out. 2018.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 13ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, 516p.

BERQUE, A. A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. In: SERRÃO, A.V. (Org.). **Filosofia da Paisagem. Uma ontologia**. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, p. 187-199.

_____. O pensamento paisageiro. In: SERRÃO, A.V. (Org.). **Filosofia da Paisagem. Uma ontologia**. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, p. 200-212.

BESSE, J. M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2014, 222p.

BRASIL. **I Plano Nacional de Desenvolvimento (1972-74)**. Brasília: Imprensa Oficial. 1971, 77p.

CAUQUELIN, A. **A Invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 196p.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim da Geografia teórica**, Rio Claro, v. 20, n.21-32, p. 21-32, 1990.

CEAGESP. **Varejões**. Disponível em: <<https://ceagesp.gov.br/entrepotos/varejoes/>> Acesso em: 28/10/22.

COSTA, E. B. **Utopismos patrimoniais pela América Latina, resistências à colonialidade do poder**. In: XIV Coloquio Internacional de Geocrítica. Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro. Anais eletrônicos. Barcelona, 2016, 32 p.

_____. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**. V. 26, n. 2, p. 53-75, 2017.

_____. Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe. **Investigaciones Geográficas**. N. 96, agosto, p. 1-26, 2018.

COSTA, E. B. da; RODRÍGUEZ-VENTURA, D.; ALVARADO-SIZZO, I. Circuitos de la economía urbana y patrimonio-territorial Latinoamericano. Mercado de Xochimilco, Ciudad de México. **Urbano, [S. I.]**, v. 25, n. 46, p. 90–105, 2022.

FORMAN, S. **Camponeses**: sua participação no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Bibliografia. 309p.

GUIMARÃES, O. **O papel das feiras-livres no abastecimento da cidade de São Paulo**. São Paulo: Instituto de Geografia/ USP, 1969. (Série Teses e Monografias, n.2).

HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. 8º Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, 269p.

_____. **Ser e Tempo**. 10º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, 598p.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, 239p.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M.W. Entrevistas Narrativas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 13º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p. 90-114

LINDÓN, A. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia um renovado betweenness. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, p. 698-723, 2012.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografia como documentos de pesquisa. In: BAUER, M.W. Entrevistas Narrativas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 13º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p. 137-155

MASCARENHAS, G. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista brasileira de Geografia**, v.54 (1), p. 95-120, 1992

_____. Modernidade Urbana e Flexibilidade Tropical: as Feiras livres na cidade do Rio de Janeiro (1904-1934). **GeoUERJ**, n. 2, p. 29-41, 1997.

MASCARENHAS, G; DOLZANI, M.C.S. Feira Livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v.2, n.2, p.72-87, 2008.

MENESES, U. T. B. **O campo do Patrimônio Cultural**: uma revisão de premissas. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. Anais, vol.2, tomo 1. Brasília: IPHAN, 2012.

PICHITELI, M. A., A compreensão do conceito de paisagem por alunos do 6º ano de uma escola da cidade de Maringá: Estudo de caso sob perspectiva da abordagem Piagetiana. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 32, n. 103, p. 120-145, 2017.

PICHITELI, M. A.; LOPES, C. Proposta metodológica de leitura da paisagem geográfica para o ensino fundamental II. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 23, e40, 2019.

REDE PENSSAN. II **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]: II VIGISAN Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. 112p. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/> Acesso em: 28/10/22.

RODRIGUES, F. de O. **A feira livre como lugar de encontro: a feira do bairro Jardim da Saúde na metrópole paulista**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.usp.br/directbitstream/6cdb495b-b69c-446b-8d00-a74247e93f94/2019_FernandoCruzdeOliveiraRodrigues.TGI.pdf> Acesso em: 28/10/22.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp; 2ª edição, 2004, 440p.

_____. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006. 259p.

_____. **A metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: EDUSP, 2014, 132p.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto nº11.199, de 02 de agosto de 1974**. Dispõe sobre o funcionamento das feiras-livres no Município e dá outras providências. p.2, 1974.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Trabalho. **História das Feiras Livres: As Feiras Livres fazendo parte da história de São Paulo**. 2018, Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento/abastecimento/feiras_livres/?p=6637> Acesso em: 15/12/20.

SARAMAGO, L. **Topologia do ser: Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008, 339p.

SATO, L. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade**. São Paulo. EDUSP, 2012, 234p.

SCARLATO, F.C.; COSTA, E.B. A natureza do urbano. **Confins**, n. 30, p. 1-22, 2017.

SCHUTZE, F. 2010. Pesquisa Biográfica e entrevista narrativa. **Metodologias de pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes. [Publicado originalmente em: *Neue Praxis*, 1, 1983, p. 283-

293. Tradução de Denilson Werle. Revisão de Wivian Weller].

SMITH, L. El “espejo patrimonial”. ¿ Ilusión Narcisista o reflexiones múltiples? **Antipoda: Revista de Antropología y Arqueología**, Bogotá, n. 12, p. 39-63, 2011.

TV CÂMARA SÃO PAULO. **Projeto de lei pretende estabelecer um rodízio de ruas para feiras livres**. YouTube, 20 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EjqcOLbUiZ0>> Acesso em: 28/10/22.

VALVERDE, I; LUNA, A. Afecto, sentido, sensibilidad: miradas transversales sobre paisaje y emoción. In: VALVERDE, I; LUNA, A. **Teoría y paisaje II: paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales**. Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2015, p. 5-9.

WILES, J. L.; ROSENBERG, M. W., KEARNS, R. A. Narrative analysis as a strategy for understanding interview talk in geographic research. **Area**, 37.1, p. 89-99, 2005.

ANEXOS

DIÁRIOS DE CAMPO

Diário de Campo – Capão Redondo

Feira: Capão Redondo – Rua. Paulino Vital de Moraes

Dia da Semana	Tipo de feira	Quantidade de feirantes	Bairro
Quarta Feira	Tradicional	104	Capão Redondo

Fonte: Departamento de Abastecimento da Secretaria Municipal das Subprefeituras

Dia um pouco frio, cheguei à feira por volta das 9h00 e a feira já estava a todo vapor, comecei fazendo um reconhecimento geral, passei por todas as barracas, a feira fica em uma rua próxima a estação Capão Redondo, não muito larga. A rua parece ser um centro de comércio local em dias em que a feira não está, lojas de roupas, lanchonetes, um “sacolão”, salão de beleza, loja de utilidades, uma auto escola e alguns escritórios.

Em um primeiro momento pude perceber que os comércios da rua não fecham em dia de feira, os comerciantes ficam em frente aos estabelecimentos e as pessoas circulam pelas calçadas em direção a eles, em uma análise superficial, chego a conclusão que as pessoas ainda sim acessam os comércios, mesmo com a feira acontecendo.

Após o primeiro reconhecimento, percebi que uma grande quantidade de pessoas frequenta as feiras, essas pessoas vêm das regiões no entorno da rua Paulino Vital, pois estão sempre a pé e parecem sair das ruas que atravessam. A maioria dos frequentadores daquele horário são mulheres, em grande parte, mulheres mais velhas, elas atravessam pelas barracas demonstrando grande conhecimento local, se fixam em determinadas, observando o preço e pechinchando.

Os feirantes a todo momento querem atrair as pessoas para suas barracas, dão bom dia, chamam para ver seus produtos e falam bastante alto. As pessoas não demonstram se assustar com esses feirantes, o que demonstra familiaridade com a situação.

Nessa feira há uma grande variedade de produtos, há diversas barracas de produtos, agrupei-os em 5 tipos: Legumes, Hortaliças, Frutas, Roupas, Utilidades (conserto de panelas e pequenos produtos de cozinha) e Comidas (Pastel, coxinhas e caldo de cana). Há pelo menos três barracas de cada um dos seguimentos, demonstrando ser uma feira de porte grande.

Escolhi um feirante de Legumes (Lúcia), um de frutas (Otávio – nome fictício) e um de hortaliças (Pardal). Com cada um deles conversei por cerca de 15 minutos, colocando a fase de perguntas em prática a partir de uma entrevista narrativa não linear. Alguns temas foram propostos e o entrevistado contava sua história a partir deles. Tentou-se deixar os feirantes a vontade em suas falas.

Me apresentei como uma estudante que estava fazendo um trabalho para a faculdade sobre feiras e que precisava conversar sobre isso com quem realmente entende. No início, todos os três se mostraram muito acanhados, mas com o desenrolar da conversa eles foram se abrindo e se sentindo seguros para contar suas opiniões. Após o término da conversa, anotei os telefones e perguntei se poderia contactá-los para mais perguntas.

Consegui observar diversos pontos interessantes sobre essa conversa, que podem ser analisadas tanto de maneira estruturalistas, quanto de maneira temática. Na paisagem, consegui observar a relação dos sujeitos com o meio através da feira de maneira amigável e familiar, as pessoas que ali passam, conhecem bem o local, conversam, caminham, comem, pechinham, é um ambiente bastante acolhedor.

Diário de Campo – Jardins

Feira: Capão Redondo – Rua Barão de Capanema

Dia da Semana	Tipo de feira	Quantidade de feirantes	Bairro
Quinta-Feira	Tradicional	200	Jardim Paulista

Fonte: Departamento de Abastecimento da Secretaria Municipal das Subprefeituras

Dia um pouco nublado e frio, cheguei à feira por volta das 11h da manhã, o movimento era grande, essa feira diferente das já visitadas, apresentam três fileiras de barracas, sendo possível atravessar por dois grandes corredores. A feira fica em uma rua bastante arborizada e com muitos prédios, sendo, portanto, uma rua mais residencial. Próxima a feira, na rua paralela a Barão de Capanema encontramos um supermercado de grande rede, o Pão de açúcar.

E perceptível uma grande quantidade de mulheres frequentando a feira, na maioria senhoras idosas e mulheres de meia idade, mas uma coisa que me chamou muito a atenção é a quantidade de mulheres devidamente uniformizadas, com seus conjuntos de calça e camiseta brancos ou com aventais de cores variadas, demonstrando nitidamente ser a empregada doméstica da casa, que está indo fazer a feira semanal. Esse ponto não foi observado em nenhuma outra feira.

Os feirantes a todo momento chamam os fregueses para ver seus produtos e com certeza os produtos são qualidade, frutas sem amadurecidos, com cores vivas, além de hortaliças frescas. É possível observar, que entre os feirantes, predominam-se homens e essa feira, por ser uma feira grande, apresenta barracas de todos os 5 tipos de produtos. Além dos feirantes das barracas, foi possível observar pessoas vendendo seus produtos em carriolas e carrinhos, o que em um primeiro momento indica ser um câmbio paralelo, visto que para participar da feira é preciso ter regulamentados os documentos.

Fiz um primeiro reconhecimento, andando por toda a feira, que se estende por 3 quarteirões e na segunda volta, fui me aproximando daqueles feirantes que aparentavam estar mais abertos para conversa, deles, um feirante de bananas (Manoel), uma de Hortaliças (Andréia) e uma de Alho e Cebola (Dona Quiu).

Me senti bastante acolhida nessa feira, mas infelizmente foi a primeira vez que passei por uma situação de assédio com feirantes, ao passar em frente a uma barraca de bananas, um feirante jovem me abordou perguntando se eu queria comprar algum cacho, eu disse que não e agradei, em seguida o ouvi proferindo uma frase de cunho sexual com relação a bananas e mulheres, o que me deixou bastante desconcertada, não tive reação no momento, caminhei mais rápido na ideia de sair de perto daquela situação.

Mais uma vez me apresentei como uma estudante que estava fazendo um trabalho para a faculdade, depois da conversa iniciada e da confiança criada, eu expliquei com mais profundidade sobre a tese e o que era um doutorado, mais uma vez, após o término da conversa, anotei os telefones para contato, menos da Dona Quiu, pois ela não tem celular, fiquei de avisá-la se alguma forma, pela Andréia, sua vizinha de barracam caso necessário.

O que vejo na paisagem do bairro é uma grande amistosidade da vizinhança com a feira, as pessoas transitam e se divertem, conversam com os feirantes e demonstram grande familiaridade com o local.

Diário de Campo – Parada Inglesa

Feira: Parada Inglesa – Rua Cruz de Malta

Dia da Semana	Tipo de feira	Quantidade de feirantes	Bairro
Sábado	Tradicional	97	Parada Inglesa

Fonte: Departamento de Abastecimento da Secretaria Municipal das Subprefeituras

O dia estava bem ensolarado, cheguei por volta das 8h30 e a feira estava um pouco vazia, é uma feira grande com dois corredores. A rua da feira apresenta trechos residenciais, com casas e sobrados e alguns comércios. Muitos dos comércios têm característica de ter uma casa no segundo andar. Há alguns supermercados próximos, mas não perto da rua da feira.

Fiz o primeiro reconhecimento percorrendo toda a feira, essa foi a primeira feira que encontrei produtos como carnes e peixes. Os feirantes que levam esses produtos, montam barracas com refrigeração. Por isso essa foi uma das primeiras feiras em que o cheiro era mais forte, isso devido a presença do peixe fresco.

Como nas outras feiras visitadas, os feirantes ficam chamando os fregueses, todas as vezes que passei em frente a alguma barraca, fui chamada para olhar os produtos. É uma mistura de cheiros e barulhos, cada feirantes quer buscar seu cliente de alguma forma “na minha mão é mais barato”, “olha o tomate fresquinho”, laranja Bahia e limão”, “ um é dois, três é cinco”, são frases que se escuta em todas as feiras visitadas.

É uma feira completa, há legumes, frutas, hortaliças, frango, peixe e carne bovina. Tem artesanato, ferragens e brinquedos, ao conversar com alguns frequentadores, eles me disseram que essa feira é bem antiga no bairro, que estava na rua de cima, mas que está na Cruz de malta há bastante tempo.

Escolhi duas barracas para conversar com os feirantes, a barraca de legumes da Maria Eunice e de seu marido e a barraca de hortaliças da família do Marivaldo, essa segunda, era bastante grande, trabalhavam os pais, Marivaldo e mais uma senhora contratada. Na barraca de Marivaldo havia música, uma caixa de som bem grande tocando vários estilos musicais.

A paisagem é muito parecida com as feiras já frequentadas, muitas mulheres de meia idade, poucos jovens, poucos homens, mesmo que os feirantes sejam em

sua maioria homens. Algumas crianças que corriam entre as barracas e suas mães gritando atrás delas.

Diário de Campo – Artur Alvim

Feira: Artur Alvim – Rua Benedito leal

Dia da Semana	Tipo de feira	Quantidade de feirantes	Bairro
Domingo	Tradicional	98	Vila Nhocuné

Fonte: Departamento de Abastecimento da Secretaria Municipal das Subprefeituras

Cheguei na feira no momento de grande movimento, eram 9h45 aproximadamente, essa feira tem uma cara diferente das feiras que já visitei, a rua é quase toda formada por casas, a rua não é muito larga, mas comporta bem a feira com um corredor apenas. Na Ponta da feira uma placa de trânsito “Feira quarta-feira, proibida conversão”. Eu já havia visto algumas dessas quando morei em bairros mais periféricos em São Paulo, ela serve pra avisar os motoristas para não seguirem e aos usuários que utilizam linhas de ônibus que passam por ali que busquem outros pontos.

A feira estava mais calma, diferente da feira da Parada inglesa e do Capão que estava mais animada com música e os feirantes chamando seus fregueses. Fiz um primeiro reconhecimento e a feira se estende por alguns quarteirões. Apresenta grande variedade de produtos, nessa feira não há produtos perecíveis como carnes e peixes, mas há mais de uma barraca de legumes, mais de uma de frutas e mais de uma de hortaliças, considero uma feira média.

O calor estava forte, mesmo em um dia um pouco nublado, mas isso não afastava os fregueses que pareciam conhecer tudo aquilo que andavam, um sentimento de familiaridade com o local muito grande, se esgueiravam entre as bancas e era possível ouvir os comentários “na barraca do fulano está mais barato, vamos lá” ou “na barraca do ciclano as coisas estão mais bonitas”. Pedidos de pechincha, normais como sempre.

Escolhi nessa feira um feirante de frutas (Isilda), um feirante de hortaliças (Edson) e um feirante de legumes (Reginaldo). Com cada um deles conversei por cerca de 20 minutos. Antes das perguntas, pedia que ele me contasse um pouco da vida deles na intenção de criar uma certa abertura para a conversa. Todos os feirantes com quem conversei ficavam sempre bastante receosos, mas com a construção de um vínculo tudo fluía.

A paisagem da feira foi mudando com o passar do tempo que eu estava no local, foi enchendo mais, mas novamente a quantidade de mulheres era bem grande, porém dessa vez encontrei também muitas famílias com crianças, isso provavelmente se deve a feira ser no Domingo.

Saí da feira por volta das 11h, depois de conversar um tempo com os feirantes e pessoas que passavam por ali e comer um pastelzinho.

Diário de Campo – Vila Madalena

Feira: Vila Madalena – Avenida Heitor Penteado

Dia da Semana	Tipo de feira	Quantidade de feirantes	Bairro
Quarta-feira	Tradicional	115	Vila Madalena

Fonte: Departamento de Abastecimento da Secretaria Municipal das Subprefeituras

Cheguei por volta das 9h30 e a feira já estava cheia, essa é uma das maiores feiras que eu visitei em todos esses meses, é uma feira de dois corredores e possui, além de legumes e verduras, barracas de peixe. Fiz o primeiro reconhecimento indo até o final da feira e voltando.

Como já estou visitando feiras há algum tempo, meus ouvidos já estão acostumados aos sons de uma feira livre, os feirantes chamando seus clientes, as frases de sempre e alegria de sempre.

A feira é um ambiente que se tornou paisagem afetiva pra mim, nunca frequentei com tanta intensidade feiras de diferentes tamanhos e maneiras, mas já sinto as feiras como algo familiar.

A feira possui muitas barracas que variam muito a quantidade de produtos e preços, não faltando o pastelzinho e o caldo de cana, inclusive descobri que uma das barracas de pastel está sendo indicada na veja como uma das melhores de São Paulo.

Por ser uma feira no meio da semana, mais uma vez o predomínio é de mulheres na feira, idosas e de meia idade, há poucos homens e poucas crianças. A falta de crianças pode ser explicada pelo horário de aulas.

Nessa feira selecionei um feirante de legumes (Rubens) que já trabalha na feira a quase 40 anos, além de um feirante de bananas (Mateus), conversei cerca de 20 minutos com cada um deles, entre uma conversa narrativa e a entrevista. Foi muito interessante a vivência.

Diário de Campo – Centro

Feira: Santa Ifigênia – Rua dos Andradas

Dia da Semana	Tipo de feira	Quantidade de feirantes	Bairro
Domingo	Tradicional	71	Santa ifigênia

Fonte: Departamento de Abastecimento da Secretaria Municipal das Subprefeituras

Cheguei na feira por volta as 12h da manhã. O dia estava bem quente, nada diferente do que eu sempre encontro em São Paulo, a rua dos Andradas é predominantemente comercial, alguns prédios residenciais destoam. É uma feira em uma região central, portanto no entorno da rua dos Andradas há uma quantidade de pessoas em situação de rua, desolador.

Por ser uma feira no final de semana, era possível observar uma maior quantidade de famílias e pessoas mais jovens, principalmente no entorno das barracas de alimentos, é perceptível que quem está comendo um pastelzinho, está com sacolas da feiras, portanto, deve ter aproveitado o passeio do domingo de manhã para fazer sua feira semanal.

Nessa feira resolvi apenas observar e fotografar, não fiz nenhuma entrevista, sentei para comer um pastel e fiquei apenas observando o rolar da feira, os sons, as frases de sempre, as pechinchas e a alegria.

Fiquei até aproximadamente 14h quando a feira começou a se dissipar, o horário da prefeitura é 14h30, então, vários feirantes já estavam desmontando as barracas e era possível ver a movimentação dos funcionários da limpeza pública trabalhando nas áreas que já tinham sido desmontadas.

Resolvi ficar até o final real da feira. Vi os caminhões, kombis e carros sendo carregados para a partida, vi a mudança drástica da paisagem, uma rua cheia, viva, se transformou em algo “normal” sem sons, ou melhor, com o som normal da metrópole, o som dos carros e das buzinas. Já é outro lugar, já é outra coisa.

ENTREVISTAS

Feira: Capão Redondo (R. Paulino Vital de Moraes - Capão Redondo)

Entrevistada: Lúcia– Feirante de hortaliças (Nome real)

L: Meu nome é Lucia, tô trabalhando na feira tem uns 9 a 10 anos e o produto que eu trabalho é repolho, couve, cenoura, mandioca, abóbora, geralmente a gente pega quase tudo no CEASA, algumas coisas nós pegamos com uns amigos produtores que moram em Ibiúna. Eles colhem e algumas coisas nós compramos deles, mas quase tudo que a gente pega é no CEASA.

M: Você trabalha em outras feiras?

L: Dia de terça normalmente eu não trabalho, mas hoje eu tô aqui, com meu marido e meu colega aqui. Dia de quinta é no Campo Limpo e no domingo lá pra Taboão e eu também trabalho em uma outra em Pirajuçara.

M: Essa banca aqui é sua Lúcia?

L: Não, é alugada.

M: E como é que funciona?

L: A gente já aluga ela faz muitos anos, eu e meu irmão, aí cada feira a gente paga um aluguel pro proprietário. Essa barraca é dele porque eles têm a licença, com a prefeitura, ele paga a anuidade, tudo bonitinho. E está tudo legalizado. E como ele trabalhou por muitos anos, agora ele aluga, aí ele tem outras barracas alugadas também.

M: E Lúcia, você acha que a feiras estão sumindo?

L: Nossa, acabamos de falar sobre isso aqui, porque a feira de terça (São Bento- Zona sul), meu marido falava que essa era a melhor feira dele, há uns anos atrás. Ela era muito boa, mas ela foi se acabando, agora tem uma barraca de cada coisa.

M: Por que você acha que ela está se acabando?

L: Muitas pessoas extrapolam muito no preço, eles poderiam vender mais barato. Por exemplo, ele me disse que essa de terça, tinha uma barraca de banana que a dúzia da banana tava 10 reais, e tinha até uma mais inferiorzinha que tava 6 reais. A manga por exemplo, três mangas por 10 reais, dava pra vender mais barato. Aqui na minha

banca, o saquinho do legume, 2 reais o pacote e três pacotes por 5, barato né. Olha, tem coisas que dá pra fazer um precinho mais em conta. Eles querem explorar, um lugar que já tem pessoas mais humildes (Capão Redondo), pra que eu vou explorar? Eu vejo pessoas indo no mercado, pegando duas cenouras 10 reais, um pedacinho de abóbora 7, 8 reais. A pessoa vai pro mercado por que quer, porque tem feira em todo lugar.

M: Aproveitando que você falou de mercado, qual a relação de vocês com os mercados?

L: Tem até mercado aqui perto, mas não atinge essa feira não. Mas tem uma feira de sábado, do lado da minha casa, que como eles sabem da feira e no dia da feira eles tacam promoção, mercados grandes. Mas a feira ainda ganha, a pessoa vai comprar no mercado eu fico revoltada, como pode.

M: E em todo seu tempo de feira, o que você sente trabalhando aqui?

L: Eu amo, amo, eu amo! Eu sou confeitadeira, hoje em dia todo mundo faz bolo, então não compensa mais e a feira eu comecei a vir assim, por obrigação e necessidade, porque meu marido ficou um tempo sem trabalhar e vim com meu irmão e meu filho, me apaixonei. Cansa, é cansativo, mas eu amo.

M: Me fala da sua rotina?

L: Eu levanto umas 6h, eu tenho uma bebê, levo ela pra creche, venho pra feira, trabalho até umas 4h, 4h30 é tempo de a gente se organizar, guardar as coisas e ir embora. Tem feiras que vai até mais cedo, umas 15h30, mas eu pelo menos gosto e a minha família também gosta. É cansativo, mas como todo trabalho, tudo que eu consegui hoje vem da feira, criamos nossos filhos daqui.

M: E Lúcia e a pandemia?

L: Olha, eu engravidei na pandemia, então no começo da pandemia eu não trabalhei, quem cuidou da minha barraca foram as minhas filhas de 24 e de 14. Mas olha, pra te dizer na pandemia foi muito bom pra feira, porque as pessoas estavam em casa, todo mundo vinha pra feira, todo mundo tinha que comer, o mercado tava muito caro, então a feira foi um refúgio, foi um tempo de fartura na feira, e depois que foi acabando a pandemia, foi caindo de um jeito, caiu muito. Eu não sei realmente o que aconteceu, em todas elas, caíram assim de rendimento, assim, uns 70% e continua assim.

M: Normalmente, que horas fica um pico de gente?

L: Nessa feira aqui, umas 2h começa o pico de gente, porque nessa feira aqui, porque o preço né, como dizem, o horário da Xepa né, daí tem bastante gente.

Feira: Capão Redondo (R. Paulino Vital de Moraes - Capão Redondo)

Entrevistado: Otávio – Feirante de frutas (nome fictício)

M: Quem é você? você trabalha com feiras a quanto tempo? fala pra mim:

O: Meu nome é Bruno, nascido em São Paulo, trabalho com feira desde os 7 anos.

M: Seus pais trabalhavam com isso, como foi?

O: Eu trabalhava com meus pais

M: E agora você assumiu as barracas deles?

O: Não, eu aluguei outras bancas, eu comecei com eles, aprendi tudo que tinha que aprender e agora tô trabalhando pra mim.

M: E eles continuam trabalhando? e estão aqui?

O: Hoje meu pai está no Ceasa dirigindo pra mim, normalmente eu tenho uma banca, mas hoje eu coloquei duas aqui no Capão.

M: Sempre trabalhou com frutas?

O: Sempre trabalhei com frutas, tem oito meses que eu comecei a trabalhar pra mim e tem dado um bom resultado, não posso reclamar.

M: Quereria que você começasse me contando sobre a sua rotina:

O: Eu compro no CEAGESP, que é o maior centro de distribuição da América Latina, o CEAGESP, distribui frutas até pra outros países e dia de segunda-feira eu vou pro CEASA e pego frutas pra todos os dias que eu vou trabalhar, pego frutas até sexta-feira.

M: Você faz quantas feiras por semana?

O: Seis feiras por semana

M: E onde são essas feiras?

O: Na terça eu fiz Jardim Bonfiglioli, Hoje no Capão Redondo, amanhã aqui em cima no Vaz de Lima, quinta-feira no Vila Sônia, Sábado no Monte Kemel e domingo no Campo Limpo.

M: Entendi, então aqui você faz quase toda a zona sul. E vende tudo que você busca?

O: Vendo tudo e todo tipo de frutas.

M: E essa banca aqui, é sua ou você aluga?

O: Eu pago aluguel e trabalho toda semana, pago toda semana.

M: E essa pessoa que você aluga vem de onde?

O: Aqui de São Paulo mesmo, ex-feirante.

M: Uma questão Bruno, você está aí a muito tempo, conhece bem as feiras aqui da Zona sul, você acha que as feiras estão sumindo?

O: Eu acho que tá diminuindo, porque muitas pessoas que compram, geralmente é da antiga (mais velhos), tem o conhecimento, os mais novos costumam comprar em mercado, mas feira é qualidade né, é tradição, tem preço, mercado não tem sabor, não tem preço, e aqui é tudo fresquinho né, tudo produto do dia, no mercado as vezes você vai lá e os produtos estão a semana inteira.

(Atendimento a uma cliente nesse momento - Uma senhora pediu para experimentar uma laranja e o vendedor cortou)

M: Então você acha que não está diminuindo? as pessoas continuam vindo pra feira?

O: As pessoas vêm pra feira, mas mais no final de semana, durante a semana, muita gente trabalha.

O: É tradição e qualidade a feira né.

M: Você acha que a feira mudou desde que você começou lá com seus 7 anos?

O: Ah mudou né, era muito melhor, porque antes as pessoas compravam mais, hoje em dia o desemprego tá grande, crise né. O cliente vem, mas não compra mais a quantidade que comprava antes. Quando dá a gente deixa mais barato, as frutas da época geralmente diminuem o valor. Uma diferença pode ser a verdura, o legume, não é? As vocês você coloca na estufa e consegue produzir o ano todo, a fruta as vezes não tem como.

(Nesse momento a freguesa participa da conversa dizendo "Pode fazer por 20?" e o feirante diz que sim, ela complementa "e a freguesa chora viu" e eu complemento, "e leva?" e o feirante "claro que leva")

M: Qual a hora que mais frequentam pessoas?

O: Geralmente na parte da tarde, as pessoas saem do trabalho e passam aqui.

M: E você acha que mudam os clientes? as idades? os sexos?

O: A gente recebe todo tipo de público, mas mais mulheres, o pessoal mais velho, os jovens hoje em dia não vão muito pra feira não.

M: E Bruno, me fala, como a pandemia impactou na feira?

O: ah então, continua normal, mas assim, as pessoas diminuíram o que elas levavam, agora compram mais o básico, uma laranja um mamão, mexerica, frutas como uva que são um pouco mais caras, eles não levam. E aquela época não diminuiu não, continuou normal porque é um espaço aberto né, tipo, o pessoal preferia até fazer feira porque o mercado era fechado.

M: E outra coisa, sobre mercados, quero saber deles também, como é a relação dos mercados com vocês aqui perto?

O: Mercado trabalha em kg né, a gente trabalha mais por dúzias, as pessoas se enganam por kg, as vezes o valor do kg no mercado, dá o valor de dois kg aqui na feira.

Feira: Capão Redondo (R. Paulino Vital de Moraes - Capão Redondo)

Entrevistado: Pardal – Feirante de hortaliças

M: Quem é você? De onde você vem e a quanto tempo você trabalha com feiras?

P: Sou o Pardal, venho de Embu-Guaçu e tô a 25 anos aqui e tenho 42 anos.

M: Desses 25 anos, você trabalha só nessa feira aqui?

P: Cada dia em um lugar né, mas sempre aqui, hoje aqui no Capão Redondo, amanhã no Campo Limpo e monte Monte Kemel, no geral são 5 feiras aqui na Zona Sul

M: E você me falou que está aqui a 25 anos, nesses anos todos, você trabalhou só com feira?

P: Só com feira, eu e minha família e meu filho.

M: E de onde vem suas hortaliças?

P: Vem de Embu-Guaçu, direto da horta, no sítio de uns 'japoneses' que são os donos da barraca, eu trabalho pra eles, eles plantam e eu vendo, porque eles não gostam de mexer com a venda, eles gostam do mato.

M: E esse fiscal que passou por aqui, o que ele faz por aqui?

P: Ele fica olhando quem monta barraca a mais, quem monta sem matrícula, tem gente que faz isso por aqui, a gente paga todo o mês e todo ano tem que renovar.

M: E pardal fala pra mim, você acha que as feiras estão sumindo?

P: Não, sumindo não, é a mão de obra que some, não tem ninguém pra trabalhar, as vezes sem objetivo na vida, aí não trabalha.

M: E na pandemia como foi pra vocês?

P: Vendeu mais, não tinha lugar aberto e as pessoas vinham pra feira, por ser aberto e por ninguém estar saindo, eles viam as feiras como uma opção, eles viam tudo aberto e vinham passear. Pra você ver, se hoje eu vendo 50% na pandemia eu vendia 150%.

M: E os mercados? Como é a relação com os mercados?

P: Não tem relação não, as pessoas que vem aqui, elas vêm buscar verdura fresquinha, fruta fresquinha, além do preço, você pode chorar o preço, o trato direto com o consumidor.

M: E os preços mudam muito? Durante o dia?

P: Mudam durante o dia, a qualidade vai diminuindo com o passar do dia e a gente vai baixando preço, olha os brócolis, um maço grande, 10 reais, lá para as 2h da tarde já chega a 8 reais. Mas nem todas as coisas abaixam, as vezes a gente já abre com preço baixo pra vender tudo.

M: Tem muita concorrência com as suas hortaliças?

P: Aqui no Capão não, na Campo limpo sim, mas o diferencial é que a minha vem direito do produtor, o pessoal pega no CEASA.

M: E nesses 25 anos que você está na lida aqui nas feiras, o que você vê de mudança nas feiras?

P: Mudou o povo da feira, agora o povo quem vem pra feira é mais exigente e o pessoal da barraca, agora tem muita gente que não sabe atender, muitas barracas terceirizaram funcionaram, pensam em atender a pessoa uma vez só e não manter o cliente. Além do caso quando veem que a pessoa tem dinheiro, elas cobram a mais, tipo meus brócolis que tá 10 reais, aí vai lá e cobra 15, por isso que muita gente para de vir pra feira por causa disso.

M: E pensando nos teus clientes, você tem cliente fiel aqui?

P: Graças a deus, tem gente que vem só pela minha barraca, vem aqui, compra e vai embora. Os dias que falto, elas veem que eu não vim e vão embora. Se você pensar no cliente futuramente, ele sempre volta.

M: E com relação a limpeza por aqui?

P: Olha o povo não reclama não, já tá acostumado e não sobra muita coisa também, muita gente leva as sobras, quase não sobre nada, só sobram as coisas de madeira e de papelão.

M: E que horas é o pico aqui das vendas?

P: varia muito, tem o pico das 7h às 9h, tem o pico de 12h as 14h e é sempre o mesmo povo, tanto gente nova, como gente velha, tem casalzinho novo que quer economizar, só a classe que vai caindo, vai ficando mais barato e as pessoas vem pra Xepa.

M: E Pardal, você é tipo o gerente aqui na banca?

P: Sim, eu trato direto lá com os 'japonês', tudo eu resolvi aqui e os meninos aqui também, todo mundo vendo de Embu

M: E agora me fala da sua rotina?

P: Eu acordo 2h30 e chego só umas 8h30 da noite em casa, é que tem uma logística né, tem que carregar, descarregar, tem que trazer, preparar mercadoria pra amanhã, tem que montar a barraca.

(Nesse momento, um freguês participa da conversa com comentários sobre ele não conseguir ficar em casa e Pardal complementa "infelizmente, meus filhos sabem que tem pai porque tem meu nome lá no registro" agora eu tô trabalhando menos e posso ficar mais com os menores, mas eu já tenho filho crescido, aí é difícil)

Feira: Jardins (R. Barão de Capanema – Jardim Paulista)

Entrevistado: Manuel – Feirante de Frutas (Nome real)

M: Manuel, tenho 36 anos de feira, trabalho desde os 12 anos. Eu comecei como funcionário em uma barraca. Nessa banca que nós estamos hoje nós somos funcionários, na verdade é uma empresa né, uma empresa que é dona dessa.

Milaine: Essa empresa tem outras bancas em outros lugares?

M: Aqui nessa feira só uma, as outras estão espalhadas em São Paulo, são mais 15 barracas.

Milaine: E os produtos vem de onde?

M: Plantado direto do produtor, vem de Juquiá.

Milaine: E o senhor trabalha em outras feiras?

M: Quinta eu faço aqui na Barão, na Sexta é planalto Paulista, sábado na Zona Leste, Domingo na Leste também, segunda em casa, terça Praça da Árvore, quarta-feira aeroporto. São seis feiras por semana, uma folga por semana.

Milaine: o senhor vê uma boa relação entre a prefeitura e a feiras?

M: Tá tranquilo, é o trabalho deles, tem que ser tudo corrigido, aqui é tudo pago os impostos, cada banca paga, igual imposto de renda, tem um fiscal que passa por aqui, todas as feiras, uma vez ou duas vezes no mês, ele passa fazendo relatório, pra saber se estão montando ou não, se tá tudo regular.

Milaine: O senhor acha que as feiras estão sumindo?

M: Assim, eu acho que mais ou menos, algumas estão se renovando, outras estão sumindo, por que assim ó, mercado, sacolão, hortifrúti, tem tudo isso né. Além dos preços né, as mercadorias tão muito caras, não tem como ficar repassando, além da natureza né, chove pouco, faz muito frio.

Milaine: E agora pensando na sua experiência de feira, seu Manoel, o que você acha que mudou nas feiras nesses 35 anos de feira?

M: Mudou muita coisa, os fregueses eram mais fiéis, hoje eles correm mais atrás de preço, a diferença muito grande, eles procuram o mais barato. Mas eu mesmo, eu

tento cativar os clientes, a simpatia da gente, eu mesmo, tenho muita amizade com os clientes, tanto mulheres como homens.

Milaine: O senhor pode me falar da sua rotina?

M: Eu venho lá na Vila missionária, ai eu encontro o Zé ali na estação Conceição, e a gente pega o caminhão e vem pra montar as coisas, aí a gente fica aqui até umas 2h30, aí já começa a desmontar, porque é o horário da prefeitura, de rotina. Depois disso eu vou pra empresa, deixa o caminhão, descarrega, já carrega pro outro dia e aí vai pra casa, lá tem os meninos que colocando as bananas nas câmaras pra climatizar.

Milaine: E a pandemia, como é que foi?

M: A pandemia eu continuei trabalhando normal, diminui a quantidade de pessoas na feira, as compras eram mais por telefone, a empresa entregava, mas a gente continuava aqui na feira normal.

Milaine: E eu queria que o senhor me falasse, como que a feira impactou a vida do senhor?

M: Muita coisa, a liberdade, respirar e lidar com o público, a gente se sente bem, mais a liberdade mesmo. Eu não sairia daqui não, tá no sangue já, já tentei várias vezes, mas não consegui não, já entrei em empresa, trabalhei em cerâmica, trabalhei de um tudo. Feira é feira.

Milaine: E pra gente já ir terminando, qual a importância que o senhor vê nas feiras para a cidade de São Paulo?

M: Olha, é bastante coisa, o povo gosta, a natureza que gera o alimento, vem da terra, manter essa ponte, é importante. Significa muita coisa a feira pra cidade, é tradição de sempre, é coisa brasileira, você vai no mercado, tá tudo caro, aqui tá tudo fresquinha.

Milaine: Muito obrigada seu Manuel.

Feira: Jardins (R. Barão de Capanema – Jardim Paulista)

Entrevistado: Andréia – Feirante de Hortaliças (Nome real)

A: Meu nome é Andréia, eu tenho 25 anos de feira, 46 anos de idade.

M: Essa banca é sua?

A: Sim é minha, tá no meu nome, na prefeitura você paga um impostinho.

M: E a relação com a prefeitura, como é?

A: A relação com a prefeitura é boa, tudo tem normas né, se não fica desorganizado, eles passam aqui pra ver se tá tudo certinho, por exemplo, eu só vendo hortaliças, eu não posso vender uma fruta, tenho que seguir o meu grupo, na separação lá na prefeitura e tudo isso tem fiscalização, mas a o relacionamento com a prefeitura sempre foi bom, nesses 25 anos.

M: Pois é né, nas minhas pesquisas eu acabei descobrindo que no início e lá na década de 60 e 70 a relação não era muito amistosa, até mesmo a população, quando os supermercados chegaram, foi bem difícil.

A: Mas até hoje viu, eu acho que, cê sabe né, todo mundo que é grande quer dominar o que é pequeno, mas assim, eu acho que tem espaço pra todo mundo, claro, as feiras, deu uma diferenciada a partir do momento que o mercado começou vender o que vende na feira, porque quando começou a feira, o mercado não vendia nada disso aqui, então a feira era bem melhor né, porque não tinha concorrência do mercado, eu acho que a feira tem muito mais qualidade que o mercado.

M: De onde você pega seus produtos?

A: Eu pego direto com o produtor, em Biritiba Mirim, a gente vai direto buscar no produtor, por exemplo a gente pede pro produtor colher depois das 3h da tarde, pra que o produto chegue mais fresco, dure mais na geladeira do cliente e aí que a gente tem nosso diferencial, por exemplo, tem freguesas que vem na feira só pra comprar verdura, porque no mercado ela foi colhida dias atrás, então ela não fica fresca né.

M: E até pensando né, aqui perto tem dois mercados né.

M: Você trabalha em outras feiras Andréia?

A: Hoje aqui, Jardim América, sexta-feira é na Batatais, aqui pertinho, terça feira, na Praça Benedito Calixto e domingo eu faço na Santa Cecília, 5 feiras.

M: E falando nisso, vamos de rotina, fala um pouco sobre ela:

A: Bom, eu moro em Guarulhos, então eu acordo 2h da manhã, porque eu tenho que buscar o funcionário, porque ele não tem como pegar um ônibus nessa hora né, eu pego os funcionários e venho aqui pra feira, daqui a pouco eu vou embora, mas os meninos pegam o caminhão e vão pra Biritiba buscar verdura pra amanhã, chegam em casa umas 8h, 9h da noite.

M: E quantos funcionários trabalhando com você?

A: Hoje são dois, esse rapaz aqui atrás e minha cunhada. E meu marido também, desde sempre, desde que nos conhecemos. A gente tinha 16 anos, são 30 anos de casados já, meu primeiro namorado, casou e deu certo, três filhos já.

M: E essa empresa, como ela se encaixa pro governo?

A: É uma ME, uma micro empresa.

M: E Andréia, você acha que as feiras estão sumindo?

A: Olha, eu acho que, por exemplo, eu acredito que não, muita gente diz assim, que depois da pandemia, teve feira que ficou muito fraca, teve gente que desistiu depois da pandemia, mas eu acho que sumindo não, a feira movimenta muitos funcionários, muito dinheiro, movimenta o CEASA, gera muito emprego.

M: Você acha que nesses 25 anos, mudou muito a feira?

A: Acho que com relação ao movimento mudou, diminuiu bastante, acho que justamente pela concorrência do mercado, a facilidade da internet, vai tudo evoluindo, mas existe muita gente que gosta da feira.

M: E essa feira aqui, qual o horário de pico dela?

A: Olha, bem de manhãzinha, de manhã é mais. Aqui pelo menos, mas olha, na Santa Cecília que é uma feira de bairro, dia de domingo, o movimento lá começa depois do meio dia.

M: E pensando nesse movimento, você pode me falar um pouco sobre a características dos seus fregueses, homens, mulheres e a idade:

A: Olha, durante a semana vem mais mulheres, de domingo mais família. Pessoas mais velhas, e olha, tem até bastante gente jovem vindo.

M: E você acha que isso se deve a que?

A: Acho que a busca da alimentação saudável, talvez.

M: E fala pra mim Andréia, como a feira impactou a sua vida?

A: Olha eu gosto muito da feira, eu gosto muito de trabalhar aqui, eu criei meus filhos aqui, com a feira eu vou formar duas filhas esse ano, pago os estudos do meu filho de 17 anos. Tudo que eu tenho vem da feira, isso aqui é tudo pra mim.

M: E pra você Andréia, como você vê a importância da feira pra São Paulo?

A: Eu acho que a qualidade da feira, a qualidade é muito melhor, o fato de você poder negociar o preço e eu acho que interagir com as pessoas, hoje em dia a internet tá tão... afastando as pessoas, tão pesada, tudo on-line, na feira você interage, na feira você conversa, isso pode parecer besteira, mas não é. Olha por exemplo, na pandemia pra mim, foi muito bom, eu vendia muito mais do que eu vendo hoje, por que as pessoas comiam em casa né, todo mundo começou trabalhar em casa, aí as pessoas cozinhavam, vendia muito mais. Então, na feira foi bem melhor pandemia, foram dois anos muito bons, as pessoas vinham né, ao ar livre, foi ótimo.

A: Eu sou suspeita pra falar, mas a feira é muito bom, não tem aquela concorrência, aquela rivalidade, de repente eu não tenho uma coisa eu pego do meu vizinho que tem, se falta alguma coisa meu vizinho me ajuda, eu não tenho rivalidade na feira, eu só tenho amigos, eu me sinto muito bem na feira, eu me sinto livre. Feira pra mim é qualidade, é interagir com as pessoas, é poder negociar um preço melhor, tudo que eu tenho vem da feira, eu só tenho a agradecer.

M: Isso é muito né. Andréia adorei te conhecer, muito obrigada por participar.

Feira: Jardins (R. Barão de Capanema – Jardim Paulista)

Entrevistado: Dona Quiu – Feirante de Legumes (Nome real)

M: Oi Dona Quiu, queria que a senhora falasse um pouquinho sobre o seu trabalho aqui nas feiras.

Q: Eu tenho 74 anos, desse tanto eu tenho 46 anos ou mais de feira.

M: E quando a senhora começou, o que fez a senhora entrar?

A: A minha irmã começou trabalhar e aí ela me chamou pra trabalhar e eu vim trabalhar nas feiras com ela e aí depois eu vim trabalhar pra mim nas feiras. A mesma feira que ela faz.

M: E ela está por aí? Ainda nas feiras?

Q: Ela tá embaixo nessa feira, ela tem 80 anos e trabalha.

M: Essa banca aqui é da senhora?

Q: Na verdade os tabuleiros são dos feirantes e eu pego e a lona também, eles armam pra mim, mas a feira da Catarina eu trabalho com a minha banca, na verdade é da minha filha.

M: Além da Catarina, a senhora trabalha mais onde?

Q: Eu trabalho, na Quinta aqui no Jardim América, na sexta eu faço lá na Batatais, sábado lá no Ibirapuera, domingo na Catarina, terça-feira na Afonso Braz e quarta na Bem-te-Vi perto do shopping Ibirapuera.

M: E de onde que a senhora pega os produtos?

Q: No parque Dom Pedro lá na Santa Rosa, no Mercado lá na parte de abastecer.

M: E a relação com a prefeitura?

Q: Ah a gente tem que renovar matrícula e manter tudo certinho. Antes tinha mais fiscal, agora não tão mexendo tanto nisso, pra nós a prefeitura é boa, a gente recebe o carnê, tem que pagar todo ano, no mês de outubro a gente renova a matrícula, todo ano.

M: E dona Quiu, pensando nesse tempo todo que a senhora trabalha nas feiras, você acha que as feiras estão sumindo?

Q: Olha, acho que tá um pouco, o movimento tá acabando, por exemplo, lá na Bem-Te-Vi se você for ver ter um oco de barracas. Na Afonso Braz, antes ia até a faculdade lá, agora não vai mais. Essa aqui é grande, tem bastante gente, mas tem feira que

não tem quase barraca. Tá sumindo o pessoal pra trabalhar com isso, muita gente desiste da feira, pra muitos é difícil e trabalhoso e muitos feirantes morreram também.

M: E a senhora acha que mudou alguma coisa desde que a senhora começou?

Q: Olha fia, passar fome você não passa na feira, se você tiver coragem pra trabalhar, na feira você tem as coisas, você come, você bebe, você veste, você paga as prestação das coisas, as suas contas, ganha pouco, um dia você vende e você ganha, que nem essa semana, eu fiz três feira e não fiz 300 conto. No ano novo eu fui na terça, quarta e na sexta.

M: E lá quando a senhora começou, era diferente?

Q: O movimento era melhor, era muito freguês, as coisas eram mais baratas pra revender e a gente as faz dinheiro, antes fazia bem, mas a gente tem que se conformar, pois é disso que a gente vévi.

M: Agora a senhora pode falar da rotina da senhora:

Q: Bom, eu acordo 2h da manhã, saio de casa 3h30, vou pro Mercadão, faço a compra e vou pra feira, chego aqui cedinho, umas 6h, fico aqui até o final, agora umas 2h da tarde, eu desarmo cedo, agora eu vou lá pra minha casa, vou lá pra baixo pra banca da minha irmã, se ela não terminou eu ajudo ela, aí nós vai embora de carro.

M: E pra terminar já, qual a relação com a vida da senhora?

Q: Eu acho boa, eu adoro, eu fico dois dias em casa e eu não gosto de ficar em casa, eu adoro feira, aqui tem os amigos as amigas, o rico, pobre, conversa, brinca, beija e abraça, é muito divertido feira, você sabendo trabalhar você vévi com todo mundo, nunca tive uma desamizade na feira, e a vida é boa, minha vida é boa, eu gosto da minha vida, não consigo ficar em casa, dois três dias eu já quero vir pra feira. Na pandemia eu fiquei 15 dias em casa e minha irmã trabalhando e eu queria voltar, voltei, não peguei nada.

M: E na pandemia do Quai, a senhora acha que o movimento aumentou, diminuiu, como foi?

Q: Muita pessoa ficou com medo, eu não tive medo de nada, tô até hoje trabalhando. Ganhei meu dinheirinho e vamos levando.

M: E pra gente terminar, qual você acha que é a importância da feira pra nossa cidade?

Q: Pra mim é boa, eu trabalho, vivo disso, tem que ter, o povo gosta, o povo vem, povo gosta da mercadoria, da qualidade, do preço, as freguesas gostam da qualidade, saem lá do mercado pra vir aqui comprar.

M: Dona Quiu, muito obrigada por conversar esses minutos comigo viu?

Feira: Parada Inglesa (R. Cruz de Malta – Parada Inglesa)

Entrevistado: Maria Eunice – Feirante de legumes (Nome real)

ME: Emu nome é Maria Eunice dos Santos, tenho 43 anos, moro aqui em São Paulo há 20 anos, tenho 15 anos de feira. Feira sofrida né, porque feira é um pouco sofrida, então, que nem eu te contei, o horário não é fácil, tem que acompanhar os outros, a Pandemia pra nós não foi difícil, pra nós não impactou um nada.

M: Porque você acha que as pessoas vinham mesmo assim?

ME: Aah não sei bem, mas quem vinha era os mais novo, os mais de idade quase não aparecia na feira.

M: E com relação a sua renda, como foi?

ME: Pra nós graças a deus não posso reclamar, até hoje na minha barraquinha não posso reclamar, agora ela é nossa, a gente antes trabalhava pra outra pessoa, mas agora é nossa graças a Deus. A gente trabalhava por dia e agora é nosso, 10 anos já que é nosso.

M: Agora já pensando isso que você disse, de ser de vocês, eu queria saber como é a relação de vocês com a prefeitura, conta mais Maria

ME: A gente é legalizadinho graças a Deus. Paga a taxa todo mês, um carnê, todo ano eles aumentam um pouquinho, mas é preciso né.

M: E de onde você pega os produtos aqui Maria?

ME: A gente pega no CEAGESP, e olha, tem dia que ta caro, tem dia que tá mais em conta, que nem essa semana, batata ficou cara, a cebola. A gente repassa o preço, mas tem que pensar, tem que manter o cliente né.

M: Agora me conta um pouco da sua rotina:

ME: Eu acordo 1h3, faço um cafezinho pra trazer, as vezes nós chega aqui e já tem gente, eu chego aqui 2h10\ . A tarde ontem a gente pegou os produtos na CEAGESP. Chega aqui a gente repassa tudo bem bonitinho, separa só o que é de bom, o que sobra de bom a gente guarda no caminhão e usa pra amanhã pra não precisar voltar lá, porque olha, o diesel tá muito caro e eu trabalho aqui na Zona norte, pra ir pro centro, é uma viaginha boa que a gente faz, três vezes na semana a gente vai. Aqui, 8h você tem que estar pronto pra começar atender.

M: E quais outras feiras a senhora faz?

ME: olha, eu faço seis feiras por semana. Hoje é aqui na Cruz de Malta, domingo no Japi, terça Busquete, quarta Jaçanã, na quinta Pedro Charles, na Sexta Busquete de novo. Seis feiras a gente faz, só aqui na Zona norte.

M: Dona Maria, porque a senhora não vai pro Centro?

ME: Porque as matrículas são por região, eu só posso fazer feira aqui. Só se você alugar um ponto e tals, aí sim.

M: A senhora acha que tá sumindo as feiras?

ME: Tá, bastante, é que tem muito supermercado né, na verdade não some a feira em si, some os feirantes, aos poucos. Quando eu peguei lá me 2012 era mais avançado e agora enfraqueceu um pouco.

M: E pensando nisso, o que a senhora acha que faz as pessoas virem aqui e não em outro lugar?

ME: É que aqui a mercadoria é mais fresca né, hahahaha, aqui é tudo melhor, a qualidade é muito melhor.

M: E pensando nesses 15 anos da senhora na feira, o que você acha que mudou na sua vida desde que você começou com feira?

ME: Olha, na minha vida mudou muita coisa, pro bem graças a Deus. Eu era catadora de latinha na rua, trabalhava dois dias com o dono dessa barraca aqui, aí a gente conseguiu comprar uma barraca pra nós, é que a gente não é daqui né, a gente é do Norte. A gente veio porque ele sofreu uma doença, como lá era difícil, nós viemos pra cá. Ele (o marido) tem uma irmã aqui, ai ele veio na frente e depois eu vim e graça a Deus deu tudo certo pra nós, depois dessa barraca a gente conseguiu comprar uma casinha, um caminhãozinho véio, e tamos aqui. Não posso reclamar da feira, tudo foi ela que me deu. Eu gosto de trabalhar aqui de verdade, eu só não gosto muito do horário, tem que dormir 7h da noite. hahahahaah é vida de doido.

M: Você acha que as feiras são importantes pra São Paulo?

ME: Ah eu acho que muita gente gosta da feira e isso mantém ela por tanto tempo. As vezes a pessoa prefere o mercado que tem de tudo, mas aqui é tudo de qualidade, fresquinhos, é tudo de melhor.

M: E Maria, muito obrigada por falar um pouquinho comigo, foi muito bacana.

Feira: Parada Inglesa (R. Cruz de Malta - Capão Redondo)

Entrevistado: Marivaldo - Feirante de hortaliças (Nome real)

MA: Me chamo Marivaldo Queiroz, tenho 36 anos e trabalho na feira, aah, exato eu não sei, porque minha família trabalha desde sempre com isso, posso dizer que tenho 36 anos de feira então. Eu vim trabalhar mesmo faz uns 5 anos, eu sempre trabalhei fora, mas eu sempre vinha acompanhar meu pai e minha mãe na feira. Meus irmãos também, alguns continuam na feira, outros saíram, hoje só eu e meu irmão estamos dando uma força.

M: A banca aqui é de vocês?

MA: É, da minha família, nossa. Mas eu sei que tem muito feirante que não dá andamento, os filhos não quer assumir, aí acaba alugando pra não perder o ponto. Mas aqui é de casa mesmo, tradicional de sempre.

M: agora pensando nisso, qual a relação com a prefeitura?

MA: olha é chato fazer cadastro, renovar matrícula, é uma burocracia, então é bem chato, isso talvez até afaste um pouco as pessoas, pode ser por isso que as feiras tão raleando.

M: Você acredita que seja só esse motivo que faça as feiras darem uma sumida?

MA: Ah, eu acho que tem muito mercado envolvido também né, mercado grande, os sacolão, esses mercados de verdura, acho que todos vendem hortifrúti e tudo. Olha, a feira já foi muito melhor, antigamente não tinha tanto mercado assim, agora com isso o público espalhou bastante, preferiu ir pro mercado, o pessoal mais jovem prefere, ir pra feira porque, não sei se não gosta da bagunça da feira, o barulho, os pais vão, as vezes os pais ensinam a vir, porque a feira é contínuo, a mercadoria é sempre fresquinha, principalmente a hortaliça, tipo as nossas, não tem como ser velho, isso no mercado é sempre refrigerado, mas aqui é sempre fresco.

M: E pensando nisso, de onde vem os produtos de vocês?

MA: Na verdade vem da área verde de São Paulo, Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, de Arujá. A gente pega de vários lugares, por exemplo, o coentro e salsa vem de Ibiúna, a alface vem de Mogi, a rúcula vem de Biritiba, a terra lá é boa. A gente pega direto com a pessoa que planta, ali no Parque Dom Pedro.

M: E Marivaldo, você pode me falar a diferença pra vocês do Parque Dom Pedro pro CEAGESP?

MA: A o tamanho, o CEAGESP é muito mais, só que no Parque no Dom Pedro, a verdura vem melhor tratada, no CEAGESP o pessoal judia muito da mercadoria. E também o transporte das caixas, lá no Parque Dom Pedro é essas caixas maiores, então a verdura, ela vem num espaço melhor, pra não amassar. Porque a gente perde muito no transporte sabe, sempre amassa alguma coisa, caixa grande é melhor então.

M: E vocês trabalham em outras feiras?

MA: A minha família trabalha na terça na Vila Guilherme, feira boa, bem antiga, na quinta em Santana, na voluntários da pátria, uma noturna que eu faço na sexta no shopping Penha, hoje aqui na Cruz de Malta e amanhã a gente tem dois pontos, que é um na Tanque Velho e outro na Vila Sabrina e na quarta a gente para pra descansar né, porque como hortaliça dá mais trabalho, então a gente trabalha dois dias pra um, um dia a gente compra, limpa e lava tudo e embala e pra outro dia vender, diferente do legumes, é só carregar e vender no outro dia. A Hortaliça é bem trabalhosa, exige uma mão de obra, tipo a aqui na barraca a gente separa bonitinho, tipo o cheiro verde que a gente faz pacotinhos com salsa cebolinha, é bem artesanal, a gente trabalha mais fora da feira do que aqui na feira mesmo. As pessoas as vezes não dão valor nisso, 70% a 80% das pessoas pensa no preço e depois na qualidade, 1 real mais barato ele já compra no vizinho, a gente tem vários fiéis, você pega amizade com o pessoal, eles confiam no seu produto, se você tiver bom produto, for sincero com o cliente, ele sempre volta.

M: E você acha que as feiras estão sumindo?

MA: Olha, tem muita gente que desiste da feira sabe, essa feira aqui mesmo, várias pessoas desistiram, aí não sei se eles que trabalhavam mal ou se não conseguiram vender e se manter, porque feira é tipo bolsa de valores, tem horário pra começar e terminar, abre um valor e termina em outro, é sempre assim, se tiver muito produto na praça do mesmo tipo o preço vai lá embaixo. A gente faz o preço também, as vezes perde na margem de lucro mas não perde o cliente, o bom que tem produto específico que eu vendo aqui que ninguém vende na feira né, tipo erva cidreira, o mastruz, erva doce, a gente traz um pouco de tudo pra cá, a banca de hortaliças daqui não tem tanta variedade, aqui tem várias ervas, aí eu tô sempre tentando melhorar o veículo de venda, organização, limpeza.

M: Pensando nesse tanto de tempo que você e sua família já trabalham aqui, o que você acha que mudou na feira nesse tempo todo?

MA: mesmo que tenha mudado bastante coisa, tipo os feirantes ou as ruas, a gente coloca uma máquina de cartão, aceita um pix, eu sinto que a feira se mantém na mesa das pessoas, porque a gente mantém o preço das coisas, eu por exemplo tento manter o mesmo preço, tipo a alface, ta o mesmo preço aqui na barraca tem uns 10 anos já. mas eu acho que a feira tinha que mudar algumas coisas também, parece que os feirantes pararam no tempo as vezes, ainda trabalha como se fosse 20 anos atrás, porque por exemplo, meu irmão tem uma outra barraca né, e ele vende a verdura já higienizada e tudo mais.

M: fala um pouco de como foi a pandemia pra vocês, Marivaldo:

MA: Aqui em São Paulo ela não afetou tanto a gente, porque ela não parou nenhum dia né, o pessoal do sindicato bateu o pé pra continuar aberto. Mas teve município aqui do entorno, tipo Suzano que cancelaram a feira. Aqui não fechou porque é aberto né, bem arejado, todo mundo usou máscara, luva, álcool gel. Os idosos não vinham por exemplo, mas a gente ia entregar na casa deles, encomendavam pra gente as coisas e a gente entregava. Não vou falar que foi bom, mas as vendas não caíram não, as pessoas vinham pra feira pra gastar dinheiro, tinha muita coisa fechada né.

M: Agora eu queria que você falasse um pouco sobre a relação da sua vida e da sua família com a feira, Marivaldo

MA: Olha, eu nasci nisso aqui, então eu digo pra você que isso é a minha vida, sempre tem uns desencontros quando a gente trabalha com a família na mesma barraca né, é sempre um "atende aqui, atende lá" mas nada fora do normal, dá pra tirar um dinheiro pra manter bem a família, o ruim é a carga horária de trabalho é bem corrida né, bem extensa. Começa bem cedo, eu por exemplo acordo 2h ou 1h30, até fazer o café, a gente chega umas 2h30 ou 3h da manhã pra montar, mas logo cedo já começa chegar gente, umas 6h, mas começa a encher só umas 10h, tipo agora.

M: E por último Marivaldo, qual a importância da feira pra cidade de São Paulo

MA: Ah, que nem eu falei, é a tradição, já tem mais de 100 anos as feiras na cidade de São Paulo, o público gosta de vir, não é aquele negócio engessado igual mercado, você compra pão no carrinho e vai pra sua casa né, não tem uma amizade, aqui você tem contato com as pessoas, você pede desconto, arruma amigo. Acho que pelo tempo que a feira tem, já deveria ser tipo um patrimônio pra cidade, nunca deveria acabar, o pessoal as vezes não quer mais saber de feira pela carga horária né, a gente abre mão de muita coisa né, feriado, fim de semana gente não tem né, mas pra cidade

é uma fonte muito grande de comida na mesa. tem uma coisa boa também que aqui você é mais livre né, não tem esse negócio chato de patrão toda hora né, além de que nunca falta comida na mesa, as vezes a gente troca com os feirantes, um kg de cebola por um alface e por ai vai, as vezes nem troca e é coisa que não existe mais hoje em dia né. Além de ajudar algumas pessoas, por exemplo, vai chegando o final da feira, vai dando sempre as pessoas que precisam. Essa feira aqui nem tanto, por causa do bairro, mas a feira de amanhã na Vila Sabrina, ali tem bastante favela né, aí quando eu vejo que a pessoa necessita mesmo eu dou com certeza. Mas tem feirante que não dá não, as vezes joga no chão pro pessoal pegar do chão, coisa feia demais

Feira: Parada Inglesa (R. Cruz de Malta - Capão Redondo)

Entrevistado: Nanci - Feirante de hortaliças – Mãe de Marivaldo (Nome real)

(Dona Nanci estava toda maquiada e vestida pra festa, ela havia acabado de sair do casamento de sua filha e veio direto para o trabalho na feira)

N: Meu nome é dona Nanci, eu trabalho em feira em 1990, 32 anos de feira já, antes a gente tinha barraca de ferragens, aí depois nós compramos uma barraca de verdura e estamos aí até hoje.

M: Nesse tempo todo, o que a senhora acha que mudou?

N:Essa feira aqui era lá na rua de trás, na rua Elvira e mudou pra cá. E muitas outras coisas, antigamente a feira era boa, depois que os mercado entrou as feiras caiu, naquela época não tinha sacolão, não tinha mercado que vendia o que a feira vendia, agora tem tudo né. Aqui por exemplo, tem o Sacolão da fatura aqui perto, o Motta lá embaixo que vende, tá tudo colado um no outro.

Acho que mudou também, porque tem pessoas que não gostam da feira na rua de casa, do barulho de feira, porque incomoda né, essa rua aqui por exemplo o povo sempre faz abaixo assinado pra tirar. Há um tempo atrás eu e a baixinha ali (Maria Eunice) fomos na prefeitura, mas a feira é centenária então ninguém consegue tirar porque se tu não gosta, outros gosta, que nem você vê aqui, tá conversando, os velhinhos que gostam de vir comprar verdura da feira, o tomate, o alface. Outros vem comer um pastelzinho, conversar com quem conhece, não se pode tirar.

Quando a gente foi lá na prefeitura, é porque tinha um vereador que ele queria que deixasse dois anos na rua daqui e mais dois anos na rua de cima, cada dois anos ficar inventando, daí teve muita gente que votou e não deu certo, porque uma grande maioria gosta da feira, a juventude de hoje eu não sei não, mas os velhinhos gosta demais. A feira tem o preço, tem a qualidade, os preços são acessível pra muita gente, tem a hora da xepa então é isso aí, aí quem não tem vem nesse horário.

(Dona Nanci cita o PROJETO DE LEI 01-0660/2009 do Vereador Ricardo Teixeira - DEM)

Feira: Artur Alvim (Benedito Leal)

Entrevistada Isilda – feirante de Frutas (Nome fictício)

I: Meu nome é Isilda, eu tenho 15 anos de feira e 40 anos de idade

M: Isilda, fala pra mim, essa banca é sua?

I: Essa aqui é, mas não era antes não, eu trabalhei muitos anos na banca de um pessoal e depois de um tempo eu acabei comprando uma barraquinha pra nós, tirando a licença né, daí agora é nossa, tem bastante tempo já que é nossa.

M: Legal, e Isilda, de onde vem os produtos que você vende aqui na banca?

I: A gente pega lá no CEASA né, três vezes na semana a gente pega, um dia antes a gente vai lá e pega, seleciona e cuida e depois traz pra vender aqui, acorda cedo de madrugada e vai lá pegar, os meninos pegam o caminhão e vão.

M: você trabalha só aqui nessa feira?

I: Não, eu faço cinco feiras na semana, hoje aqui na Benedito, terça em Itaquera, quarta por lá também na COHAB e na quinta ali perto também, sábado na Águia de Haia. Daí segunda não tem feira.

M: Isilda me fala como é a relação de vocês com a prefeitura?

I: Olha é tudo regularizadinho aqui, a gente paga o carnê e aí ganha uma licença pra trabalhar, não tenho que reclamar não, as vezes aparece o fiscal aqui, pra olhar o espaço que a gente tá, se a gente tá vendendo o que tá na licença, mas só pega ambulante as vezes, a gente que ta tudo certinho fica tudo bem.

M: Isilda, você acha que as feiras estão sumindo? Pensando nesse tanto de tempo que você trabalha por aqui

I: Olha, eu não sei bem, porque assim, tem feira que eu trabalho desde sempre, então eu acho que elas não estão sumindo não, mas o que acontece muito é ela começar a diminuir, antes tinha feira que pegava 2, 3 quarteirões, hoje em dia tá em 1 só. Não sei se pela vida difícil que a gente leva, é uma vida dura, mas é uma vida digna, a gente trabalha pelo nosso sustento e isso é o que vale a pena nessa vida, trabalhar direito pra ganhar o nosso.

M: E pensando nisso ainda, você acha que mudou alguma coisa nesses seus anos de feira? Na feira eu digo

I: Olha, a gente vai se adaptando sabe, com a regulação da prefeitura, com horário, com o jeito de pagar, por exemplo, tem uns 10 anos que a gente começou a usar

maquininha de pagar no cartão, hoje em dia a gente já ta aceitando até o pix, aquele lá que paga direto sabe, isso faz com que a gente fique mais moderno, algumas feiras que eu já vi a prefeitura colocou banheiro químico e tudo mais, isso vai mudando tudo, e as pessoas né, as pessoas vão mudando, antes a gente tinha mais o pessoal mais velho vindo na feira, quer dizer, até hoje né, tem mais gente mais velha, os idosos vem muito, mas hoje vem também muito jovem, feira de domingo por exemplo, vem bastante família com filho pequeno, toma um caldo de cana e compra as coisas, isso faz que a feira vai se renovando sempre né, é uma ligação né, uma ligação do povo daqui com a feira daqui.

M: Isilda, agora eu queria que você falasse um pouco da sua rotina:

I: Olha, eu acordo 2h30 aí no dia de ir na CEASA a gente vai, compra e carrega e daí já vem pra cá, a gente chega aqui umas 5h começa a montar tudo, aí a feira aqui vai até umas 2h, a gente começa a desmontar, tem dia a gente vai na CEASA agora a tarde, daí eu chego em casa umas 7h até 8h, e já vai deitar né, pra acordar cedo de novo, é uma vida difícil, corrida, mas isso aqui é muito bom, a vida na feira eu digo.

M: Isilda, como a pandemia impactou a vida de vocês aqui?

I: Assim, a pandemia não mudou muito não, porque a gente não fechou e vou te dizer, por ser diferente mas encheu mais as feiras daqui, acho que o povo não tinha pra onde ir com tudo fechado aí vinha na feira né, que é aberto, então olha, as minhas vendas aumentaram bem durante a pandemia, bastante mesmo, agora voltou ao normal.

M: Já chegando no final, eu queria saber, como a feira impactou a sua vida?

I: Eu acho que a feira é minha vida sabe, tudo que eu tenho em casa eu consegui com a feira, tudo a gente conquistou daqui, aqui a gente faz amigos, aqui a gente se diverte, é uma bagunça, mas é uma bagunça legal, a gente tem nossos clientes e nossos amigos, não existe esse negócio de briga entre a gente, eu amo muito trabalhar com isso e dei de um tudo pras minhas crianças com a feira.

M: isso é muito significativo Isilda, eu fico muito feliz com isso, agora pra terminar, você poderia falar pra mim qual a importância das feiras pra cidade de São Paulo pra você?

I: assim, feira é qualidade né, é tradição na cidade, as pessoas gostam da feira, sempre tem um ou outro que não gosta, mas se não tivesse a feira a gente ir ser refém do mercado e lá os preços são absurdos, aqui na feira com um dinheirinho você come

bem e tem o horário mais barato também né, então é uma coisa boa pra São Paulo, bom, se não fosse ela não estaria aqui desde sempre que eu me conheço por gente né.

M: é isso aí!, muito Obrigada Isilda, foi muito importante sua contribuição.

Feira: Artur Alvim – Rua Benedito Leal

Entrevistado: Edson – feirante de hortaliças (Fictício)

M: Oi Edson, eu gostaria que você começasse falando um pouco sobre você, seu nome, sua idade e quanto tempo você tem de feira.

E: Meu nome é Edson, tenho 50 anos e mais ou menos 26 anos de feira. Eu comecei aqui com feira porque meu irmão começou a trabalhar com isso, ele trabalhava na banca de um pai de um amigo dele, daí ele me perguntou se eu queria vir trabalhar e eu vim, hoje eu trabalho por conta, a gente, eu e meu irmão, a gente tem a nossa banca agora.

M: Então a banca é de vocês né, que legal, pensando nisso, de onde vem os produtos que vocês trazem os produtos de vocês?

E: A gente pega com um japonês que produz lá em Suzano, a gente compra direto dele, ele produz e traz pra gente e a gente vende daí, a gente não trabalha pra ele, só compra dele, lá tem muitos assim né, que produzem, essa região de Suzano de Mogi, muita gente produz e não vem pra cidade né, as vezes gosta mais do campo.

M: E Edson, fala um pouco pra mim sobre a relação que vocês têm com a prefeitura:

E: oh, é uma relação bem de burocracia mesmo, mas a prefeitura não atrapalha não, quem paga direitinho eles dão o espaço certinho a licença né, se não imagina, ia ser uma bagunça, já em algumas feiras assim, um monte de ambulante que não tá regularizado, porque assim, a gente usa a rua né, aqui passa ônibus e passa carro e tudo mais, então tem que organizar tudo, além da limpeza né, logo que já vai acabando já vai chegando a limpeza da prefeitura pra deixar tudo limpo.

M: Edson, você acredita que as feiras em São Paulo estão sumindo?

E: Eu acho que sim, desde que eu comecei a trabalhar com feira, a feira tá diminuindo muito, parece que as pessoas não quer mais trabalhar com isso, pouco a gente vê gente nova da feira, daí vai sumindo aos poucos né.

M: Já que você falou desse tempo que você trabalha na feira, conta pra mim o que mudou:

E: Eu acho que mudou, tipo assim, muita coisa, a relação com as pessoas sabe, vem se distanciando, tem gente que acha que aqui é igual mercado, você vem e compra e vai embora e antes a gente via que criava um vínculo com o freguês, que ele vinha

pra conversar pra encontrar os amigos, agora a pessoa passa na correria, pega e vai embora.

M: Difícil mesmo né, pensando no seu dia a dia de feira, me conta como é a sua rotina:

E: Eu acordo umas 2h30 daí eu passo pra pegar o menino ali na casa dele e a gente já vai carregar a kombi pra ir pra feira, a gente chega na feira umas 4h30 e já começa montar, mas 7h já começa a chegar os cliente, a gente arruma tudo aqui, embala bem bonitinho, deixa tudo limpinho. É uma rotina muito complicada, não é todo mundo que aguenta ela não, principalmente porque você perde a convivência né, se a família não trabalha aqui a gente acaba nem vendo os filhos, chega tarde em casa, acorda cedo e assim vai indo, é a vida que eu escolhi né.

M: E conta pra mim, como a pandemia impactou a vida aqui na feira?

E: Olha, no começo foi difícil porque a gente não sabia se ia fechar ou não, aí tinha o medo de vir também né, porque a gente não sabia o que podia acontecer, eu por exemplo tive um irmão que eu perdi pra esse negócio de COVID, eu não sabia o que fazer, mas tinha que trabalhar pra ganhar o sustento né, é uma luta. Quando a gente já sabia como funcionava, o pessoal vinha mesmo pra feira, comprava e vinha, porque era arejado né, mas todo mundo de máscara, era obrigatório e a gente funcionou assim, hoje eu vejo que na feira a pandemia foi até boa, pra mim não foi não, pra minha família eu digo, mas eu como feirante foi boa.

M: Meus pêsames, Edson, desculpa tocar nesse assunto, não sabia que seria tão doloroso, me perdoe.

E: Tá tudo bem, tá tranquilo, já passou.

M: E como você acha que a feira impactou sua vida?

E: Eu gosto de feira né, senão não tava aqui a tanto tempo, a feira é bagunça, escuta só, não tem silêncio, tem sempre alegria, as vezes tem música, isso aqui é minha vida, eu gosto de estar aqui, eu sei que tem gente que não gosta, mas eu gosto muito.

M: E pra gente terminar, o senhor importância das feiras pra cidade de São Paulo?

E: eu vejo, eu vejo que assim, a feira ela tá aqui desde sempre e não vai sumir, faz barulho eu sei, tem gente que não gosta eu também sei, mas ela é importante pras pessoas aqui, as vezes no mercado as coisas são mais caras e com aquela cara murcha, mas aqui na feira é tudo fresco, tira ontem do chão e hoje tá no seu prato, isso não tem igual.

M: Muito obrigada por participar, Edson. Assim que eu tiver terminado de escrever eu te mando os resultados e tudo mais.

Feira: Artur Alvim

Feirante: Reginaldo – Feirante de legumes (nome real)

M: Reginaldo, obrigada por participar comigo hoje e contar sua história, pra começar eu queria que você se apresentasse, dizendo seu nome, quantos anos você tem e quantos anos de feira você tem

R: Bom, meu nome é Reginaldo, e trabalho com feira, não sei, talvez desde sempre, mas assim sozinho eu tenho 8 anos já. Eu trabalhava com a minha família na feira, daí meus pais se aposentaram e eu continuei, eu e meu irmão, a gente aluga essa barraca de um ex-feirante.

M: você sempre trabalhou com legumes?

R: Quase sempre, eu sim, meus pais trabalhavam com fruta, mas eu continuei com legumes porque eu achei que os preços se mantem mais que fruta né, fruta tem época, é complicado.

M: Eu queria que você começasse falando um pouco da sua rotina:

R: então, eu acordo de madrugada né, umas 2h daí eu pego meu irmão e a gente já vem vindo pra cá, a gente monta cedo e vai até umas 14h que a hora que a feira vai acabando, quando a gente sai daqui a gente vai pro CEAGESP, pra comprar as coisas pra amanhã né, depois disso a gente vai pra casa.

M: oloco, então é uma rotina bem cheia.

R: Pois é né e não tem final de semana não, é sempre na labuta, mas eu gosto dessa vida.

M: Reginaldo, você acha que as feiras estão diminuindo, desde que você começou?

R: eu acho que não, eu acho que tem bastante feira, pelo menos as que eu conheço nunca acabaram, talvez não sei, as pessoas se aposentam, mas sumir não, o povo gosta da feira né, tem sempre uma perto da sua casa, o povo passa pega umas coisa, come um pastel, acho que isso mantém a feira em pé.

M: Pensando nisso, você acha que as pessoas vêm pra feira por que? Pensando assim, na relação com os mercados:

R: Olha, feira é qualidade, tem 100 anos já que ela tá aqui, as vezes você vai no mercado, até mercado grande, aqueles que tem uma feira grande, as coisas não são frescas, as coisas ficam ali refrigeradas certo, mas não são frescas. Aqui na feira é tudo fresco, a gente pega em um dia e vende no outro é jogo rápido.

M: legal, Reginaldo, agora pensando na feira em si, o que você acha que mudou desde que você começou a trabalhar por aqui?

R: Ah, eu acho que mudou bastante, antes as pessoas vinham pra feira e gastavam mais sabe, elas tinham dinheiro pra gastar, agora a gente tá em uma situação de dinheiro e desemprego né, o povo tá sofrendo, aí pra gente é ruim também.

M: Pensando nisso de impacto, o que você acha que a pandemia impactou a feira?

R: Pra ser sincero, a pandemia foi a época que a gente mais vendia, não sei porque, o povo fazia mais comida em casa né, tava todo mundo em casa, daí eles vinham pra cá, aproveitam que aqui é aberto né, melhor pra gente, vendemos muito.

M: Como a feira impactou sua vida?

R: Em que você diz?

M: No geral

R: Eu nasci na feira né, isso aqui é minha vida desde pequeno, tudo que a minha família tem vem da feira, meus pais trabalharam muito pra dar isso aqui pra gente e agora eu trabalho nisso aqui e isso aqui me dá as coisas que eu tenho, eu gosto de trabalhar aqui, eu até pensei em trabalhar com outras coisas, mas no fim eu acabei aqui e gosto daqui.

M: E Reginaldo, pra acabar, qual a importância das feiras pra cidade de São Paulo pra você?

R: Eu acho que São Paulo é onde tem a mais feiras no Brasil e a gente chega onde muita coisa não chega, tipo mercado, as vezes o mercado que chega nos lugares não são grandes e não tem feira boa, a gente traz essa qualidade pras pessoas, elas vêm. Isso ninguém tira da gente.

Feira – Vila Madalena

Entrevistado – Rubens – Feirante de legumes (nome fictício)

R: Meu nome é Rubens, tenho 55 anos e trabalho com feira desde os 17 anos

M: Isso dá quantos anos deixa eu ver, quase uns 40 anos de feira, uau!

R: Dá 38 anos de feira, uma vida de feira, eu comecei trabalhando de empregado, daí fui crescendo e logo tentei arrumar minha própria licença pra trabalhar, daí eu arrumei e comecei a trabalhar com legume e não parei mais. Tô aqui até hoje.

M: Que legal Rubens, tanto tempo assim, você conhece tudo de feira com certeza né.

R: Pois é, a gente tenta

M: Rubens, de onde vem os produtos que você vende?

R: Eu pego na CEAGESP, três vezes por semana, segunda é dia de ir lá comprar as coisas, daí a gente seleciona, limpa e traz pra vender

M: E Rubens, essa banca é sua?

R: É, é minha e da minha esposa, mas tá no meu nome, a gente trabalha aqui e mais umas feiras aqui na região, na Sumaré, na Vila Ida, ali perto da PIO XI. A gente gosta de trabalhar por aqui, a gente mantém bem os preços e sempre tem freguês

M: E Rubens, qual a relação de vocês com a prefeitura?

R: Olha, a gente segue as coisas que a prefeitura manda né, a gente mantém tudo legalizado e tem o fiscal que vê isso tb, os 8 metros que tem as barracas no máximo, a hora né, porque não pode passar das 14h. tem feira que a gente sabe que passa, mas tem outras que sempre tem fiscal.

M: Você acha que as feiras em São Paulo estão sumindo?

R: Eu acho viu, porque quando eu comecei a feira era diferente, tinha bem mais gente pra comprar e pra vender, mas agora os mercados melhoraram a parte de legume e verdura e aí as pessoas já vão no mercado e já fazem a feira.

M: Mas pensando nisso, porque você acha que as pessoas mesmo com os mercados ainda vêm aqui pra feira?

R: Aqui é fresco né. Aqui a gente busca em um dia pra vender no outro e no mercado não é assim. No Mercado eles guardam lá a semana toda, mas você acha, os dias que tem feira por aqui, alguns mercados fazem promoção de produtos de feira, é sempre assim.

M: verdade né, agora Rubens, me fala um pouco da sua rotina:

R: Bom, nós acordamo umas 3h e vem montar a feira já, daí a gente faz a feira e depois dela, se for dia de ir pra CEAGESP nós vamo, daí a noite a gente volta pra casa.

M: É uma rotina bem corrida então né?

R: É bastante, é muito trabalho, mas tem recompensa, eu gosto dessa bagunça da feira e a gente faz muitos amigos, que trabalham aqui e os fregueses também, escuta só (nessa hora ele faz silencio pra gente ouvir a feira e se houve praticamente todas as barracas fazendo suas chamadas e promoções) isso é a feira, é a alegria. As vezes tem gente que não gosta, principalmente quem mora muito perto, porque começa muito cedo né, faz barulho, fica um pouco sujo. Mas feira é costume do povo, sempre existiu aqui em São Paulo.

M: E diz pra mim agora, como a pandemia impactou a feira?

R: Foi difícil no começo, o pessoal não vinha não, com medo né, a gente não fechou, eu por exemplo não fiquei em casa nenhum dia de trabalho, a gente precisa comer né. Mais pro meio assim o povo voltou a vir, com máscara, mas foi voltando, daí melhorou um pouco.

M: Já acabando agora, Como você acha que a feira impactou a sua vida.

R: A minha vida? Acho que tudo, eu vivo isso aqui desde sempre, já tentei trabalhar com outras coisas, eu já dirigi caminhão, mas eu voltei pra feira porque isso aqui é minha vida.

M: E por último, qual a importância você vê pra cidade de São Paulo?

R: Eu acho que já é uma coisa importante pra cidade, não tem cidade sem feira, o povo precisa comer e a gente traz a comida, a gente é importante pra comida do povo.

Feira: Vila Madalena

Entrevistado: Mateus – feirante de bananas (nome fictício)

MA: Bom, meu nome é Mateus, tenho 35 anos e trabalho com feira tem uns 9 anos já.

M: Mateus, essa banca é sua?

MA: Não, na verdade eu trabalho contratado, assim, tem a empresa né e a empresa monta a banca e eu e os outros a gente vem e trabalha pra eles. Tem o povo que carrega o caminhão e traz pra nós e a gente vende aqui.

M: Entendi, e de onde vem as bananas que vocês vendem aqui?

MA: A empresa pega direto com um produtor lá em Mogi, esse produtor tem vários tipos, aí a empresa compra e a gente vende.

M: Certo, bem interessante esse modelo. E Mateus, você acha que as feiras estão sumindo?

MA: Capaz! Não tá não, o que falta é mão de obra pra trabalhar, feira é trabalho duro, por exemplo, lá empresa sempre entra gente pra trabalhar, mas não fica, porque o trabalho é difícil, tem que acordar muito cedo. Nos final de semana por exemplo, a pessoa que sair, ir pra balada e não pode, porque 3h da manhã tem que estar carregando caminhão, tem gente que não vê futuro nisso.

M: Interessante, e Mateus como foi a pandemia pra vocês?

MA: Olha, foi boa viu, a gente não fechou e o povo queria comprar, acho que as pessoas pensaram mais na saúde, pode ser isso também, preocupação, mas a venda aqui da barraca subiu mais, a gente não dava conta de repor a mercadoria.

M: Esse panorama é bem interessante de se observar. E Mateus Como é a relação das feiras com os mercados?

MA: os mercados sempre quer acabar com as feiras né, mas aqui na nossa barraca é diferente, porque a empresa vende algumas coisas pra mercado pequeno também, então tem uma relação de concorrência que não é concorrência, é diferente.

M: E porque você acha que mesmo com os mercados a feira ainda continua?

MA: As pessoas buscam qualidade né, olha essas bananas que a gente traz, além do preço né, aqui a gente vende o palmo, no mercado é por kg e isso faz as pessoas virem porque aqui o kg varia, mas o preço não e isso faz a gente vender mais. E tem aquilo também né, tem gente que vem pra conversar, pra ter contato, lá no mercado você conversa com quem? com o caixa só, o calor humano sabe, isso faz diferença. Ainda mais na pandemia que todo mundo ficou em casa.

M: E nesses anos que você trabalha com feira, você a acha mudou muito?

MA: Mudou muito, não sei te explicar, mas a feira de hoje não é a mesma de antes não, acho que as pessoas sabe, elas são diferentes elas agora são mais exigentes, porque antes não tinha toda essa opção, agora tem, agora se o produto não é bom a pessoa vai embora, além do preço né, o povo tá sem dinheiro, esse governo maldito ai, desculpa falar, mas o povo passando fome, a xepa tá sempre cheia, é uma tristeza.

M: É uma tristeza mesmo, meu Deus. E Mateus, conta um pouco da sua rotina:

MA: Eu acordo cedo, umas 2h00, porque eu moro em Osasco né, daí eu vou pra empresa, lá a gente carrega o caminhão e vai pra feira do dia, monta a barraca e começa o dia, depois a gente desmonta a barraca, volta pra empresa pra deixar o caminhão. O Povo que busca a mercadoria vai buscar e eu vou pra casa, isso já é tarde.

M: E pra acabar, qual a importância que você vê nas feiras pra cidade de São Paulo?

MA: é importante porque é uma coisa que existe aqui faz tempo né, a feira é a feira sabe, não nada parecido, o mercado existe, mas fresco e com qualidade igual a feira não tem não. Isso é importante demais.